



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**



MICHELLE PACHECO GÓMEZ

**DESINFORMAÇÃO NA INTERNET:
O QANON COMO REGIME DE INFORMAÇÃO**

Salvador
2023

Michelle Pacheco Gómez

**DESINFORMAÇÃO NA INTERNET:
O QANON COMO REGIME DE INFORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nídia Maria Lienert Lubisco

Salvador
2023

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G633d Gómez, Michelle Pacheco.

Desinformação na Internet: O Qanon como Regime de Informação. /
Gómez, Michelle Pacheco – Salvador, 2023.
108 f. il.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Nídia Maria Lienert Lubisco
Dissertação (Mestrado) – PPGCI/UFBA

1. Desinformação. 2. Fake News. 3. Regimes de Informação. 4. QAnon. 5.
Pós-verdade. I. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da
Informação. II. Lubisco, Nídia Maria Lienert. III. Título.

CDU 007 (043)

MICHELLE PACHECO GÓMEZ

Desinformação na Internet: O QAnon como Regime de Informação

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção de grau de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 04 de julho de 2023.

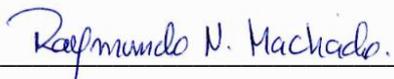
Banca Examinadora



Prof.^a. Dra. Nídia Maria Lienert Lubisco - Orientadora – UFBA



Prof.^a. Dra. Isa Maria Freire - Membro Externo Titular – UFPB



Prof. Dr. Raymundo das Neves Machado - Membro Interno Titular – UFBA

Para todos os esquisitos, estranhos, desajustados, que pensam jamais poderão ser alguma coisa.

Para todas as crianças prodígio que o mundo esperou demais e se tornaram adultos que nunca puderam atender às expectativas.

Para o medo, pois foi o medo de um futuro sombrio que me levou a pesquisar.

Para a esperança, pois sem ela não existiria motivo para escrever.

AGRADECIMENTOS

Aos que estiveram ao meu lado e de alguma forma tornaram possível esta trajetória: meu filho, meu marido, meus pais, minha gata.

À minha orientadora, sem ela nada teria sido possível.

Aos que contribuíram: PPGCI/UFBA, meus queridos professores, meus colegas, o melhor grupo de pesquisa: GEINFO.

Obrigada por me ajudarem a deixar esta marca no mundo!

“The good that men do is oft interrèd with their bones; But the evil that men do lives on”

(Iron Maiden – The evil that men do)

GÓMEZ, Michelle Pacheco. **Desinformação na Internet: o QAnon como Regime de Informação**. 2023. Orientador: Nídia Maria Lienert Lubisco. 108 f. il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RESUMO

Este estudo enfoca os Regimes de Informação em sua relação com os contextos sociais nos quais eles se inserem, atuando de forma dominante para disseminar informações e para influenciar a sociedade conforme as ideias veiculam. Nesse contexto, a informação é concebida em seu papel de redutora de incertezas, enquanto a desinformação pode ser compreendida pela repercussão de vários termos, dentre os quais estão as notícias falsas, responsáveis por unir o conteúdo falso e a intencionalidade de quem dissemina, o que abala a confiança nas instituições formais de conhecimento. Assim, ganhou força a teoria da conspiração QAnon. Portanto, o **tema** desta pesquisa é a desinformação e o recorte temático é a desinformação na Internet por meio de Regimes de Informação, tomando-se como exemplo o QAnon, com foco nas *fake news* que ele divulga. O **objetivo** estabelecido foi caracterizar o QAnon como um Regime de Informação que dissemina desinformações, com consequências informacionais para a sociedade. Quanto à **metodologia**, é uma pesquisa exploratório-descritiva, tendo-se como procedimento a pesquisa documental, com estudo de caso. A abordagem é qualitativa e a técnica utilizada é a análise de conteúdo com observação não participante. Como **análise dos resultados**, exibe-se a forma como o usuário “Q” utiliza sua rede de seguidores para disseminar informações falsas. Encerra-se apresentando como o QAnon modelou um Regime de Informação baseado em dogmatismo. Os temas por ele abordados estão organizados de maneira temática e daí inferiram-se os pontos nevrálgicos que o usuário “Q” buscou atingir.

Palavras-chave: desinformação; *fake news*; Regimes de Informação; QAnon; pós-verdade.

GÓMEZ, Michelle Pacheco. **Disinformation on the Internet: QAnon as an Information Regime**. 2023. Supervisor: Nídia Maria Lienert Lubisco. 108 s. ill. Dissertation (Masters in Information Science) – Science Information Institute, Federal University of Bahia, Salvador.

ABSTRACT

This study focuses on the Information Regimes in their relationship with the social contexts in which they are inserted, acting in a dominant way to disseminate information and to influence society according to the ideas they convey. In this context, information is conceived in its role of reducing uncertainty, while disinformation can be understood through the repercussion of various terms, among which are fake news, responsible for uniting false content and the intentionality of those who disseminate it, which undermines trust in formal institutions of knowledge. Thus gained strength the QAnon conspiracy theory. Therefore, the **theme** of this research is disinformation and the thematic focus is disinformation on the Internet through Information Regimes, taking QAnon as an example, focusing on the fake news it disseminates. The established **objective** was to characterize QAnon as an Information Regime that disseminates misinformation with informational consequences for society. As for the **methodology**, it is an exploratory-descriptive research, using documentary research as a procedure, with a case study. The approach is qualitative and the technique used is content analysis with non-participant observation. As an **analysis of the results**, it shows how the user “Q” uses his network of followers to spread false information. It ends by presenting how QAnon modeled an Information Regime based on dogmatism. The themes addressed by him are organized thematically and from there the points that the user “Q” sought to reach were inferred.

Keywords: misinformation; fake news; Information Regimes; QAnon; post-truth.

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

Figura 1	Pirâmide de Engajamento	35
Figura 2	Incidências práticas de <i>mis-</i> , <i>dis-</i> e <i>mal-information</i> de acordo com a intencionalidade	44
Figura 3	Representação dos requisitos para se configurar uma <i>fake news</i>	51
Figura 4	Postagem de “Q” em 28 de outubro de 2017	62
Figura 5	O Mapa do Grande Despertar	65
Figura 6	Caracterização de conteúdos produzidos e disseminados pelo QAnon (2017-2022)	90
Figura 7	Representação da tabela de conteúdos produzidos e disseminados pelo QAnon (2017-2022)	91

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REGIME DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES DE PODER	17
3	A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DA DESINFORMAÇÃO	40
3.1	CONCEITOS E CARACTERIZAÇÃO	40
3.2	AS <i>FAKE NEWS</i> : GÊNESE E FUNCIONAMENTO	49
3.3	QANON: ORIGEM, CRENÇAS E ATUAÇÃO	60
4	CONTEXTO METODOLÓGICO	77
4.1	ENQUADRAMENTO: QANON COMO REGIME DE INFORMAÇÃO	77
4.2	O MÉTODO	80
4.3	PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	83
5	ANÁLISE DE DADOS	90
5.1	AS POSTAGENS DO QANON	90
5.2	INFERÊNCIAS E RESULTADOS	95
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
	REFERÊNCIAS	103

We're all living in Amerika
Amerika, it's wunderbar
We're all living in Amerika
Amerika
Amerika

Wenn getanzt wird will ich führen
Auch wenn ihr euch alleine dreht
Lasst euch ein wenig kontrollieren
Ich zeige euch wie's richtig geht

Wir bilden einen lieben Reigen
Die Freiheit spielt auf allen Geigen
Musik kommt aus dem Weißen Haus
Und vor Paris steht Mickey Mouse

Ich bin schritte dieser nützen
Und werde euch vor Fehltritt schützen
Und wer nicht tanzen will am schluss
Weiss noch nicht dass er tanzen muss

Wir bilden einen lieben Reigen
Ich werde euch die Richtung zeigen
Nach Afrika kommt Santa Claus
Und vor Paris steht Mickey Mouse

We're all living in Amerika
Coca Cola
Wonderbra
We're all living in Amerika
Amerika
Amerika

This is not a love song
This is not a love song
I don't sing my mother tongue
No, this is not a love song

(Rammstein – Amerika)

1 INTRODUÇÃO

Ao falar de “informação”, é necessário destacar o seu papel de “[...] redutora de incertezas, entropia negativa, fator de homeostase, força básica, utilidade pública, algo que é transmitido em um processo de comunicação”. (BRAGA, 1995, p. 2) Assim, evidencia-se a relevância de conceber a informação em sua função de transmitir informações verdadeiras. Mas essa, na prática, não é uma visão consensual, haja vista o aumento da circulação de notícias falsas na Internet, fenômeno que tem levantado expressões como *fake news* e desinformação, questionando, assim, a fidedignidade das informações dispostas por usuários da Internet e até de redes de comunicação amplas, como jornais. (LEITE; MATOS, 2017)

O termo *fake news* vem ganhando popularidade na mídia mundial nos últimos anos, cabendo destacar que existe diferença conceitual em relação à desinformação, conforme será tratado adiante. Em um universo globalizado e de constantes trocas de informações, em especial devido ao avanço da rede mundial de computadores, e em meio ao grande fluxo de dados, há também informações falsas, inverídicas, distorcidas e produzidas com intenções maliciosas de enganar os leitores, compartilhadas de maneira proposital ou não.

Para efeito deste estudo, há que se considerar a relação íntima da informação com a comunicação. Sob esse enfoque é que se trata aqui dos Regimes de Informação (RI), a partir da literatura de Ciência da Informação, mediante a contribuição de autores como González de Gómez (2002) e Frohmann (1995). Escolheu-se, assim, explicar os RI como o conjunto de condições que possibilitam a circulação de informações. Por suas singularidades, eles se relacionam com os contextos sociais nos quais estão inseridos, atuando de forma dominante para disseminar determinadas informações tal qual uma teia, exercendo influência dentro do grupo, conforme as ideias transitam de um ponto originário para os demais. Assim, extrapolando a concepção ideal de RI, é possível uma entidade localizar-se no centro de um sistema e atuar como fonte de informação primária, repartindo determinados conteúdos por canais, tal qual a Internet, e garantindo que diversas pessoas acreditem e repliquem essas ideias, fazendo com que se disseminem, e não apenas isso, mas também gerem um efeito quase definidor para os crédulos. Essa situação pode sugerir a veiculação maléfica de informações conforme o objeto selecionado para este estudo, apresentado a seguir.

Esta foi a forma encontrada pelo usuário anônimo conhecido como “Q”, o QAnon, para difundir a sua mensagem, utilizando-se da Internet como meio de transmissão. Essa teoria nasceu no fórum virtual e anônimo **4chan**. Dando início às postagens em 28 de outubro de 2017, um usuário utilizando o nome de “Q” publicou diversos textos nos quais alegava ser um

membro infiltrado no governo dos Estados Unidos que sabia a verdade sobre uma luta secreta pelo poder, envolvendo o então presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, o “estado profundo”, entre outras situações. (WONG, 2018)

Mesmo depois de dois anos e mais de 3.500 posts, a identidade de “Q” permanece um mistério, e o usuário mantém sua narrativa conspiratória de que Trump foi recrutado pelos militares norte-americanos para concorrer à presidência dos Estados Unidos como forma de acabar com o esquema já global de pedofilia. (MCINTIRE; ROOSE, 2020)

Nesse contexto, o presente trabalho justifica-se por abordar um tema atual no âmbito da Ciência da Informação, que é a disseminação de informações falsas, uma vez que são dotadas de potencial destrutivo.

O QAnon ainda é um assunto pouco explorado no Brasil, o que lhe confere um caráter inovador, em especial na correlação com os Regimes de Informação e os autores selecionados. Até o momento da propositura desta pesquisa, em 2020, não havia trabalhos acadêmicos publicados no Brasil sobre o QAnon. Em 2022, no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, este foi o primeiro trabalho sobre o tema na área de Ciência da Informação.¹

O indivíduo conhecido como QAnon merece especial destaque, pois as ações perpetradas por ele ou pelo grupo de pessoas que ele representa vêm interferindo de maneira ativa na sociedade americana, já tendo sido considerado um movimento terrorista e de ameaça doméstica pelo Federal Bureau of Investigation (FBI). Esse fato dá-se, em especial, pela forma como se espalham suas ideias, levantadas como pseudodefesa de crianças contra a pedofilia, considerada pelo grupo como institucionalizada no país. De acordo com a crença mais poderosa e também perigosa do grupo de extrema-direita, apenas o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, é capaz de acabar com a rede de tráfico infantil comandada por satanistas. Note-se que não existe qualquer embasamento técnico ou científico, não há prova que sustente tais hipóteses, apenas as palavras de um usuário anônimo na Internet conhecido como “Q”.

Assim, este trabalho se propõe a aprofundar os estudos acerca das mensagens disseminadas por “Q”, para além das consequências das eleições presidenciais americanas e da relação com o movimento *Save the Children* (Salvem as Crianças). Ademais, o perigo à saúde pública é evidenciado quando, durante a pandemia de Covid-19, os seguidores do QAnon difundiram suas crenças com ideias antivacina e antimáscaras, mostrando o negacionismo para

¹ Levantamento feito no Google Acadêmico, bem como na biblioteca virtual SciELO e na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), usando o termo de busca “QAnon” e o idioma português (scholar.google.com.br, <https://scielo.org> e <https://brapci.inf.br>).

com a ciência, com a doença e as respectivas consequências, pois para eles tudo se tratava de uma mentira da grande mídia para desestabilizar o governo.

A importância do tema está no alerta para a população brasileira, que tem se mostrado cada vez mais receptiva às *fake news*, alienada pelas redes sociais e em luta constante contra os meios de informação tradicionais e contra a palavra das entidades especializadas em saúde e de cientistas. Porém, apenas conhecendo bem a situação é que esse fenômeno poderá ser evitado.

Nesse contexto, o **tema** desta pesquisa é a desinformação e o **recorte temático** é a desinformação na Internet por meio de Regimes de Informação. Assim, o foco são as publicações divulgadas pelo QAnon, a fim de abordar a desinformação na Internet pela disseminação de *fake news* por parte de “Q”, utilizando-se de Regimes de Informação.

Quanto à **questão de partida**: “De que forma o QAnon se estabeleceu como um Regime de Informação para disseminar desinformações?”, trata-se de uma questão motivada pela identificação do seguinte **problema de pesquisa**: os usuários consomem e disseminam desinformações do QAnon pelo ciberespaço.

Para responder à questão de partida foram definidos os seguintes objetivos: o **objetivo geral**, caracterizar o QAnon como um Regime de Informação que dissemina desinformações com consequências informacionais para a sociedade; e os **objetivos específicos**, descrever a trajetória e as ações do QAnon; apresentar o QAnon como Regime de Informação; e caracterizar os seguidores de “Q” como parte do Regime de Informação.

Atendendo a tais objetivos, a estrutura do presente trabalho se inicia com a explanação dos Regimes de Informação e as relações de poder por eles estabelecidas; segue-se com a discussão da disseminação da informação e da desinformação, seção na qual são abordados seus conceitos e caracterizações, as *fake news* e a sua gênese e funcionamento, além do QAnon, sua origem, crenças e sua atuação; em seguida, apresenta-se o contexto metodológico, em que se desenvolve o enquadramento do QAnon como Regime de Informação, o método da pesquisa e os procedimentos para a coleta de dados; por fim, apresenta-se a análise de dados referente às postagens do QAnon, além das inferências e resultados.

Para desenvolver esta pesquisa, optou-se pelo seguinte percurso metodológico: trata-se de uma **pesquisa exploratório-descritiva**, como forma de proceder a uma aproximação primária ao tema; os métodos mais adequados ao objeto de estudo são, quanto ao procedimento, o de **pesquisa documental**, por valer-se de materiais de fonte primária, bem como o **estudo de caso**, uma vez que as ações do QAnon fomentam a investigação de um fenômeno contemporâneo em seu contexto no mundo real, com diversas variáveis.

A **abordagem é qualitativa**, com foco na compreensão do fenômeno, com ênfase no aspecto subjetivo. Já as técnicas a serem utilizadas são **análise de conteúdo**, por ser uma pesquisa documental que se servindo dos textos originais do usuário “Q”, com **observação não participante**, para a obtenção de determinados aspectos da realidade, analisando o meio em que tais textos foram divulgados e as consequências dessa ação. Por fim, o **universo** estudado é o ciberespaço, especificamente os fóruns e sites nos quais o usuário anônimo efetuou suas postagens, bem como as pessoas que tiveram contato com tais materiais.

Quanto às considerações finais, destacam-se as *fake news* e a desinformação como conceitos que andam juntos na Ciência da Informação, frisa-se igualmente nessa seção avanços e novas perspectivas sobre ambos os temas, no tocante aos estudos sobre Regimes de Informação, tendo-se como exemplo o usuário “Q”, inserido como tal ao se utilizar de redes de pessoas que propagam as informações falsas por ele divulgadas.

Logo, vê-se o poder que caracteriza a existência de “Q” e da teoria QAnon, que se espalha nos Estados Unidos da América, defendendo um ex-presidente e ex-candidato à reeleição com base em notícias falsas, o que demonstra a capacidade da disseminação da informação como um Regime de Informação.

Destacam-se também os objetivos, com indicação de seu cumprimento, além das limitações da pesquisa e das perspectivas que ela oferece.

Don't wanna be an American idiot
Don't want a nation under the new mania
And can you hear the sound of hysteria?
The subliminal mind-f*ck America

Welcome to a new kind of tension
All across the alien nation
Where everything isn't meant to be okay
Television dreams of tomorrow
We're not the ones who're meant to follow
For that's enough to argue

Well, maybe I am the f*ggot, America
I'm not a part of a redneck agenda
Now everybody do the propaganda
And sing along in the age of paranoia

Don't want to be an American idiot
One nation controlled by the media
Information age of hysteria
It's calling out to idiot America

(Green Day – American Idiot)

2 REGIME DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES DE PODER

A literatura de Ciência da Informação, com a contribuição de diversos autores, conceitua Regimes de Informação como o conjunto de condições que possibilitam a circulação de informações. Por suas singularidades, eles se relacionam aos contextos sociais nos quais estão inseridos, atuando de forma dominante para disseminar determinadas informações tal qual uma teia, exercendo influência dentro do grupo conforme as ideias transitam de um ponto originário para os demais. Assim, uma entidade poderia focalizar-se no centro e atuar como fonte de informação primária, repartir, dessa maneira, determinados conteúdos pelos canais apropriados, como a Internet, e garantir que diversas pessoas acreditem e repliquem tais ideias, fazendo com que se disseminem, e não apenas isso, mas também gerem um efeito quase definidor para os crédulos.

Antes, no entanto, de seguir por essa discussão, é válido abordar a respeito do que seria o poder em tal ambiente, visto que os Regimes de Informação atuam conforme esse conceito.

Castells (1999, p. 51) postula que o conceito de poder é “[...] aquela relação entre os sujeitos humanos que, com base na produção e na experiência, impõe a vontade sobre os outros pelo emprego potencial ou real de violência física ou simbólica”.

Bourdieu (1989) contrasta essa visão com a do poder simbólico, relacionado à construção do dado pela enunciação, a fazer ver e crer, confirmar e transformar a visão do mundo, bem como a ação sobre este, obtendo assim o mesmo resultado que aquele obtido pela força, mas utilizando-se de um efeito específico que envolve a mobilização, resultado de uma relação entre os que exercem e os que lhe estão sujeitos, estando no mesmo campo da crença. É o poder das palavras para manter ou subverter a ordem, uma crença na legitimidade do discurso e também de quem o pronuncia.

Weber (1982), por sua vez, aborda o poder como a oportunidade da imposição da vontade de um indivíduo sobre o outro ou sobre um grupo no interior de uma relação social, independentemente de qual era a vontade original dessa segunda pessoa ou grupo de pessoas. Assim, o autor utiliza um conceito que perpassa muito mais a dominação, um vínculo entre dominantes e dominados exercido em uma única direção da força.

Já Bobbio (2007) identifica três formas de poder: econômico, ideológico e político, das quais se destaca a segunda, para efeito deste estudo. Trata-se de um poder que se vale da posse de certas formas de saber, o que envolve uma ampla gama de informações, com a finalidade de exercer influência sobre comportamentos, induzindo membros de um determinado grupo a realizar ou não uma ação. Tal condicionamento deriva diretamente da importância que se dá

aos detentores desse saber, indivíduos investidos de autoridade, contribuindo muitas vezes para a manutenção do status quo.

Dessa forma, observa-se o contraste entre o poder físico e o poder que representa uma visão muito mais delicada que não precisa da coerção violenta para existir, podendo ser chamado de simbólico ou ideológico. O segundo fica atrelado intimamente à política, uma vez que se relaciona à habilidade argumentativa como forma de exercer esse poder sobre as pessoas, influenciar suas ações, pensamentos, inclusive alterar o curso da história e criar oportunidades que sejam úteis àqueles que estão no topo da cadeia de comando, tudo isso trabalhando com a opinião pública.

Foucault (2013), na célebre obra *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, apresenta o conceito da microfísica do poder, segundo o qual vai estudar o poder em sua concepção não como uma propriedade, um domínio sobre o outro, mas sim ao que chama de rede de relações, as manobras, táticas e técnicas que permeiam tais vínculos ativos entre os seres humanos em sociedade, partindo daqueles que estão em posição dominante sobre os que ocupam o posto de dominados:

Este poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente, como uma obrigação ou uma interdição, àqueles que ‘não o detêm’; investe-os, passa por e através deles; apoia-se neles, tal como eles próprios, na sua luta contra o poder, se apoiam no domínio que exerce sobre eles. (FOUCAULT, 2013, p. 27)

Assim, o autor aborda relações que estão profundamente enraizadas na sociedade, abrangendo todos os níveis da vida humana, não precisando necessariamente pautar-se em violência ou agressão física, mas também inseridas na disciplina, na qual as pessoas são compelidas a obedecer a um certo tipo de poder ao qual se sujeitam.

De igual forma, aborda as relações de “poder-saber”, segundo as quais o poder produz saber atuando de maneira conjunta, uma vez que “[...] não há relação de poder sem constituição relativa de um campo de saber, nem saber que não pressuponha e não constitua simultaneamente relações de poder”. (FOUCAULT, 2013, p. 27) Isso pode ser facilmente observado sob o prisma dos Regimes de Informação, uma vez que a relação de poder existente dentro desse sistema informacional proporciona a circulação de saberes entre as partes que o compõem.

Como bem destaca González de Gómez (2012), o Regime de Informação passa a remeter às relações que a autora chama de informação-poder, sustentadas pelo pressuposto de que a informação seria aquilo que circula e dinamiza as tecnologias digitais. Da mesma forma,

a autora acrescenta que, na atualidade, o domínio do poder informacional é da escrita e do discurso, como se vê na Internet, não mais das antigas instituições, o que pode ser facilmente averiguado ao se constatar como qualquer pessoa tem a facilidade de publicar material on-line e divulgar, alcançando um grande número de consumidores.

De acordo com Braman (2004, p. 13, grifo nosso), faz-se necessário saber que os regimes envolvem três aspectos:

Governo (as instituições formais, regras e práticas de entidades geopolíticas de base histórica); **governança** (as instituições formais e informais, regras, acordos e práticas de atores estatais e não estatais, cujas decisões e comportamentos têm um efeito constitutivo na sociedade); e **governamentalidade**² (o contexto cultural e social de onde surgem os modos de governança e pelos quais eles são sustentados).³

Ou seja, quando se está falando sobre regimes, de modo geral, deve haver inicialmente uma relação hierárquica, havendo alguém que está no topo e será o responsável por comandar aquele regime em questão. Da mesma forma, esse governo deve ter governança, isto é, a capacidade de conduzir, mantida pelas estruturas tácitas e expressas na organização na qual se insere e que permite que ditem as regras inerentes à posição de poder. Por fim, a governamentalidade, que é a sustentação pelo povo para que o regime possa se manter, aceitando as normas a ele impostas, permitindo que aquele governo exerça a sua governança.

Braman (2004) aborda em sua obra a importância dos regimes para a política de informação global, uma vez que é útil para identificar tendências comuns em fenômenos e processos. Também defende que os estudos de tais regimes servem para fornecer bases para análises de novas instituições, ferramentas de políticas, comportamentos e relações, opondo-se a enxergar tais transformações apenas como deteriorações simples dos sistemas preexistentes. A autora também trata de um dos principais problemas que os formuladores de políticas de informação encontram: a dispersão da tomada de decisões, seguindo por diversos locais e participantes.

² Optou-se aqui por adotar o neologismo do texto original para evitar perda de significado ao traduzir. Vide: <https://www.britannica.com/topic/governmentality>.

³ Government (the formal institutions, rules and practices of historically based geopolitical entities); governance (the formal and informal institutions, rules, agreements, and practices of state and non-state actors the decisions and behaviours of which have a constitutive effect on society); and governmentality (the cultural and social context out of which modes of governance arise and by which they are sustained).

Vale destacar também o que Braman (2004, p. 20) diz sobre a formação do regime: “[...] é o processo pelo qual novas formas de política emergem do campo político. Ocorre quando fatores internos ou externos à área temática requerem transformações nas leis e regulamentos”.⁴

A autora aborda o regime, mais especificamente o regime informacional, em sua função principal de redutor de incertezas. Os regimes são responsáveis por pacificar conteúdos que, de outra forma, provocavam conflitos dentro de um determinado meio. Assim, por meio de políticas domésticas, aplicando regras comuns a todos os envolvidos, é possível se resolver debates controversos. Ainda cita que “[...] os regimes também podem reduzir a intensidade do conflito, remodelando os interesses dos atores e permitindo mudanças de posição”.⁵ (BRAMAN, 2004, p. 25)

Esse é um ponto crucial ao se abordar o poder de convencimento dos Regimes Informacionais, uma vez que eles agem em muitos momentos com a finalidade de persuadir aqueles que fazem parte do grupo social no qual estão inseridos, de modo a unificar o pensamento sobre um determinado assunto, bem como a padronizar a conduta diante de uma determinada situação, conduzindo a uma postura unificada. Tal aspecto será amplamente discutido no decorrer da presente pesquisa.

Partindo, então, para algumas conceituações a fim de elucidar o que são e como funcionam os Regimes de Informação, antes de mais nada, de acordo com Frohmann (1995, p. 21):

[...] quando pensamos sobre os fluxos de informação girando ao nosso redor, sejam eles culturais, acadêmicos, financeiros, industriais, comerciais, institucionais ou seus muitos híbridos, percebemos que eles têm formas e estruturas específicas. Chamemos, portanto, qualquer sistema ou rede mais ou menos estável em que a informação flui através de canais determináveis de produtores específicos, por meio de estruturas organizacionais específicas, para consumidores ou usuários específicos, um regime de informação. Transmissão de rádio e televisão, distribuição de filmes, publicações acadêmicas, bibliotecas, fluxos de dados transfronteiriços, a infobahn emergente: todos são nós de redes de informação ou elementos de regimes específicos de informação.⁶

⁴ Regime formation, then, is the process by which new policy forms emerge out of the policy field. It occurs when factors internal or external to the issue area require transformations in law and regulation.

⁵ Regimes can also reduce conflict intensity by reshaping actors' interests and enabling shifts in position.

⁶ And when we think about the information flows swirling around us, whether cultural, academic, financial, industrial, commercial, institutional, or their many hybrids, we realize that they do have specific forms and structures. Let us therefore call any more-or-less stable system or network in which information flows through determinable channels from specific producers, via specific organizational structures, to specific consumers or users a regime of information. Radio and television broadcasting, film distribution, academic publishing, libraries, transborder data flows, the emerging infobahn: these are all nodes of information networks, or elements of specific regimes of information.

Assim, Frohmann aborda os Regimes de Informação como sistemas pelos quais a informação deverá fluir, utilizando-se de estruturas organizacionais com fins de atingir a usuários específicos, deixando claro que diversos meios de comunicação, quaisquer que sejam, responsáveis por manter tais fluxos, tornam-se elementos desse regime, ao que poderia facilmente incluir a rede mundial de computadores — a Internet.

No decorrer de sua obra, Frohmann (1995) aborda como o foco em problemas instrumentais e epistemológicos pode acabar por dominar a atenção de questões relativas à forma como o poder é exercido em relações sociais mediadas pela informação. Além disso, sinaliza para a maneira com a qual o domínio da informação é atingido e mantido por grupos específicos, o que gera formas também específicas de dominação, que estão comumente relacionadas a questões raciais, de classe, sexo e gênero, sempre imbricadas com o exercício do poder sobre a informação. Nota-se, então, que não se trata apenas de deter ou não um determinado conhecimento, mas também de controle social das maiorias sobre as minorias.

O domínio da informação e como se dá esse domínio, portanto, são questões que devem ser estudadas para melhor se compreender a relação com os aspectos levantados. O autor considera que essa discussão deve ser prioridade em vez de apenas se estabelecer medidas para implementar políticas de informação, o que implicaria dizer que a Ciência da Informação deveria ultrapassar a fronteira de seu objeto informacional e assumir uma postura muito mais pragmática dentro das consequências sociais.

Também vale destacar que, segundo a visão de Frohmann a respeito dos Regimes de Informação, eles são percebidos como redes, com normas específicas de atuação, compostas por uma ampla gama de atores, sejam eles individuais ou coletivos, humanos ou não humanos (incluindo os mais variados dispositivos tecnológicos ou objetos a serem utilizados pela rede), considerando as relações de poder existentes em tais interações e nos nós desse complexo entrecruzamento. No mais, o autor aborda os Regimes de Informação, como compostos heterogêneos de redes, parte integrante da política da informação e também da gestão, uma vez que englobam a distribuição de informações pelos produtores para as comunidades, as quais alimentam pelos canais específicos.

Assim, a informação constitui objeto a ser utilizado para manobras de manutenção de poder pelos grupos dominantes, o que é apenas reiterado pelo uso constante dos Regimes de Informação, já muito bem estabelecidos no contexto social. Claro que tais regras permitem exceções e sempre novos meios de manutenção de poder podem ser estabelecidos, buscando atender a uma agenda pré-estabelecida.

Frohmann (1995, p. 21) ainda pontua que:

Um objetivo legítimo e premente da pesquisa em política de informação é a representação clara dos regimes de informação: como eles se originam e se estabilizam; como eles determinam as relações sociais e como formas específicas de poder são exercidas neles e por meio deles.⁷

Dessa maneira, o estudo das políticas de informação irá abranger o estudo dos Regimes Informacionais, visto que o primeiro irá compreender o segundo quanto às origens e também quanto à forma de se estabelecer em um determinado meio. Não apenas isso, vai abarcar a forma como os regimes atuam de maneira determinante nas relações sociais em que estão inseridos na teia de conexões da qual fazem parte, e são o ponto de partida informacional, exercendo assim seu poder de dentro para fora por meio dessas mesmas intrincadas redes.

Com base nessa declaração, pretende-se caracterizar o QAnon como o mentor de um potencial Regime de Informação, de forma a dissecá-lo, dentro do que for possível nas fontes abertas de informação, quanto à origem do que se tornou um movimento tão poderoso quanto uma religião, além de se traçar explicações para o funcionamento desse usuário anônimo na sociedade norte-americana, de maneira a determinar as relações de grupos exercendo poder de mando sobre eles.

Segundo Frohmann (1995, p. 22),

[...] Descrever um regime de informação significa mapear os processos agonísticos que resultam em estabilizações provisórias e incômodas de conflitos entre grupos sociais, interesses, discursos e até artefatos científicos e tecnológicos. O arcabouço teórico para estudos de PI [políticas de informação] deve ser suficientemente rico para compreender as complexidades dessas interações.⁸

O estudo de um Regime de Informação, portanto, em sua caracterização e descrição, passará necessariamente pelo mapeamento de tais processos que culminam na estabilização de conflitos, destacando para tanto os mesmos grupos sociais, interesses, os discursos que permeiam tais comunidades e também as tecnologias utilizadas para disseminar as informações,

⁷ A legitimate and pressing objective of information policy research is the perspicuous representation of regimes of information: how they originate and stabilize; how they determine social relations, and how specific forms of power are exercised in and through them.

⁸ Describing a régime of information means charting the agonistic processes that result in tentative and uneasy stabilizations of conflicts between social groups, interests, discourses, and even scientific and technological artifacts. The theoretical framework for IP studies must be sufficiently rich to comprehend the complexities of these interactions.

tudo organizado sob a malha dos estudos em política da informação, visto tratar de interações complexas.

Para Bezerra (2017), “[...] o autor deseja fugir de uma visão instrumental que se preocupa apenas com a eficiência de fluxos informacionais, sem considerar a mútua implicação e dependência entre ciência, tecnologia, relações sociais e discursos”, forma pela qual nota-se uma opção de Frohmann por focar os processos e as relações dentro dos Regimes de Informação.

González de Gómez (2002, p. 34) também contribui com sua própria definição acerca da matéria:

[...] Designaria um modo de produção informacional dominante em uma formação social, conforme o qual serão definidos sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os arranjos organizacionais de seu processamento seletivo, seus dispositivos de preservação e distribuição. Um “regime de informação” constituiria, logo, um conjunto mais ou menos estável de redes sociocomunicacionais formais e informais nas quais informações podem ser geradas, organizadas e transferidas de diferentes produtores, através de muitos e diversos meios, canais e organizações, a diferentes destinatários ou receptores, sejam estes usuários específicos ou públicos amplos.

A autora denomina Regime de Informação um paradigma informacional dominante em um determinado meio social, o qual introduz normas próprias, no sentido mais amplo do que possa envolver esse gerenciamento da informação, a serem seguidas por esse mesmo grupo. Cita ainda a autora a organização desse fluxo infocomunicacional em rede, destacando a transferência de conteúdo dos polos produtores para os consumidores por meio dos seus canais.

Nota-se que essa definição não se distancia da de Frohmann, pelo contrário, são bastante complementares, visto que ambas podem ser interpretadas de forma simples como estruturas informacionais nas quais produtores de informação são colocados no centro de redes e têm a função de disseminar conteúdos muitas vezes produzidos por eles próprios para os demais nós da estrutura, os receptores, que devem ser interpretados como mandatários na condição de conteúdo informacional dominante naquele grupo social em que estão inseridos.

Não se pode distanciar os Regimes de Informação dos estudos sobre poder e dominação, uma vez que são assuntos que andam sempre juntos. Sem estruturas de poder, sem a imposição de se seguir em um determinado regime, ele perde a sua força, mesmo que a obrigatoriedade venha apenas do meio social do qual faz parte, sem qualquer relação com o poder estabelecido pelo Estado.

Dessa forma, no entanto, nota-se em González de Gómez (2002) uma perspectiva muito mais voltada para a mediação por parte dos Regimes de Informação, não se reduzindo à utilização de um meio físico (como aqueles citados por Frohmann) e à questão da usabilidade para a comunicação, o que acaba por ser um conceito mais amplo e flexível em sua delimitação do objeto. Certamente, a materialidade é importante, mas também não pode ser ignorada a política informacional que permeia todos os aspectos coletivos e sociais, inerente às relações humanas.

Em suas próprias palavras:

[...] Para nós, o mesmo estaria constituído pela figura combinatória de uma relação de forças, definindo uma direção e arranjo de mediações comunicacionais e informacionais dentro de um domínio funcional (saúde, educação, previdência etc.), territorial (município, região, grupo de países) ou de sua combinação. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 40)

Nota-se mais uma vez, na afirmação da pesquisadora, que se trata da mediação da infocomunicação feita de um polo dominador para outro polo receptor, sempre observando o meio em que estão inseridos: seja ele determinado de maneira funcional ou de forma territorial, sem desconsiderar o contexto social, pois irá existir o que chama de relação de forças, a ser interpretada como uma questão de poder.

González de Gómez e Chicanel (2008) fazem uma abordagem muito mais voltada para o cunho político dos Regimes de Informação. Dessa forma, as autoras estabelecem que o Regime de Informação será definido pelo modo de produção informacional dominante em uma formação social, estando aí associadas as escolhas daqueles a serem reconhecidos como sujeitos, instituições, regras e também as autoridades informacionais, bem como os critérios para o processamento de meios e recursos de informação. Ou seja, tudo aquilo que envolve a transmissão da informação em um determinado ambiente, a forma como irá circular, por meio do que, quem estará produzindo e para quem estará produzindo.

As autoras não deixam de salientar em sua obra a relação que existe entre os Regimes de Informação e as estruturas de poder vigentes na sociedade ou em um determinado grupo social, abordando a distribuição do poder formativo e seletivo do que irá chamar de “testemunhos” sociais, ou seja, de criar e selecionar informações a serem disseminadas, transmitidas entre uma ampla gama de arranjos de atores e receptores. Essa mediação informativa poderá se dar mediante a construção ou estabilização de zonas e recursos de visibilidade social regulada, ou por meio de sonegação ou substituição de informações, seja algo intencional ou algo por atos seletivos de inclusão ou exclusão de coeficientes, como atores,

conteúdos, ações e meios. Dessa maneira, tais alterações de ênfases e relevâncias sobre os atores e as respectivas demandas, bem como os interesses ali imbuídos, alterariam os parâmetros estabelecidos para a comunicação informacional que envolvem o entendimento e a definição de recursos e ações para tanto.

O regime de informação remete assim, a uma equação entre potencialidades e forças de diferentes origens e direções que, combinadas, definem os modos de distribuição - entre diferentes atores sociais, atividades e regiões - da potência construtiva e do poder seletivo que se manifestam na geração, circulação, acesso e uso de informação. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ; CHICANEL, 2008, p. 5)

Assim, a soma de forças cria um paradigma informacional dominante que irá se encarregar de definir como se dará não apenas a distribuição do produto informacional na rede de autores e receptores, como também o aspecto do poder a ser levado em conta, o controle sobre o conteúdo daquilo que é transmitido e como é transmitido, a mensagem e o canal de comunicação. Reitera-se que não se pode dissociar o Regime de Informação e a sua transmissão, além das implicações decorrentes das relações de poder contidas em um determinado meio.

Nota-se, dessa forma, a ação de informação a ser realizada pelos atores sociais por meio das suas mais diversificadas atividades, sempre como parte da cultura e do contexto social no qual estão inseridos, não deixando de considerar as configurações coletivas de relações intersubjetivas e interacionais, referentes às demandas de cada grupo. Nessa mesma ação de informação, o polo ativo será responsável por exercer o papel de potência ontológica, ou seja, de revelar as suas perspectivas de mundo para os demais, tendo o poder de selecionar, tematizar, além de dar sentido à produção intelectual, a todo momento conciliando conhecimento, comunicação e ação. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ; CHICANEL, 2008)

Para González de Gómez (2019, p. 138), “[...] foi concebido o termo ‘regime de informação’, a fim de analisar a posição e os papéis de práticas, profissões, instituições e recursos de informação, nas novas configurações das relações da sociedade, do Estado e do mercado”. A autora mantém a posição de que os Regimes de Informação abordam a transmissão, a mediação da informação, passando dos polos ativos, aqueles que originam um determinado conteúdo, para os receptores nos polos passivos, membros comuns da sociedade na qual ambos estão inseridos, relacionando-se ou não a questões governamentais ou mercadológicas.

De igual forma, em outra obra, a autora González de Gómez (2002, p. 56) destaca que uma das principais atribuições dos Regimes de Informação seria:

Colocar em evidência essa tensão entre as configurações socioculturais das interações em que se manifestam e constituem os diferenciais pragmáticos de informação, e as estruturas jurídico-normativas, técnico-instrumentais e econômico-mercadológicas, que visam a sobre-determinar essa configuração, com alguma imposição de direção ou valor.

Dessa maneira, vê-se como a autora aponta a correlação entre a informação e a sociedade juntamente com a cultura, tendo como um contraponto de tensão a relação entre esse extremo e as estruturas que visam a moldar tais campos da vida, impondo suas vontades pela força normativa ou econômica, por exemplo, o caso do Estado ou do grande capital.

Unger e Freire (2006), por sua vez, elencam a composição física dos Regimes de Informação, a qual seria caracterizada por:

- estoques de informação (que se constituem de linguagens documentárias e sistemas de informação);
- diretrizes políticas que contornam e direcionam os conteúdos informacionais abrigados nos sistemas de informação;
- seres humanos e suas necessidades informacionais;
- ambiente cultural-sócio-econômico-político em que se encerram;
- acesso à informação;
- meios físicos que permitem o ir e vir da informação. (UNGER; FREIRE, 2006, p. 105)

Nessa perspectiva, então, mais uma vez, os Regimes de Informação, para existirem, necessitam de sistemas, redes ou canais pelos quais flui o conteúdo, o estoque de informação a ser disseminado, perpassando por diretrizes políticas que irão determinar quais matérias informacionais serão abarcadas por aquele determinado sistema, visto que cada um terá sua autonomia para fazer essa seleção. Também os Regimes de Informação requerem o fator humano, sempre considerando a necessidade informacional, a busca por um determinado conhecimento, que irá mover as pessoas a consumir, bem como o ambiente no qual tais pessoas se encontram e que irá de certa forma influir na escolha do que absorver. Por fim, igualmente é necessário o acesso à informação em si, pois sem ele não se pode falar em Regime de Informação: é preciso que exista o conteúdo a ser transmitido, além dos meios físicos, isto é, a rede pela qual vai fluir e sair do polo produtor para o polo consumidor.

Os autores ainda relacionam a existência dos Regimes de Informação com o surgimento da sociedade da informação⁹, uma vez que esta representa e é o grande avanço tecnológico proporcionado pela informática e pelas telecomunicações, trazendo em si um intenso fluxo informacional em um ambiente físico que funciona para tais correntes fluírem. Assim, toda a sociedade faria parte dessa rede de compartilhamento, bem como da difusão, sendo um ambiente propício para estar configurado como Regime de Informação. (UNGER; FREIRE, 2006)

De acordo com González de Gómez (1999, p. 110), “[...] a sociedade da informação poderia ser entendida como aquela em que o Regime de Informação caracteriza e condiciona todos os outros regimes sociais, econômicos, culturais, das comunidades e do estado”. Dessa forma, para a autora, na sociedade da informação haverá um deslocamento do Regime Informacional, que é colocado acima dos demais, passando a ser uma espécie de paradigma dominante.

Para Unger e Freire (2006), isso significa dizer que o modelo de sistema social da sociedade da informação tem a sua sustentabilidade conectada diretamente às possibilidades de acesso à informação. No caso, passando-se o ser social da sociedade industrial, a forma anterior, para a sociedade da informação, espera-se que haja condições de atender às expectativas geradas pelos imperativos relativos à nova estrutura dos meios de produção. Dessa maneira, esse novo ser social necessita de suporte informacional adequado para atender às suas necessidades mais variadas e inerentes não só à sua humanidade, como àquelas demandadas socialmente.

Destaque-se que, para Unger e Freire (2008, p. 103):

A informação é, então, fator preponderante nas relações humanas no modelo social da Sociedade da Informação, o que garante aos regimes de informação importância e relevância na formação de cidadãos livres e aptos para o convívio social. Por outro lado, os regimes de informação não são por se garantia de estabilidade política e integração social.

Assim, uma vez que o objeto “informação” está no centro das relações interpessoais para a sociedade atual, os Regimes de Informação, como formas de disseminação da

⁹ “A expressão “sociedade da informação” passou a ser utilizada, nos últimos anos desse século, como substituto para o conceito complexo de “sociedade pós-industrial” e como forma de transmitir o conteúdo específico do “novo paradigma técnico-econômico”. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “fator-chave” não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e telecomunicações” (WERTHEIN, 2000, p. 71).

informação, mediação e transmissão desse tão importante objeto, acabam tendo um maior destaque, seja para a promoção de cidadania e do conhecimento, seja também para promover a alienação, tudo dependendo do conteúdo transmitido.

Nesse sentido, observa-se o novo sistema de comunicação emergente que surge em torno de uma língua universal digital. Ele promove a integração global da distribuição de dados e de aspectos culturais. Como diz Castells (1999, p. 40): “[...] as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela”. O autor chama esse novo modo de desenvolvimento de informacionalismo, como uma reestruturação do modo capitalista de produção. Vale destacar que Castells (1999, p. 53) ainda defende que “[...] no novo modo informacional de desenvolvimento, a fonte da produtividade acha-se na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos”.

Deve-se levar em consideração os grupos que coordenam os regimes, aqueles que detêm o poder e os interesses que tramitam nas redes informacionais, muitas vezes se sobrepondo à ideia de livre trânsito do conhecimento, impondo as próprias vontades. Para se iniciar um conflito no seio de um determinado grupo social, bastaria utilizar um desses canais, de um desses grupos, em seu centro, espalhar uma notícia que inflamasse e fizesse reagir todos aqueles que fazem parte. Dessa maneira, um novo paradigma seria estabelecido, uma vez que a nova ideia conflitante viria a ser pacificada e internalizada devido à organização do Regime de Informação. Não há absolutamente nada que impeça que em tais regimes possam ser vistos os “comportamentos de manada”, nos quais um “cabeça” diz algo e os demais o seguem simplesmente pela posição de confiabilidade que os dirigentes ocupam.

Ainda dissertando sobre a sociedade da informação, Unger e Freire (2008) destacam que os sistemas de informação constituem um dos pilares desse mais recente formato social, visto que possibilitam o acesso à informação, já citado acima como fator de sustentabilidade, além de ser matéria-prima para a produção de bens e serviços úteis para esse tipo de organização comunitária, contribuindo, assim, para a melhor qualidade de vida. Os referidos autores reiteram ainda que esses mesmos sistemas de informação, cujo objetivo é o atendimento às necessidades informacionais dos usuários, são capazes de transformar o conhecimento adquirido pelas pessoas, organizando o que seriam novos estoques de informação, ou seja, sempre propiciando adaptações.

Esses estoques de informação, que serão formados pela transformação do conhecimento dentro dos sistemas de informação, compõem, assim como as pessoas e as políticas de

informação, o conjunto de itens que irão compor os Regimes de Informação. (UNGER; FREIRE, 2008)

Para esses autores, em sua concepção do conceito de Regime de Informação, este se apresentaria com uma composição pela presença de dois fatores: “um meio ambiente físico onde se instalam os artefatos tecnológicos e as políticas informacionais que regulam sua produção e comunicação”. (UNGER; FREIRE, 2008, p. 92) Eles complementam aprofundando tais ideias em sua obra:

Na nossa interpretação, regimes de informação podem ser definidos como ambientes onde convivem os sistemas de recuperação da informação, as linguagens documentárias, e os seres humanos com suas necessidades informacionais. As ofertas informacionais dos regimes de informação são advindas de meios de comunicação de massa, pela mídia eletrônica, instituições de ensino e pesquisa, organismos governamentais e não governamentais, agências de fomento, associações de classe, organizações religiosas etc. (UNGER; FREIRE, 2008, p. 93)

Vê-se, então, um retorno aos conceitos de Frohmann ao destacar a importância das políticas informacionais, em especial pelo destaque que se dá à produção da informação e à maneira como ocorre a comunicação, mas também por citar a tecnologia, um fator imprescindível a ser abordado no presente estudo como meio pelo qual se delinea o Regime de Informação.

Assim, esse conceito de RI foca na recuperação da informação, nas pessoas e no atendimento às necessidades informacionais muito mais do que nas redes de transmissão em si. O elemento humano é o que ganha destaque, juntamente com os meios de comunicação, em especial a mídia eletrônica, condizente com a sociedade da informação no período histórico atual.

Para os autores Bezerra, Silva, Guimarães e Souza (2016, p. 61):

Dentro do contexto de Ciência da Informação, o regime de informação se configura como uma formação social conjunta de elementos em rede – como atores sociais (sujeitos, dispositivos e tecnologias), regras de poder, a organização e a gestão política da informação que se operacionalizam em práticas sociais com produtos e serviços.

Portanto, o Regime de Informação, nessa abordagem, torna-se bastante abrangente e preciso, ajustando-se àquilo que se passa na Internet, uma vez que, na atualidade, é o veículo perfeito para transmissão de dados e informações utilizado pela humanidade, e é também um ambiente ocupado por usuários movidos pela vontade de acessar novas tecnologias e

conhecimentos. Um ambiente com regras próprias e um desenvolvimento específico das relações sociais que ali se desenvolvem, que impõe as suas regras de poder, organização e gestão, sem obedecer a fatores geográficos.

Dessa forma, os Regimes de Informação podem ser constituídos, em verdade, em quaisquer organizações sociais e espaços, como já defendido pelos autores supracitados, visto que não deixam de se constituir como vinculações em forma de rede heterogênea, com trânsito de informações e estabelecendo relações de poder.

De fato, Bezerra, Silva, Guimarães e Souza (2016, p. 64) acrescentam que “[...] de modo prático, compreende-se que o Regime de Informação é constituído pela relação desses atores através de ações de informação relacionadas à produção e às políticas de informação de espaços sociais”. Nota-se mais uma vez a importância que se dá às políticas de informação do âmbito desses regimes, mas não só isso, sobretudo como é necessário estarem presentes todos os fatores para que possa ser constituído o Regime de Informação, quais sejam: sujeitos, tecnologias e dispositivos.

Os referidos autores apresentam um trabalho que resume as tentativas dos pesquisadores em compreender de que maneira se dá a formação de processos, serviços e produtos de informação, além de sua ordenação, desordenação e estabilização na sociedade tecnológica. Deve-se destacar que qualquer Regime de Informação é suscetível a influências decorrentes do meio no qual se desenvolve, qual seja o sistema econômico e financeiro ou a própria estrutura social.

É forçoso considerar que a informação se configura na sociedade contemporânea como fenômeno estruturante e inter-relacional de práticas sociais, políticas e econômicas dentro de uma coletividade, e ainda incide diretamente na formação política de uma sociedade devido à sua importância fenomênica na produção de novos conhecimentos. (BEZERRA; SILVA; GUIMARÃES; SOUZA, 2016, p. 67)

Na sociedade da informação, a própria informação acaba sendo o elemento responsável por estruturar toda a comunidade de pessoas nas mais variadas classes de atividades humanas. É um fator que permeia o modo de produção, a forma de interação e como um indivíduo passa a se relacionar com o outro. Implica todas as searas da vida, com consequências relevantes, visto que está diretamente ligada à produção do conhecimento, o que se relaciona ao capital humano, aquilo que move as engrenagens do sistema capitalista no qual o mundo globalizado está inserido.

Vale destacar o conceito de Braman (2004, p. 34), segundo o qual “[...] o poder informacional controla comportamentos manipulando as bases informativas de materiais, instituições e símbolos”.¹⁰

Esse conceito é facilmente relacionável ao de Regimes de Informação, trabalhando juntos em forma de composição. Quando se trata do poder informacional, está se referindo ao poder advindo do acúmulo ou do uso das informações. Esse mesmo poder será utilizado para manipular, ao implicar a seleção de conteúdo a ser transmitido pelas redes dos Regimes de Informação, afetando, assim, os grupos sociais nos quais a respectiva rede está inserida. Observa-se, então, a verdadeira dimensão de tal poder, ao lidar com a informação: dar às pessoas conteúdos prontos que devem ser considerados como verdade, o que significa também não ser questionado.

Tudo acaba se resumindo a uma questão de poder e controle sobre aqueles sujeitos que constituem o ambiente da rede, do sistema de informação em questão, obedecendo sempre a um fluxo definido de informações de maneira específica, organizada, os Regimes de Informação, como já bem pontuado por Frohmann.

As questões sobre Regimes de Informação, poder e sociedade inevitavelmente, nos tempos atuais da sociedade da informação, desaguam no ciberespaço¹¹ — um ambiente virtual, abstrato, de interações entre seres humanos e máquinas, o terreno perfeito para se disseminar informações de maneira rápida e eficaz, praticamente instantânea e carente de filtros que funcionem como forma de censura. Torna-se, portanto, o meio ideal para se instaurar as redes para os Regimes de Informação.

Nesse sentido, Unger e Freire (2008, p. 94) sinalizam que:

Entre os limites e bordas que contornam um regime de informação está o ciberespaço que é o local onde, virtualmente, transita a informação. O termo acabou por se transformar num sinônimo de Internet, mas o conceito subjacente é mais lato. De uma maneira geral, ciberespaço é o espaço de convergência de todos os meios de comunicação - áudio, vídeo, telefone, televisão, cabo e satélite.

¹⁰ Informational power controls behaviours by manipulating the informational bases of materials, institutions, and symbols.

¹¹ O termo foi criado por Willian Gibson em sua obra *Neuromancer*. Alex Antunes, o tradutor, afirma no prefácio da edição brasileira, de 2003, que: “[...] o conceito criado por Gibson neste livro, o ciberespaço, é uma representação física e multidimensional do universo abstrato da 'informação'. Um lugar para onde se vai com a mente, catapultada pela tecnologia, enquanto o corpo fica para trás” (GIBSON, 2003, p.5-6 *apud* MONTEIRO, 2007).

Assim, o ciberespaço é o lugar de trânsito informacional em sentido amplo, um espaço não físico, mas que existe de maneira virtual. Ainda nesse sentido, Unger e Freire (2008, p. 94) continuam:

A aldeia global viabilizada pela Internet possibilitou o acesso de milhões de pessoas a uma partilha de informação, experiências e atividades que ultrapassam as barreiras tradicionais do espaço, tempo, língua e cultura. E nesse meio ambiente cabem muitos regimes de informação, cada um com sua política e seus artefatos: sistemas de recuperação e linguagens documentárias que podem aproximar a informação de seus possíveis usuários, na sociedade.

O ciberespaço, especialmente com o advento da Internet, tornou possível o compartilhamento de informações em tempo real, transpondo as clássicas barreiras citadas acima. Também, apoiado nas tecnologias de informação e comunicação, tornou-se um ambiente propício para a proliferação dos Regimes de Informação em comunidades cibernéticas.

Nesse sentido, González de Gómez destaca em sua obra que:

Se a transversalidade se perfilava como tendência em comum dos regimes de informação dominantes, no contexto da expansão da Internet e da consolidação da Web, nas últimas duas décadas passamos a vivenciar uma vigorosa expansão do que alguns denominam “a plataformização das infraestruturas”. As plataformas denominam, de modo geral, dispositivos digitais que compartilham ou disponibilizam, a terceiros (desenvolvedores e usuários), o acesso, uso e produção de informações, ferramentas analíticas, tecnologias e, ao mesmo tempo, agem como moderadores, exercendo o controle dos conteúdos, das modalidades de acesso e dos perfis dos usuários que vão integrar o ciclo produtivo da plataforma. (PLANTIN *et al.*, 2016; GILLESPIE, 2017; SUZOR, 2016 *apud* GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2019, p. 143-144)

Surge, assim, a expansão do uso das plataformas digitais como meios de comunicação e difusão da informação, orientadas de forma a servir como sustentáculo ou o meio pelo qual podem atuar os Regimes de Informação de maneira virtual. Assim, a conectividade entre os usuários de sistemas on-line fica condicionada ao uso dessas plataformas, e será por meio delas que as pessoas irão interagir, produzir conteúdo e consumir informações, um novo tipo de estrutura social cibernética.

Nesse sentido, sabiamente pontua Braman (2013, p. 277):

Com o reconhecimento de que as redes de comunicação em geral e a Internet em particular não são apenas infraestruturais, mas sociotécnicas por natureza,

vem a responsabilidade de pensar essas redes a partir da perspectiva de como elas influenciam - e / ou são - formas de poder e governança.¹²

Dessa forma, fica claro que a autora compreende as redes virtuais não apenas como estruturas, o lado técnico da transmissão de informação — o que não significa dizer que este também não exista —, mas vai além em sua interpretação. A Internet tem um forte viés social, o fator humano, que precisa ser sempre considerado ao se fazer qualquer constatação. Logo, um estudo que se propõe a compreender os Regimes de Informação em ambiente virtual como a Internet não pode olvidar de pesquisar a forma como os indivíduos nele inseridos são influenciados, estando aí presentes os RI como expressão de poder e governança.

Já no tocante à cultura, não se pode deixar de mencionar que os Regimes de Informação estão expostos às condições do meio no qual estão inseridos, quais sejam: cultura, política e economia, uma vez que nele se expressam e nele se constituem. Dessa forma, é possível afirmar que um regime condiciona diferentes modos de configuração com base na variabilidade desses mesmos fatores. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012)

O ciberespaço, que abrange não só a estrutura, como também as informações que abriga e os usuários, conta também com a cibercultura, a cultura desenvolvida em seu meio virtual. Essa cultura digital oferece duas contribuições para a sociedade, que seriam: o acesso à informação e a capacidade interativa, visto que esse acesso se torna facilitado pela inexistência de barreiras que o universo virtual propicia, bem como as ausências de restrições para que as trocas dialógicas possam ocorrer. Nesse contexto, observa-se a importância da Internet na seara conversacional, sempre de forma a permitir infinitos desdobramentos, lidando com desafios modernos, tais como a proliferação desenfreada de informações. (ARAÚJO, 2014)

De acordo com Araújo (2014), é de se notar que na sociedade atual a cultura informacional possa ser caracterizada pela abundância desse mesmo insumo, além dos fatores que integram a produção e o consumo da informação, visto que não se pode esquecer o surgimento dos novos meios de suporte, além da descentralização do conhecimento cada vez mais patente com a rede de computadores. Observa-se, então, a necessidade de se estudar e analisar o comportamento do usuário da informação virtual, a maneira como produz, dissemina e consome a informação, o que irá impactar em toda a dinâmica do mundo material também.

¹² With the recognition that communication networks in general and the Internet in particular are not only infrastructural but socio-technical in nature comes the responsibility to think such networks through from the perspective of how they influence – and/or are – forms of power and governance.

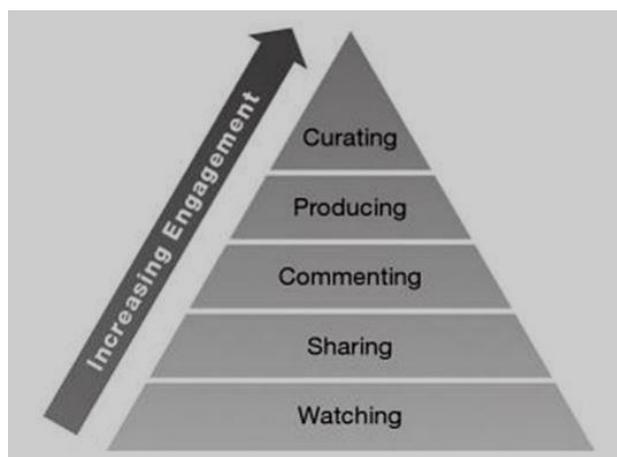
Ainda de acordo com o autor, no tocante aos elementos para se caracterizar um Regime de Informação em ambientes digitais, estes poderiam estar organizados da seguinte forma:

- a) os atores: sujeitos ou organizações, por meio de perfis (públicos ou privados) criados em redes sociais virtuais, no desempenho de seus múltiplos papéis que o ambiente possibilita;
- b) as ações de informação (ou práticas informacionais): interações e outros comportamentos informacionais na rede sejam de produção, disseminação, ou consumo de informação;
- c) os dispositivos: correspondem aos aspectos mais regulatórios que indicam normas, padrões e valores do regime. Estão ligados à política de privacidade ou mesmo às funcionalidades que a rede, grupo ou comunidade online dispõe e as ideologias que sustentam. Constituem fatores condicionantes das ações dos usuários;
- d) os artefatos: os componentes sociotécnicos que os usuários dispõem na ação de informação. Os próprios ambientes e plataformas com seus recursos, bem como os conteúdos (arquivos e documentos) que circulam. (ARAÚJO, 2014, p. 4-5)

Dessa maneira, fica mais do que evidente que o fato de se tratar de um meio virtual não inviabiliza de virem a se estabelecer Regimes de Informação, muito pelo contrário, os regimes podem ser encontrados, caracterizados, estudados e compreendidos em suas formas de serem compostos, também na maneira como atuam nesses ambientes diante das comunidades nas quais estão inseridos.

Assim, seguindo o modelo proposto, o objetivo da análise dos Regimes de Informação em ambientes virtuais leva a compreender de que maneira os atores se configuram, além da forma como agem em tais ambientes, bem como o modo como se dão as suas ações de informação, as interações e produções em rede, observando os dispositivos seguidos e também os artefatos eleitos para serem utilizados.

Uma interessante perspectiva a respeito das interações em redes virtuais é a Pirâmide de Engajamento proposta por Li (2010, p. 59 *apud* ARAÚJO, 2014). Essa representação permite compreender as interações sociais e o papel de atores e consumidores em uma rede como a Internet, que, de forma sucinta, quanto mais o sujeito deixa de ser um mero consumidor e passa a ser um maior produtor de conteúdo, maior é o seu engajamento.

Figura 1 – Pirâmide de Engajamento

Fonte: Charlene Li (2010, p. 59 *apud* ARAÚJO, 2014)

A pirâmide está dividida da base para o topo na seguinte ordem: observação, compartilhamento, comentário, produção e curadoria, havendo um aumento do engajamento de baixo para cima, uma maior participação por parte dos atores envolvidos e também uma redução em sua quantidade.

Em um **primeiro estágio** (observação), os atores participam de uma forma passiva como consumidores do conteúdo veiculado. A observação pode levar ao **segundo estágio**, o compartilhamento do material apreciado, quando uma informação é passada adiante por intermédio das redes, fazendo-a circular em meio eletrônico. No **terceiro estágio** (comentário), o usuário atribui uma resposta, participando e engajando-se ativamente com o autor de um determinado conteúdo. O **penúltimo estágio** é o da produção, que implica a criação de material próprio pelo usuário da rede, algo que basta a pessoa dispor do devido acesso aos meios digitais para poder fazer de qualquer lugar do mundo e em qualquer momento. No topo da pirâmide de engajamento está o **último nível** (curadoria), que trata do gerenciamento daquele conteúdo que foi produzido dentro do universo virtual. Ainda vale destacar que, com a expansão das tecnologias digitais, em especial aquelas voltadas para o compartilhamento de informações, as interações entre quem está em cada nível da pirâmide tornam-se mais dinâmicas.

Assim, nas palavras de Araújo (2014, p. 7):

As redes sociais na internet são ambientes propícios à colaboração e interatividade com fluxos intensos de informações e se constituem como espaços ricos para estudos sobre o comportamento informacional (ações de informação) de usuários (atores), e porque não, para compreensão de regimes de informação, ainda que por meio de microanálises seja em contextos educacionais e acadêmicos (pesquisadores, professores, tutores, alunos),

empresariais (gestores e colaboradores), democráticos e de participação política (cidadãos, agentes políticos) dentre outros.

No tocante especificamente às redes sociais, aquelas que envolvem as conexões entre indivíduos em meio virtual, trata-se de meios que contemplam especialmente a interação entre os usuários. Exatamente por permitirem essa maior aproximação entre as pessoas, de forma que podem expressar suas opiniões, comentar, compartilhar e, enfim, perpassar todos os níveis da pirâmide de engajamento, acabam também se tornando um terreno fértil para se observar a forma como os Regimes de Informação irão incidir e se manifestar sobre o ambiente digital.

Como bem aborda González de Gómez (2019), as plataformas digitais afetam a maneira como as pessoas se comunicam e interagem umas com as outras, ficando tais fatos mais nítidos nas plataformas de mídias sociais, ou afetam os modos de consumir, no caso dos comerciais e de economia compartilhada.

A autora também defende que, *prima facie*, tais plataformas:

[...] Parecem oferecer configurações frouxas, favoráveis às formas distribuídas e não centralizadas de tomada de decisão, gerando relações horizontais e policêntricas entre designers, mantenedores, usuários, clientes ou audiências das plataformas, e mesmo sendo comerciais e de serviços. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2019, p. 145)

Assim, a referida autora ainda destaca muito precisamente que essa democracia virtual está presente apenas em um primeiro contato, sem uma análise profunda do funcionamento do ambiente virtual. No entanto, tal qual já demonstrado anteriormente, trata-se de um ambiente propício para que sejam formados Regimes de Informação, o que por si só se utiliza de relações hierárquicas na disseminação do conteúdo veiculado por suas redes de influências, havendo sempre um produtor de conteúdo no centro da rede e consumidores espalhados ao seu redor.

Em consonância com as noções de Regimes de Informação de Frohmann e González de Gómez, Bezerra (2020) propõe um diagnóstico daquilo que se trata de um novo Regime de Informação:

Em tal diagnóstico, os fenômenos de vigilância e monitoramento digital de dados pessoais de usuários da internet, filtragem algorítmica da informação, circulação de notícias falsas e demais técnicas de desinformação que grassam no regime de informação contemporâneo são considerados a partir de suas perspectivas negativas de controle, manipulação, exclusão e opressão que figuram como obstáculos à privacidade, liberdade e autonomia informacional de grupos sociais e indivíduos. (BEZERRA, 2020)

Ou seja, para além da circulação de informações em ambiente virtual, o fenômeno das notícias falsas e da desinformação em sentido amplo passa a fazer parte do Regime de Informação que compõe o meio virtual, podendo ainda constituir um regime específico *per se*. Dessa forma, uma vez que aquilo que constitui o material veiculado pelo regime não interessa do ponto de vista ético ou moral, não há impedimentos para a circulação de conteúdos destrutivos, ainda que as consequências mais notáveis para tanto envolvam a manipulação das massas.

Bezerra (2017) passa a propor o termo “novo regime global de mediação da informação” para se referir às práticas que ocorrem nas redes digitais, estando aí abrangidas as formas de classificação e de acesso à informação que surgiram nas duas últimas décadas. O autor destaca como os aspectos sociais têm sido condicionantes não apenas para a circulação, mas também para a produção e o consumo das informações. Posteriormente, o referido autor cita como a circulação de notícias falsas são um exemplo de novos contornos para hábitos antigos nesse por ele denominado novo Regime de Informação. (BEZERRA, 2018)

Os Regimes de Informação, construídos de forma a compartilhar dados entre pessoas, posto que se trata do trânsito da informação de um polo produtor para um polo consumidor, irá implicar a aplicação dessa microfísica do poder dentro do regime estabelecido: as normas impostas deverão ser seguidas, a verdade não poderá ser questionada, todos que fazem parte daquele mesmo grupo social serão compelidos ou até forçados a seguir e não duvidar do que lhes for dito.

Com base nos conceitos previamente trabalhados e perpassando todos os autores supracitados, chega-se à conclusão de que não há um consenso a respeito das técnicas metodológicas para se caracterizar os elementos que compõem um Regime de Informação em um determinado ambiente pré-determinado.

Isso posto, toma-se como referencial teórico a definição elaborada por Frohmann relativa aos Regimes de Informação, uma vez que nos parece adequada para o presente objeto de estudo, pois aborda os Regimes de Informação como redes pelas quais a informação flui, partindo de autores específicos para os demais nós do grupo no qual se insere.

Logo, com base nas ideias apresentadas, uma vez que se está vivendo na sociedade da informação, torna-se patente que o Regime de Informação a ser estudado no presente trabalho é específico e deve, portanto, ser analisado em suas características fundamentais e únicas. Assim, tendo em vista que o Regime de Informação é o modo de produção de informação dominante em um determinado meio, busca-se compreender como ele é apresentado pelo

usuário anônimo da Internet conhecido como QAnon, objeto deste estudo e a ser tratado no capítulo que segue.

I hear you on the radio
You permeate my screen, it's unkind but
If I met you in a scissor fight
I'd cut off both your wings
On principle alone
On principle alone

Hey, megalomaniac
You're no Jesus
Yeah, you're no f*cking Elvis
Wash your hands clean of yourself, baby
Step down
Step down
Step down

If I were your appendages
I'd hold open your eyes so you would see
That all of us are heaven sent
And there was never meant
To be only one
To be only one

(Incubus – Megalomaniac)

3 A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DA DESINFORMAÇÃO

Esta seção propõe-se a abordar aspectos conceituais e a caracterização da disseminação da informação e da desinformação, associando-os com as *fake news*, a gênese e o funcionamento desse fenômeno informacional. Por fim, apresenta o indivíduo conhecido como QAnon, abordando a origem, as crenças e a forma de atuação.

3.1 CONCEITOS E CARACTERIZAÇÃO

Ao falar de “informação”, são imprescindíveis os conceitos trazidos por Shannon e Weaver, Brillouin, Wiener, Mattessich, Saracevic, Goffman, Buckland e vários outros teóricos da área da Ciência da Informação. O que todos abordam de maneira assemelhada e bastante coerente é o papel dessa informação “[...] como redutora de incertezas, entropia negativa, fator de homeostase, força básica, utilidade pública, algo que é transmitido em um processo de comunicação”. (BRAGA, 1995, p. 2) Ao final, não importa qual autor se decida seguir ao eleger um conceito, o importante é conceber a informação em seu papel de redutora de incertezas e fator de homeostase, posto que a principal função é transmitir informações verdadeiras.

Assim, em levantamento acerca das diferentes conceituações existentes para o termo “informação”, Capurro e Hjørland (2007) concluem que “[...] informação é o que é informativo para uma determinada pessoa” e “[...] o que é informativo depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo”, o que relativiza bastante qualquer significação estática e absoluta que se possa ter acerca do termo. Também abordam os autores que há “[...] dois contextos básicos nos quais o termo informação é usado: o ato de moldar a mente e o ato de comunicar conhecimento”, ou seja, relaciona-se tanto a transmitir quanto a receber e assimilar a informação.

Já nas palavras de Le Coadic (1996, p. 6),

Informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual. A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Essa inscrição é feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação.

Pode-se dizer que a informação é o que tem por objetivo informar, transmitindo o conhecimento nela incluído para outras pessoas, fazendo, assim, parte do processo de comunicação. Tal ideia é imprescindível para que se possa compreender, então, o que seria o seu mau uso ou o uso para atender a fins escusos.

Já com relação à questão de definir a verdade, para que se possa fazer a devida ponderação, nas palavras de Bezerra, Capurro e Schneider (2017, p. 379):

Se não é simples ou mesmo possível definir a verdade, não é tão difícil assim detectar a mentira e sua construção social. E é disso que se trata aqui: de desmascarar mistificações contemporâneas de largo alcance, de denunciar seu caráter eticamente perverso, de lançar alguma luz sobre suas razões de ser, de demonstrar seus nexos causais mais ou menos complexos com disputas econômicas e políticas, com crenças e preconceitos, bem mais do que de sustentar esta ou aquela definição positiva e abstrata de verdade.

Mais importante do que se conceituar de forma cabal o que seria a verdade é compreender aquilo que não o é, é estudar a mentira, entendendo o seu alcance, intenções e objetivos daqueles que a propagam, em especial no que tange a ganhos de ordem econômica e política.

Tendo em vista tais definições, pode-se passar para o conceito de desinformação. Nas palavras de Brisola e Bezerra (2018, p. 4),

A desinformação é um conceito antigo que nasce ligado a projetos militares de contrainformação e espionagem, mas extrapola para os meios de comunicação e para aparelhos privados e estatais. A desinformação pode estar presente em livros de história ou em discursos políticos, em histórias em quadrinhos ou em jornais de ampla circulação. [...] Desinformação envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde. A desinformação não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade.

Assim, os autores passam a elaborar uma lista de condutas chamadas de mecanismos de desinformação, os quais, resumidamente, transcrevem o oportunismo do alinhamento entre poder econômico e poder político nos meios de comunicação; a dificuldade das pessoas em exercer juízo de valor e interpretar as informações recebidas; a falta de ética; a ausência de críticas nas notícias veiculadas nos meios de informação; o silenciamento de intelectuais que não compactuam com a maioria; o excesso de informação e a consequente dificuldade em exercer um filtro; o excesso do uso da comoção; o apagamento daquilo sobre o qual não há

interesse em propagar; a divulgação de informações sem contexto e de forma tendenciosa, só para citar os principais mecanismos. (BRISOLA; BEZERRA, 2018)

Para Fallis (2009, p. 6), “[...] a desinformação é a informação (ou seja, o material com conteúdo representacional) disseminada por alguém que está desinformando. [...] Acaba por ser a informação enganosa que intenciona ser (ou pelo menos se prevê que seja) errôneo”.¹³ Assim, não é por se tratar de desinformação que seu conceito pode ser afastado ou negado como informação, porém é importante destacar que se trata de informação enganosa passada adiante, sempre acompanhada do elemento da intenção do agente que a está disseminando para outras pessoas.

O autor observa que desinformação é um conceito mais restritivo do que mentir, pois, nas palavras dele, é possível mentir sem ser algo que venha a desinformar. (FALLIS, 2009) Ressalta, para tanto, a necessidade de haver a intenção de enganar ao desinformar alguém e que é possível mentir para alguém sem ter essa intenção, por exemplo, omitindo a verdade. Por fim, o referido autor defende que “[...] para se desinformar alguém, tem que ser razoável que essa pessoa chegue à falsa conclusão que se pretende que ela apreenda”.¹⁴ (FALLIS, 2009, p. 4)

O termo desinformação está também relacionado à pós-verdade, escolhida como a palavra do ano em 2016 pelo *Dicionário Oxford*, devido a seu uso durante as eleições presidenciais norte-americanas. *Post-truth*, em seu original inglês, pode ser entendida, nas palavras do dicionário, como: “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais”.¹⁵ (WORD OF THE YEAR, 2016)

Assim, há um descrédito de tudo que é factível e pode ser provado em detrimento de opiniões e emoções que passam a compor o imaginário popular. Não sendo verdades, ocupam o lugar como “pós-verdades”.

Dessa maneira, a desinformação pode ser conceituada como a ação informacional de dados não verdadeiros, compreendida pela repercussão de vários termos atuais, dentre os quais valem ser destacadas notícias falsas ou *fake news*. Porém, o fenômeno da desinformação pode

¹³ Disinformation is the information (i.e., the stuff with representational content) disseminated by someone who is disinforming. [...] Turns out to be misleading information that is intended to be (or at least foreseen to be) misleading.

¹⁴ In order for you to disinform someone, it has to be reasonable for her to draw the false conclusion that you intend them to draw.

¹⁵ Circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief.

ser dividido em diversas vias terminológicas distintas, cada qual merecendo destaque pela forma de atuação e pela intenção do agente ao propagar os dados. (RIPOLL, 2019)

Wardle e Derakhshan (2017) são conhecidos pela divisão conceitual da desinformação em três espécies de fenômenos comunicacionais distintos, os quais chamam de desordem informacional. Cabe destacar todos esses fenômenos para a melhor compreensão das diferenças entre eles e sua aplicabilidade:

Grande parte do discurso sobre “notícias falsas” combina três noções: *mis-information*, *disinformation* e *mal-information*. Mas é importante distinguir as mensagens verdadeiras daquelas falsas, além das mensagens criadas, produzidas ou distribuídas por “agentes” que pretendem causar danos daqueles que não possuem tal intenção:

Dis-information. Informações que são falsas e criadas deliberadamente para prejudicar uma pessoa, grupo social, organização ou país.

Mis-information. Informações que são falsas, mas não criadas com a intenção de causar danos.

Mal-information. Informações baseadas na realidade, usadas para infligir danos a uma pessoa, organização ou país.¹⁶ (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 21)

Assim, Wardle e Derakhshan fazem diferenciações relativas ao conceito de desinformação com base na intencionalidade daquele que está promovendo a disseminação das informações falsas (se o faz de forma intencional para causar dano ou não), bem como no conteúdo que está sendo veiculado (se é um conteúdo inverídico ou não). Esses aspectos serão observados ao se classificar como qualquer uma das três categorias propostas: *mis-information*, *dis-information* e *mal-information*.

Deve-se destacar que na *mis-information*, o ato de passar uma informação errada ocorre por engano, ou seja, há ausência da intenção de provocar danos a terceiros com esse ato, pois o indivíduo a difunde muitas vezes sem saber de que se trata de uma informação inverídica. É diferente da *dis-information*, pois nesta categoria as informações falsas têm como fator intrínseco a intenção de prejudicar alguém ou algo com a sua disseminação. Neste caso, aquele que compartilha a informação falsa pretende desinformar pessoas ou lesar algum grupo ou instituição. A terceira categoria é a *mal-information*, que se refere àquelas informações

¹⁶ Much of the discourse on ‘fake news’ conflates three notions: *mis-information*, *disinformation* and *mal-information*. But it’s important to distinguish messages that are true from those that are false, and messages that are created, produced or distributed by “agents” who intend to do harm from those that are not:

Dis-information. Information that is false and deliberately created to harm a person, social group, organization or country.

Mis-information. Information that is false, but not created with the intention of causing harm.

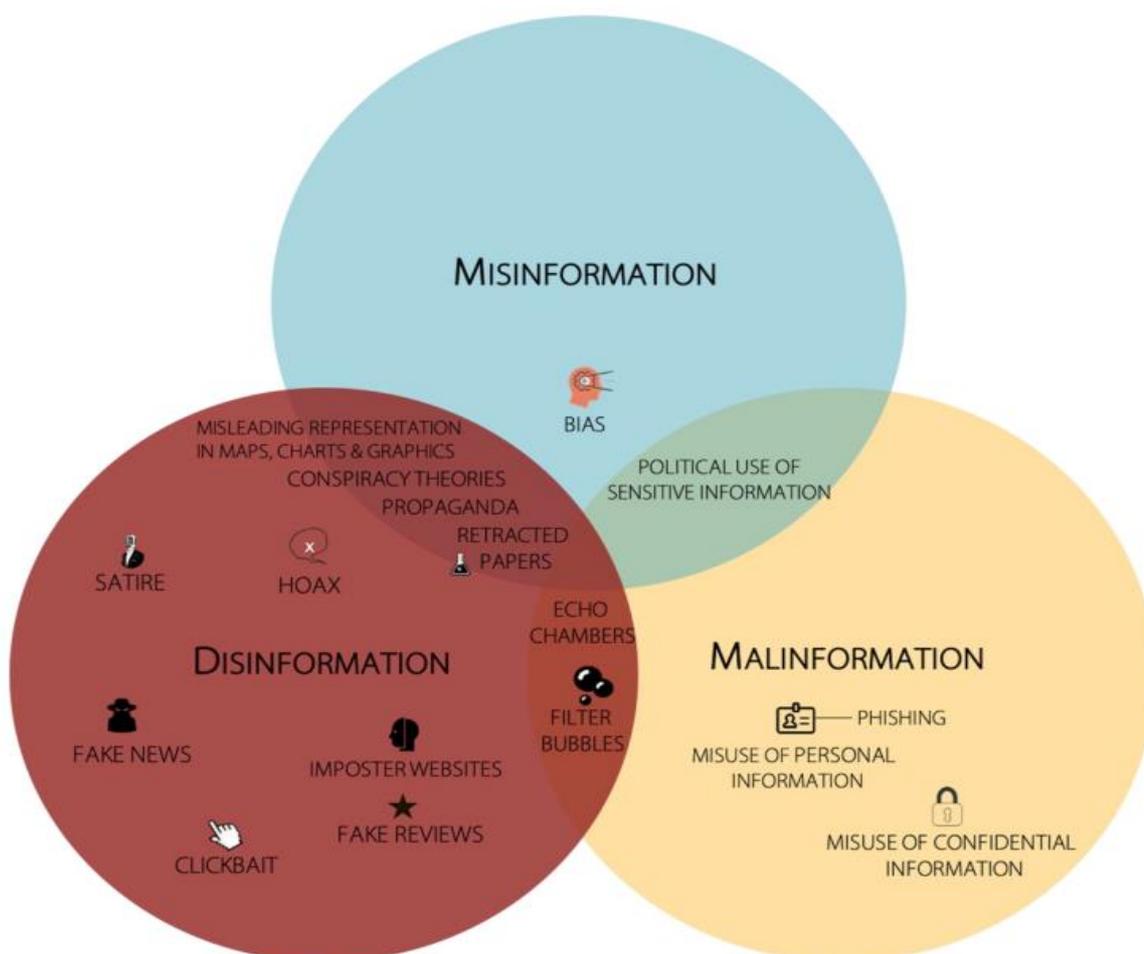
Mal-information. Information that is based on reality, used to inflict harm on a person, organization or country.

baseadas na realidade, as quais não são falsas, mas são altamente danosas, como vazamentos de dados ou até mesmo o discurso de ódio.

Em resumo, no primeiro caso, existe um conteúdo falso, mas falta a intenção de prejudicar por parte daquele que o cria ou dissemina. No segundo, o conteúdo é falso e há a intencionalidade. No terceiro, as informações são verdadeiras, no entanto são nocivas quando utilizadas para provocar danos.

Alguns exemplos de desordem informacional que podemos destacar são: as *fake news*, *clickbaits*, *haxes* e, certamente, as teorias conspiratórias.

Figura 2 – Incidências práticas de *mis-*, *dis-* e *mal-*information de acordo com a intencionalidade



Fonte: Santos-D' Amorim e Miranda (2021, p. 10)

Dessa forma, resumam-se os discursos de diversos teóricos a respeito das diferenças entre os três conceitos de maneira sucinta:

[...] Nossa visão sobre *misinformation*, *disinformation*, *malinformation* é que as três são tipos de informação, cada uma com múltiplas possibilidades de uso, conforme a intencionalidade. Assim, (i) *misinformation* é informação imprecisa, passível de múltiplas compreensões e usos, sendo o prefixo *mis-*, indicativo de erro ou de algo errado. (ii) *disinformation* é informação deliberadamente enganosa, com a intenção de enganar; e (iii) *malinformation* é a informação sensível que é utilizada estrategicamente para causar vantagem, seja pessoal ou institucional.¹⁷ (SANTOS-D'AMORIM; MIRANDA, 2021, p. 16)

De acordo com as autoras Santos-D'Amorim e Miranda (2021), pode-se dizer que os três fenômenos se desenvolvem devido ao fato de diferentes grupos de pessoas estarem cada vez mais se utilizando das possibilidades trazidas pelos avanços tecnológicos, comunicacionais e informacionais de criar, explorar e também de editar a informação, fatores que, frisam elas, fazem parte da democratização do acesso ao conhecimento, da produção e disseminação da informação e liberdade de expressão.

A *dis-information* é o ponto de interesse do presente trabalho, e é dessa maneira que muitas informações e notícias são publicadas nas mídias sociais, com a intenção de lesar, levando a compartilhamentos e, dessa forma, criando uma rede com conteúdo e informações inverídicas, mais conhecidas pela expressão *fake news*. Impulsionadas pelos avanços tecnológicos, que as veiculam de forma rápida, via algoritmos, robôs, especialmente nas redes sociais, multiplicam-se dentro do ambiente virtual tal como uma doença. (MERCEDES NETO *et al.*, 2020)

São as novas tecnologias de informação e comunicação que modificaram aspectos fundamentais, tanto da condição da informação quanto da condição da comunicação. Essas tecnologias intensas modificaram radicalmente a qualificação de tempo e espaço entre as relações do emissor, os estoques e os receptores da informação. (BARRETO, 2002, p. 73)

Assim, ao se abordar as mudanças nos paradigmas informacionais e comunicacionais, não se pode deixar de citar as mudanças tecnológicas que estão intimamente relacionadas a elas. O passar dos anos, os investimentos e as descobertas que surgiram com as tecnologias da informação e comunicação (TIC) alteraram de maneira profunda a vida da população mundial não apenas em nível de qualidade, visto que proporcionaram diversos benefícios no campo da

¹⁷ [...] Our view about misinformation, disinformation, malinformation is that the three are types of information, each with multiple use possibilities, according to the intentionality. Hence, (i) misinformation is inaccurate information, open to multiple comprehensions and uses, being the prefix *mis-*, an indication of mistake or something wrong. (ii) disinformation is information deliberately deceptive, intending to deceive; and (iii) malinformation is the sensitive information that is strategically used to cause advantage, whether personal or institutional.

praticidade, mas também na forma das pessoas se relacionarem umas com as outras, na velocidade e no alcance daquilo que fazem em ambiente virtual. Enquanto uma carta levava semanas para chegar em seu destinatário, um *post* no Twitter pode viralizar em instantes e ser visto por milhões de pessoas do mundo inteiro simultaneamente.

Desse modo, não se deve considerar como novas tecnologias de informação apenas o computador e a telecomunicação, como tradicionalmente se espera, visto que estes proporcionaram a conversão das informações em dados digitais; eles devem ser vistos apenas como meros instrumentos do avanço. “As reais modificações advindas das tecnologias intensas de informação trouxeram ao ambiente um novo elaborar do conhecimento e foram as modificações relacionadas ao tempo e ao espaço de sua passagem”. (BARRETO, 2002, p. 73) Não se pode olvidar que “[...] no ciberespaço, as trocas de informação realizam-se em tempo real, tendendo a zero, dada a velocidade infinita dessas transferências”. (BARRETO, 2002, p. 73) As trocas de informações superaram barreiras físicas e as do tempo, podendo alcançar velocidades impressionantes de disseminação, independentemente do local de origem ou do ponto final.

Esse ganho de tempo, essa “ausência” de limites trouxe impactos relevantes: “O tempo real no ciberespaço é o aqui e agora. Passado e futuro, sem perder suas qualidades, como que desabam no presente, encurtam-se no tempo presente do cotidiano”. (BARRETO, 2002, p. 73)

Castells (1999) aborda a maneira como essa comunicação em língua universal digital é responsável por promover a integração global da produção e distribuição de informações e conteúdos, onde tudo é feito de forma personalizada para atender os gostos das identidades e humores dos indivíduos. Nas palavras do autor: “As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela”. (CASTELLS, 1999, p. 40)

Como bem observa Castells (1999, p. 41),

Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social. Essa tendência não é nova, uma vez que a identidade e, em especial, a identidade religiosa e étnica tem sido a base do significado desde os primórdios da sociedade humana. No entanto, a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. Cada vez mais, as pessoas organizam o seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. Enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos,

regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas.

Esses fluxos de pessoas que buscam se unir em torno das suas identidades acabam muitas vezes se encontrando nos ambientes virtuais, algo que foi proporcionado apenas pela quebra das barreiras físicas do tempo e do espaço, nesse novo paradigma social da informação. Dessa forma, indivíduos se unem pelas afinidades e constroem conteúdo juntos, trocam conhecimentos, seja de forma positiva ou negativa, o que inclui não só as redes para o progresso científico e os relacionamentos pessoais, como também para o aparelhamento de milícias virtuais e difusão de *fake news*.

Castells (1999) chamará esse novo modo de desenvolvimento de informacionalismo, concebido na reestruturação do modo capitalista de produção, focando na melhoria das tecnologias do processamento de informação como fonte de produtividade, ou seja, aplicando de forma cíclica as novas tecnologias para aprimorar constantemente a geração de conhecimentos e o processamento da informação. Assim, o surgimento da sociedade em rede está atrelada ao que o autor enumera como duas tendências: (1) o desenvolvimento de novas tecnologias da informação; (2) a tentativa da sociedade de reaparelhar-se com o uso do poder da tecnologia para servir ao que chama de tecnologia do poder.

Serão essas novas tecnologias que terão um papel fundamental para a disseminação da informação, bem como para a disseminação da desinformação nos seus mais variados aspectos, como será aprofundado mais adiante.

Nesse sentido, Akers e colaboradores (2019) abordam a forma como a tecnologia e sua ascensão contribuíram como catalisadores para a criação, disseminação e o consumo das *mis/disinformation* em larga escala. Nesse sentido, os autores apresentam como principais fatores: 1. Democratização da criação de conteúdo; 2. Ciclo de notícias rápido e incentivos econômicos; 3. Alcance e interatividade amplos e imediatos; 4. Filtros bolha orgânicos e criados intencionalmente; 5. Curadoria algorítmica e falta de transparência; 6. Escala e anonimato nas contas on-line.

No entanto, não se deve olvidar que, como expõe Demo (2000), a desinformação é um componente intrínseco da comunicação humana, como apenas o outro lado de uma mesma moeda da informação. Acaba sendo um fenômeno inteiramente normal, dotado de uma dupla seletividade: as pessoas percebem apenas o que lhes é viável captar e o fazem de acordo com os interesses pessoais do receptor. São limites dos seres humanos, em especial diante de cenários compostos pelo excesso informacional, característico da pós-modernidade.

Além disso, deve-se levar em conta que a busca por verdades absolutas é inútil, o que não impede, entretanto, de haver informações que se aproximem muito mais do que seria uma verdade, tendo em conta o uso de embasamento científico. Determinados limites precisam ser estabelecidos, ainda que venham a ser derrubados no futuro diante das evidências, estabelecendo novas verdades, e assim sucessivamente, em um processo dialético.

Como ressaltam Mello e Martínez-Ávila (2021, p. 124),

É problemático se pensar em verdades absolutas. Porém, há informações que estão mais próximas do critério de verdade do que outras. Isso depende do tipo de informação, da fonte, do propósito e principalmente da ética de quem escreve. O ser humano precisa acreditar em algo, em certas regularidades na sua vida, ter no que se apegar, por isso não pode partir da premissa de que tudo é falso. Para tanto, deve-se checar a fonte, ponderando aspectos positivos e negativos, pensando em quem se beneficia com a notícia. Enfim, agindo reflexivamente.

Por fim, do ponto de vista jurídico, não se pode afirmar que a desinformação seja *per se* ilegal. Certamente que, como restou arguido acima e o será ratificado adiante, ela é prejudicial à sociedade e ao estatuto da democracia de maneira ampla, visto que influi na opinião pública e pode utilizá-la e moldá-la ao bel-prazer de quem quer que tenha o domínio dos sistemas de informação, seguindo quaisquer objetivos que desejem, sejam ganhos econômicos, políticos ou mesmo pessoais.

Como já estabelecido na seção anterior, Regimes de Informação vêm se estabelecendo utilizando como meio a Internet, o que cada vez mais torna difícil distinguir quais seriam os limites entre aquilo que pode ser definido como verdade ou mentira devido à descrença nas instituições tradicionais, como a ciência, por exemplo. Isso também poderia suscitar a existência de um regime de (des)informação que envolve os mais variados níveis sociais, de poder, política e economia, visando disseminar essa desinformação para atender os interesses particulares daqueles que se encontram no centro de tais regimes e compondo, assim, o que foi abordado como desordem informacional. “Nesse sentido, geram um regime de incerteza suportado por uma corrente encadeada de informações falsas inerentes que reforçam crenças, estimulam comportamentos, moldam discursos e produzem (des)autoridade”. (CARVALHO; SOUSA; SCHNEIDER, 2021, p. 9)

Utilizando as palavras de Campos (2018, p. 90), sabe-se que

Toda ação tem causas e consequências. O uso e abuso de pós-verdade, notícias falsas e rumores têm consequências para quem emite a informação, para quem a recebe, para quem a utiliza e para quem a duplica e propaga; em suma, para

todos os envolvidos no ciclo da informação. Se o fizerem por ignorância partindo de bases falsas, mau; e se o fizerem conscientemente, também mau, ou pior. Porque usar declarações que não comprovamos, não comparamos nem verificamos sempre terá consequências negativas para os atores envolvidos, mesmo que ajam rapidamente, por aparente urgência e pressão.¹⁸

A desinformação sempre terá um impacto negativo, não importa de que maneira seja propagada ou a intenção que a motiva. Por essa razão, diante do crescimento exponencial da disseminação de informações errôneas e inverídicas, o papel do profissional da informação não deve mais ser o de considerar válido qualquer tipo de conteúdo informacional, e sim de atuar com o pensamento crítico e com a busca de informações verossímeis, filtrando o conteúdo até os usuários finais e exercendo o seu papel de mediador.

3.2 AS *FAKE NEWS*: GÊNESE E FUNCIONAMENTO

A informação é um insumo vital para o ser humano, além de ser necessária para sensibilizar os sujeitos, tanto de forma positiva como negativa, podendo incidir sobre a saúde pública e sobre a política de uma nação. A partir do compartilhamento e da difusão de informações, é possível produzir campanhas de combate e prevenção de doenças, bem como a conscientização política do eleitorado de um país. Tudo irá depender não apenas do conteúdo a ser transmitido, mas também do objetivo com o qual é utilizado, tratando-se de uma ferramenta que pode constituir um fator de desenvolvimento ou apenas atender a interesses restritos.

O termo *fake news* vem ganhando popularidade na mídia mundial nos últimos anos. Em um universo globalizado e de constantes trocas de informações, em especial devido ao avanço da rede mundial de computadores, não surpreende que no meio desse grande fluxo de dados haja também informações falsas, inverídicas, distorcidas e produzidas com intenções maliciosas de enganar os leitores, compartilhadas de maneira proposital ou não.

Diante da diversificada gama de opções com o mesmo fim – passar a informação ao usuário – o aumento da circulação de notícias falsas na Internet tem levantado expressões como *fake news* e desinformação, que tornam questionável a fidedignidade das informações dispostas

¹⁸ Toda acción tiene causas y tiene secuelas. El uso y abuso de la posverdad, las noticias falsas y los rumores, tienen consecuencias para quien emite la información, para quien la recibe, para quien la utiliza y para quien la duplica y la propaga; en fin, para todos los involucrados en el ciclo de la información. Si lo hacen por desconocimiento partiendo de bases falsas, mal; y si lo hacen con conocimiento de causa, también mal, o peor. Porque usar decires que no comprobamos, no comparamos ni verificamos siempre tendrán consecuencias negativas para los actores involucrados, aunque se actúe con rapidez, por aparente urgencia y bajo presión.

por usuários da Internet e até em outras redes de comunicação, como jornais, rádio, televisão, entre outras. (LEITE; MATOS, 2017)

Fake news é uma expressão que vem do inglês, cuja tradução literal é “notícia falsa”, porém ganhou abrangência por popularmente abarcar toda e qualquer informação inverídica disseminada, não importando o meio utilizado, ainda que seja muito mais comum na Internet.

Pode-se, então, utilizar como definição para *fake news* aquela trazida por Allcott e Gentzkow (2017), segundo a qual trata-se de matérias com a intenção de falsidade e passíveis de verificação, podendo deliberadamente conduzir os leitores ao erro. Assim, elas abrangem artigos com características de notícias intencionalmente fabricados, bem como matérias que se originaram com finalidade satírica, mas que poderiam ser entendidas como fenômenos reais.

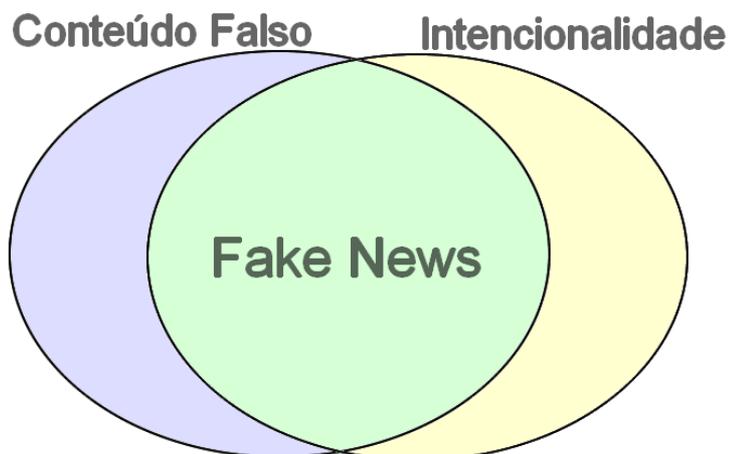
Como pode ser deduzido pela composição do termo estrangeiro, as *fake news* são compostas de informações, mais precisamente notícias, muitas vezes com a finalidade de alarmar ou de “informar” um determinado público-alvo para alguma situação específica ou ainda retratar uma situação de acordo com um ponto de vista singular. No entanto, diferentemente das notícias verdadeiras, no caso presente, parte ou todo conteúdo da *fake news* será composto de inverdades, muitas vezes sem qualquer fundamento ou cientificidade, valendo-se de sensacionalismo ou apelo emocional para engajar e, assim, conseguir que mais pessoas compartilhem.

Com relação a noções terminológicas, há que se levar em consideração que:

Grande parte do discurso sobre fake news combina duas noções: informação incorreta e desinformação. Pode ser útil, no entanto, propor que a informação incorreta seja informação falsa que a pessoa que está divulgando acredita ser verdadeira. Desinformação é uma informação falsa e a pessoa que a divulga sabe que é falsa. É uma mentira intencional e deliberada, e resulta em usuários sendo ativamente desinformados por pessoas maliciosas. (WARDLE; DERAKHSHAN, 2019, p. 47)

Dessa forma, de acordo com os autores, as *fake news* passam a ser responsáveis por unir em sua aplicação não apenas o conteúdo falso, ainda que este seja parte essencial do seu desenvolvimento, mas também a intencionalidade do sujeito que está veiculando a informação. Nesse caso, é preciso saber se se trata de uma informação incorreta, de uma atuação proposital para desinformar ou de uma intenção de cometer um dano, seja para outra pessoa, para um grupo ou para toda a sociedade. Assim, as *fake news* não seriam apenas a desinformação em si, embora muitas vezes apareçam como tal e sejam utilizadas até mesmo como termos sinônimos; elas acabam sendo uma combinação de conteúdo e intencionalidade.

Figura 3 – Representação dos requisitos para se configurar uma *fake news*



Fonte: A autora

Observando esses aspectos, as *fake news* acabam adquirindo características únicas de produção, formatação e também de intenção, afastando daí as possibilidades de o erro humano vir a ser considerado como uma de suas facetas ou até mesmo como publicações satíricas, ainda que possam ser críveis. São essas características que irão diferenciá-las da desinformação, um segundo fenômeno, ainda que o termo *fake news* venha sendo utilizado de forma mais abrangente, abarcando até mesmo o significado de desinformação. No entanto, as distinções são importantes não apenas do ponto de vista teórico e acadêmico, mas para a elaboração de políticas públicas e estratégias para a contenção do seu avanço. (BRISOLA; BEZERRA, 2018)

Deve-se levar ainda em consideração que a sociedade, quando pôde se beneficiar de meios de comunicação de mais amplo alcance, como o rádio e os jornais, acede a conteúdos informativos para ampliar o cabedal de saberes ou mesmo para assegurar a democratização da informação. Hoje, com a disponibilidade praticamente ilimitada a conteúdos diversificados, de origem duvidosa ou não, foram criados fenômenos contrários ao desenvolvimento do conhecimento. (MORETZSOHN, 2017) Há, dessa maneira, um fluxo imenso de informação a ser disseminado de forma desenfreada e acessível de maneira fácil a todos, o que gera, em contrapartida, a dificuldade de se estabelecer padrões de qualidade para o conteúdo que está sendo veiculado.

Nas palavras de Brisola e Bezerra (2018, p. 3327),

Os usuários, atropelados pela quantidade e velocidade de informações, não têm tempo de checar as origens, credibilidade e veracidade das informações que recebem. Associando velocidade, quantidade de informação e

direcionamento adaptado ao usuário, as fake news ganham rápida e facilmente espaço, engordando e se espalhando como filhotes bem alimentados.

Quando se tem acesso ao que parece constituir todas as informações do mundo, os usuários se veem confusos e impossibilitados de decidir, de avaliar aquilo que deve ser tomado como verdade e o que deve ser objeto de desconfiança. Até mesmo ao se tentar acarear um fenômeno torna-se complicado, porque há inúmeros dados contra e a favor de uma determinada ideia (por exemplo: o homem foi à lua? O homem não foi à lua?). Além disso, como pode algo ser mentira se foi o seu melhor amigo quem compartilhou? Se todos no grupo da família no WhatsApp estão falando a respeito disso? Se o presidente da nação, o chefe máximo do Estado, está defendendo em rede nacional? Não há tempo de pesquisar em fontes confiáveis, e assim, o volume de informação se veste de verdade e faz com que a mensagem seja simplesmente aceita.

Embora o termo *fake news* seja recente, o fenômeno que ele implica não o é, na verdade sempre existiu na humanidade; ele tomou notoriedade, no entanto, com a nomenclatura de *fake news* por volta de 2016, no período das eleições presidenciais norte-americanas, especificamente com o surgimento de *blogs* que desmoralizavam a então candidata Hilary Clinton. Também foram utilizadas em favor do candidato Donald Trump, que veio a ganhar as eleições. A partir desse ponto, a expressão acabou ganhando um espectro semântico mais amplo com a aceitação da academia. Assim, *fake news* não se resumem apenas a sites de notícias, mas também a todas as ordens de procedimentos de desinformações: especulação, chamada sensacionalista, informação tirada de contexto, e a mentira em si é apenas um dos muitos aspectos que as *fake news* pode conter. (SANTOS *et al*, 2018)

Nas palavras de Ferreira, Lima e Souza (2021, p. 22-23):

A produção e o compartilhamento de fake news, em síntese, têm impactos negativos sociais, políticos, econômicos e culturais diversos, principalmente, junto aos mais vulneráveis. Na esfera social, promovem ceticismo, desconfiança, pessimismo e desordem entre as pessoas, que se traduzem em desconforto, falta de esperança e insegurança. Do ponto de vista político, abalam relações entre nações, instituições e pessoas. Na esfera econômica, geram especulações financeiras, dificuldades em acordos comerciais e concorrências injustas. Do ponto de vista cultural, fazem emergir culturas separatistas, posturas de intolerância, que desencadeiam medo, ódio e violência, movimentos contra a migração e xenofobia.

As *fake news* acabam por desestabilizar a sociedade nos seus mais variados aspectos, como economia, cultura e, como será o foco nesta pesquisa, político; e finalmente, a maneira

como as informações inverídicas não apenas se propagam, mas também são consumidas pelas pessoas, são tomadas como verdadeiras e oriundas de fontes confiáveis, tornando-se um problema de grande escala. Não há absolutamente nenhum aspecto positivo na propagação de *fake news*, a não ser ganho pessoal ou de um grupo, comumente orientado a alguma forma de desestabilização de outrem ou de grupos, e até mesmo da sociedade.

Esse tipo de informação de conteúdo suspeito, duvidoso ou errôneo acaba por se tornar um instrumento de manipulação nas mãos daqueles que podem propagá-lo e induzir pessoas a acreditar, como é o caso do usuário “Q”, ao aproveitar-se da ingenuidade ou apenas da ignorância dos que não podem procurar ou não confiam o suficiente para buscar fontes seguras.

O que se tem visto bastante na atualidade é um uso estratégico das *fake news* para espalhar medo e exercer controle na população pela via informacional. Um exemplo emblemático é o uso de *deep fakes*: manipulações de vídeos, imagens e áudios, tornando quase impossível de determinar a *prima facie*: originais ou adulterados? Outro exemplo de destaque no cenário político é o uso de perfis falsos, também conhecidos como *fakes*, bem como *bots*, simuladores de ações humanas, para espalhar opiniões na Internet acerca de candidatos a cargos eletivos, contando inclusive de forma estatística como se fossem pessoas reais. (SANTOS *et al*, 2018)

Shao e colaboradores (2017) destacam a vulnerabilidade do ser humano ante a manipulação resultante da desinformação on-line, muitas vezes relacionada ao excesso de informação, bem como pela capacidade limitada de atenção do sujeito para discernir e, assim, fazer um controle de qualidade. Isso tem como consequência a possibilidade das informações falsas se tornarem tão virais quanto as verdadeiras. É importante observar que as plataformas de mídias sociais não são feitas para dar credibilidade, elas são feitas com o único objetivo de proporcionar o engajamento daqueles que nelas participam. Dessa forma, o ambiente virtual acaba se mostrando um terreno propício para a desinformação ser propagada: pode ser facilmente explorado para manipular a opinião pública, devido ao baixo custo de produção para sites fraudulentos, além de páginas e perfis falsos que postam conteúdo e interagem uns com os outros e com humanos, simulando pessoas reais, de forma a criar um discurso que pareça legítimo aos olhos dos usuários. Assim, as mídias sociais servem também para manipular e influenciar a opinião pública.

Atualmente, há facilidades para a produção e disseminação de *fake news* que não existiam no passado, dentre elas: o baixo custo de produção, tal qual citado acima, posto que os meios alternativos de disseminação de informações são gratuitos (WhatsApp, Telegram, Twitter, Facebook), não dependendo da matéria física, como jornais e revistas, nem de televisão

ou jornais, que têm custo elevado. Qualquer pessoa pode criar um site e torná-lo disponível, pode criar um perfil em uma rede social e começar a espalhar notícias, a exemplo do próprio QAnon, como será abordado a seguir. Isso leva a um segundo fator, que é o descrédito na mídia tradicional e o ganho de confiança das mídias alternativas, algo que não existia em outros tempos. Outro ponto relevante é a polarização ideológica, posto que inflama sentimentos negativos contra tudo aquilo que é oposição. Cria-se, assim, um terreno fértil para a propagação de ideias, apelando para esse lado emocional. (BRISOLA; BEZERRA, 2018)

Brisola e Bezerra (2018) também elencam duas motivações como as principais para a fabricação e a circulação de *fake news*: o lucro e a ideologia. No primeiro caso, *fake news* é um negócio lucrativo, pois viralizar artigos e notícias gera mais receita para sites, seja pelos acessos ou pela venda de produtos e serviços. Já no segundo caso, da motivação ideológica, existe todo um embate no qual os defensores de uma determinada vertente buscam desacreditar seus opositores, o que vai aumentando exponencialmente: “[...] em um ciclo vicioso, sustentado pela polaridade alimentada pelos algoritmos e facilitada pelas redes digitais com suas bolhas e câmaras de eco, a ideia de uma supremacia ideológica justifica o uso de *fake news* como meio aceitável para um fim legítimo”. (BRISOLA; BEZERRA, 2018, p. 3326)

Apenas no Brasil tramitavam, até o ano de 2018, 26 projetos de lei a respeito do tema, dentre os quais 11 eram de cunho eleitoral, com o objetivo de criminalizar a prática de disseminar notícias falsas. Vale destacar que o alvo de tais medidas não é somente a propagação da informação de maneira automática, mas sim a forma como vem sendo utilizada, pois as pessoas não sabem muitas vezes que suas fontes se constituem de *fakes* ou *bots*, ou ainda tais recursos são utilizados para atacar outras pessoas e mascarar os verdadeiros agressores sob o anonimato virtual, o que deixa clara uma falta de transparência intencional. (SANTOS *et al.*, 2018)

Passa, então, a haver uma notável mudança no uso político da informação, em especial nos sites de jornalismo hiperpartidários, não contando mais apenas com o instrumento do boato, compreendido como o acesso a uma verdade até então escondida e que está sendo revelada por um testemunho, mas agora fazendo o uso com o objetivo de conferir credibilidade. (SANTOS *et al.*, 2018)

É nesse aspecto da aplicação política da informação para se obter vantagens que pode ser encaixado o QAnon, exatamente como uma pessoa que faz uso do seu poder de alcance para fazer declarações hiperpartidárias defendendo Donald Trump. Não se trata apenas de espalhar boatos a respeito do governo, mas sim de afirmar categoricamente que está revelando fatos

embasados com provas, expostos de uma forma tão convincente que as pessoas não se ocupam de verificar se são verdadeiras ou não.

Exatamente por esses motivos, outra questão importante ao destacar as *fake news* é a desconfiança na mídia tradicional e o crescimento do alcance da mídia independente. Com o amplo acesso à Internet, a mídia independente ganha força. No Brasil, desde 2013, iniciado com o Movimento Passe Livre, deu-se o ataque à imprensa tradicional, o midiativismo. Tornase necessário, nesse contexto, adotar procedimentos cada vez mais constantes de checagem de fatos, uma vez que qualquer pessoa pode iniciar um portal de notícias e disseminar as informações que desejar. É necessário garantir que seja ao menos verídica, independentemente da orientação. Diante disso é que surge a *midia literacy*, a leitura crítica dos meios, que se ocupa de como utilizar as ferramentas para ler e compreender o fenômeno das *fake news*, tentando decifrar o que torna falsas as informações e fazer uma apreciação crítica. O ataque à mídia tradicional, acusada de disseminar informações falsas ou utilizada em benefício particular dessa fonte acusatória, encontra seus principais alvos entre os governantes e candidatos que não contam com o apoio dessa fonte. A imprensa, segundo Santos e colaboradores (2018), já é a instituição no mundo com a menor credibilidade e as *fake news* ainda geram engajamento e dinheiro com acessos nos portais virtuais. A mídia então entra em crise de confiabilidade, ainda mais quando 48% da população brasileira se informa pelo WhatsApp.

Nesse sentido, Nemer (2021) debate a questão da confiabilidade das plataformas digitais comuns da Internet, mais especificamente pelas pessoas inocentes ao acessar, em especial as redes sociais. Para ele, trata-se de um caso notável de ausência de curadoria de conteúdo, o que resulta em efeitos nocivos, ao que destaca que não seria o suficiente proporcionar à população acesso a computadores e meios físicos para o uso da Internet e a inclusão digital sem também ensinar como fazer um uso otimizado da rede. As políticas informacionais aplicadas atualmente limitam-se a focar no acesso, sem se preocupar com a questão da competência informacional, que implica as habilidades e também a ética.

Com relação ao compartilhamento das *fake news*, ocorre por motivos primariamente emocionais, pela paixão e também pelo empenho daquele que está divulgando e daqueles que fazem parte do mesmo meio onde estão sendo divulgadas. Isso serve para explicar os motivos pelos quais uma notícia verdadeira se dissemina de forma muito mais lenta que uma falsa, pois a primeira não se apoia nesse lado emotivo, não o incentiva, logo não estimula o impulso de passar adiante. Outro dado a ser destacado é o nível de escolaridade de quem compartilha as *fake news*, há uma adesão maior nas classes A e B, explicada pela maior escolaridade, uma vez que proporciona a criação de justificativas mais racionais e elaboradas. (SANTOS *et al.*, 2018)

Por tais razões acaba sendo difícil impedir a difusão das notícias falsas, seja pelo meio virtual ou não, pois é algo que afeta o lado emocional das pessoas e das comunidades, é algo que as inflama, especialmente quando diz respeito a situações que envolvem o maniqueísmo do bem contra o mal (por exemplo: proteger as crianças, acabar com o comunismo, salvar vidas), pois se está lidando com emoções, com instinto de sobrevivência, com o amor que nutrem umas pelas outras, pelos filhos, então toda desinformação acaba fazendo uso de um apelo para esse sentimentalismo e para a comoção pública.

Nemer (2021) aponta a forma como essas notícias falsas são veiculadas sob o discurso de que o “sistema” estaria escondendo a verdade das pessoas, que apenas aquela única fonte ou aquela única pessoa seria capaz de apresentar a verdade real e milagrosa, que seria a única forma de conhecer a realidade, reduzindo a uma questão da “verdade proibida”, passando a um comportamento no qual se veem obrigadas a obedecer a essas fontes de informação como líderes.

As *fake news* são um fenômeno social que acaba perpassando o viés da confirmação, segundo o qual se aceita aquilo que convém e deve se manter cético quanto ao que contraria os interesses dos que escutam e propagam, espalhando o conteúdo apenas de acordo com a conveniência. Acabam, assim, por corromper o princípio do debate democrático e da verdade política, essenciais para a manutenção do Estado, atuando com a transparência para melhor representar a vontade pública. (SANTOS *et al.*, 2018)

É por questões dessa natureza que Nemer (2021) aborda a importância da cidadania digital: um conjunto de direitos e deveres dos cidadãos que inclui, entre outros, a liberdade de expressão, a ser amplamente defendida pelo Estado democrático.

Outro aspecto que está diretamente relacionado à propagação de *fake news* na Internet são as agora conhecidas milícias digitais, nome atribuído a grupos de mercenários virtuais que executam tarefas predeterminadas. Especificamente no Brasil, tornou-se um tema popular nas eleições presidenciais de 2018, quando houve a promoção do então candidato Jair Bolsonaro. A estratégia utilizada na época envolvia não enaltecer o candidato, mas sim atacar os oponentes. Para tanto, foram utilizadas imensas quantidades de notícias falsas para promover dúvidas entre os eleitores e gerar o caos como uma maneira de ganhar a confiança das pessoas. Essas informações foram propagadas partindo de redes pró-Bolsonaro (bolsonaristas) criadas em meados de 2016/2017, que, no entanto, apenas se tornaram evidentes em 2018, em especial no aplicativo de mensagens para celular WhatsApp e no Twitter, para veiculação sistemática de informação. Essas redes eram mantidas por essa milícia digital, que sempre fornecia aos grupos informações que beneficiassem Bolsonaro. Essa forma de atuação contribuiu para a

desconfiança relacionada à mídia tradicional — pois para as pessoas em tais grupos a única informação verdadeira é aquela veiculada pelo meio em que estão inseridas — e também para a desconfiança no sistema político, posto que defendem que ele é corrupto e precisa acabar, mas apenas questionaram – como seguem questionando – aspectos que prejudicam o candidato por eles defendido, como foi o caso das urnas eletrônicas. Tais conceitos se aproximam bastante de um outro evento chamado de filtro bolha, segundo o qual busca-se, dentro de um determinado grupo, mostrar apenas informações que se julgam válidas para aquelas pessoas. (NEMER, 2021)

Ao final, as *fake news* atuam com o objetivo não apenas de disseminar informações falsas, esta é apenas uma leitura superficial e simplista da situação; elas atuam de uma maneira muito mais profunda, posto que as intenções por detrás do fenômeno, ao se divulgar uma informação inverídica, devem ser avaliadas também para se compreender a extensão dos danos.

O problema se torna ainda mais grave quando a desinformação parte de cima para baixo, ou seja, das pessoas cuja função é falar a verdade para a população, aquelas que têm credibilidade pelos cargos que ocupam, muitas vezes dentro do próprio Estado. Isso torna mais difícil o processo de fazer desacreditar em tais informações, o que se agrava quando partem do chefe do Poder Executivo e do seu alto escalão, tornando-se bastante difícil combater as teorias conspiratórias que os próprios agentes do governo disseminam. (NEMER, 2021)

Relativamente ao processo democrático, democracias ao redor de todo o mundo estão sendo prejudicadas e muitas vezes atacadas pela disseminação de *fake news*, o que vem tomando força pela descrença da população no próprio processo democrático e pelo aumento de discursos autoritários. Ainda que mentiras sejam frequentes em âmbitos políticos que não primam pela transparência, nunca se viu um perigo tão grande devido à velocidade e ao alcance que elas têm graças à Internet. Passa-se a destruir aos poucos instituições que deveriam contar com a confiança do povo, como o Congresso, as supremas cortes, os partidos políticos, fato que apenas contribui para a polarização de ideias. (SANTOS, 2020)

Nesse ponto, mora uma questão fundamental a todo o processo: a verdade é elemento essencial para a tomada de decisão, pois sem informação correta e devida não é possível fazer uma escolha plenamente consciente, social e adequadamente consequente, o que pode vir a configurar um dano à vida democrática. Quando a convicção dos eleitores é moldada por informações falsas, há um prejuízo considerável para a democracia. Muita energia acaba sendo gasta para combater a desinformação durante campanhas eleitorais no lugar do debate de ideias para a melhora da sociedade. (SANTOS, 2020)

Ainda sobre o papel que as redes sociais, em especial WhatsApp, Facebook e Twitter, têm para a disseminação das *fake news*, no tocante às eleições brasileiras de 2018, por exemplo, o WhatsApp foi de importância ímpar para a disseminação das informações falsas, uma vez que existe dificuldade para que o conteúdo da rede seja monitorado. As redes sociais que receberam maior cuidado na época foram o Facebook e o Twitter, dadas as experiências anteriores de outros países que passaram por problemas semelhantes, e essas acabaram sendo as ferramentas escolhidas para que fossem disseminadas desinformações. O Brasil conta com um diferencial no WhatsApp, pelo fato de que este aplicativo de mensagens é gratuito, o que leva a que grande parte da população opte por ele, em contraposição aos sistemas de mensagens que comumente são tarifados pelas empresas de telefonia móvel. (SANTOS, 2020)

Algumas medidas contra a propagação das *fake news* vêm sendo tomadas ao longo do tempo, conforme as pessoas e instituições, principalmente as mídias sociais virtuais, passam a conhecer e estudar mais esse problema. É o caso dos sites de verificação de informações, como o Projeto Comprova:

Uma iniciativa colaborativa e sem fins lucrativos que reúne jornalistas de 40 veículos de comunicação brasileiros para descobrir e investigar informações suspeitas sobre políticas públicas, eleições presidenciais e a pandemia de covid-19 que foram compartilhadas nas redes sociais ou por aplicativos de mensagens. (PROJETO COMPROVA, 2022)

Além das colaborações de pessoas interessadas em propagar informações verídicas e desacreditar as *fake news* amplamente difundidas, existem também atos institucionais por parte dos sites e plataformas nos quais as informações falsas são disseminadas. Uma bastante conhecida é a *deplatforming*, cuja ação consiste em remover das plataformas virtuais um determinado indivíduo ou perfil que está agindo de forma indevida. Essa mecânica muitas vezes é confundida como uma forma de censura, mas acaba se tornando necessária contra o abuso da liberdade de expressão. Um caso de *deplatforming* que ficou bastante conhecido e chocou diversas pessoas pela magnitude foi a do ex-presidente Donald Trump imediatamente após a invasão ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021:

Logo após o ataque ao Capitólio dos EUA em 6 de janeiro de 2021, várias empresas de mídia social, começando pelo Twitter, expulsaram o presidente Donald Trump de suas plataformas. Após o Twitter, o Facebook baniu Trump de suas plataformas, incluindo o Instagram, e outras empresas de mídia social,

incluindo o YouTube, seguiram o exemplo. Em poucos dias, Trump se viu sem meios digitais de divulgar sua palavra.¹⁹ (RASH, 2021)

No entanto, são atitudes extremas que podem até funcionar por um curto período, como no caso acima, e fez o assunto de fraude nas eleições americanas perder força, mas não resolveu efetivamente o problema, apenas impediu uma determinada pessoa de usar um determinado canal por algum tempo. Sempre haverá outros meios e usuários para divulgar notícias falsas, inclusive nas próprias plataformas, visto que existe a facilidade de se criar novos perfis.

A maneira mais segura de combater as *fake news* pode parecer simples na teoria, mas certamente que não o é na prática. Trata-se de um trabalho de longo prazo, não de medidas paliativas e imediatas como banimento de redes, e sim de implementação de posturas que envolvam trabalhar as competências infocomunicacionais dos cidadãos para ensinar maneiras de lidar com as informações inverídicas. Ainda que boa cota das *fake news* seja facilmente reconhecida pelo teor sensacionalista e/ou absurdo, “[...] parte das que circulam atualmente nos meios eletrônicos já carrega um elevado nível engenhosidade, e elas são eficazes em provocar desestabilização individual e coletiva, que, dependendo do nível de envolvimento social, promove caos generalizado”. (FERREIRA; LIMA; SOUZA, 2021, p. 13-14)

Essa dificuldade no reconhecimento e no desenvolvimento de competências infocomunicacionais para que a população tenha discernimento para identificar notícias falsas acaba por contribuir para o problema, quase como se fosse atender ao interesse de manter a população ignorante, dócil e incapaz de questionar qualquer tipo de informação que lhes seja entregue, já presumindo ser verdadeira.

Assim, foi escolhido adotar para o presente trabalho um conceito amplo para *fake news*, que a compreende como informações noticiosas inverídicas, valendo-se da desinformação, elaboradas de forma consciente e desprovidas de qualquer fundamento lógico ou científico, contando apenas com a crença daqueles que as criam e passam adiante sem averiguar as fontes. Além desses fatores, existe também a questão da intencionalidade do agente, já que ninguém sabe quem é o usuário “Q”, como será explanado mais adiante, ou como ele obtém as informações “sigilosas” que divulga, o que por si só deveria ser motivo de descrédito para tudo aquilo que ele alega.

¹⁹ Shortly after the attack on the U.S. Capitol on January 6, 2021, a number of social media companies, starting with Twitter, kicked President Donald Trump off of their platforms. Following Twitter, Facebook banned Trump from its platforms including Instagram, and then other social media companies, including YouTube followed suit. Within a few days, Trump found himself with no digital means of getting his word out.

As postagens do QAnon enquadram-se como *fake news*, seja pelo conteúdo sem provas, pela desinformação, pelo fato de não serem apresentadas evidências de nada daquilo que é alegado, ou mesmo pela forma de serem comunicadas, passando-se por informação noticiosa, sempre se apoiando em tom sensacionalista e alarmante para ganhar engajamento virtual.

Dessa maneira, fica exposta a importância do objeto de estudo a ser abordado no presente trabalho: a desinformação na Internet pela disseminação de *fake news* originadas pelo QAnon. *Fake news* e desinformação são conceitos que andam juntos no estudo da Ciência da Informação, cabendo sempre avanços e novas perspectivas sobre ambos os temas, que merecem ser integrados aos Regimes de Informação no qual o usuário “Q” está inserido ao se utilizar de redes de pessoas que propagam as informações falsas por ele divulgadas, como será abordado mais à frente.

3.3 QANON: ORIGEM, CRENÇAS E ATUAÇÃO

Por meio das *fake news* e utilizando-se das redes disponíveis para a propagação de informações na Internet, os indivíduos passaram a compartilhar paranoias na sociedade, além de crenças políticas e ideias em geral sem qualquer fundamentação, alarmando as pessoas e angariando seguidores. Foi exatamente nesse terreno fértil que surgiu o QAnon. (PAPASAVVA *et al.*, 2020)

Nas palavras de Papasavva e colaboradores (2020, p. 1), “A capacidade de encontrar pessoas que pensem igual, em escala, nas plataformas de mídia social tem ajudado a espalhar teorias da conspiração, em especial as politicamente orientadas”.²⁰

Os autores citam o escândalo conhecido pela designação *Pizzagate*, que ocorreu em 2016 nos Estados Unidos, durante a campanha presidencial, alegando que a então candidata Hillary Clinton estaria envolvida em um anel de pedofilia. Ainda que venham a ser contestadas, as teorias da conspiração não deixam de provocar problemas e ameaçar potencialmente os sistemas democráticos, além de motivar detratores e desmotivar apoiadores. (PAPASAVVA *et al.*, 2020)

Com o início da pandemia de Covid-19 em 2020, houve um considerável aumento de teorias pseudocientíficas circulando na Internet, merecendo destaque aquelas relacionadas à

²⁰ The ability to find like-minded people, at scale, on social media platforms has helped the spread of conspiracy theories, and especially politically oriented ones.

saúde. Um exemplo foi o caso de Bill Gates sobre a vacina contra o coronavírus, motivo para diversas pessoas não se vacinarem:

De acordo com uma nova pesquisa do Yahoo News/YouGov, 44% dos republicanos acreditam que Bill Gates está planejando usar uma campanha de vacinação em massa contra a COVID-19 como pretexto para implantar microchips em bilhões de pessoas e monitorar seus movimentos – uma teoria da conspiração amplamente desmascarada com nenhuma base de fato.²¹ (ROMANO, 2020)

Em verdade, nesse sentido, existem algumas crenças diferentes que podem ser adotadas pelos conspiracionistas: a China Comunista desenvolveu o vírus da Covid-19 para causar o caos dentro dos EUA; as vacinas servem apenas para instalar chips de monitoramento de atividades nas pessoas; o vírus nem ao menos existe, é uma farsa criada pelos chineses para prender as pessoas em suas casas, entre outras praticamente caracterizadas como paranoia no meio científico. (O QUE... 2021)

Foi nesse ambiente de intenso abalo de confiança nas instituições formais de conhecimento, tais como os cientistas e a mídia, que ganhou força a teoria da conspiração QAnon.

E do lado de fora de um comício da campanha de Trump na Flórida, pessoas com camisetas “Q” pararam em uma barraca para ouvir histórias bizarras de democratas torturando e matando secretamente crianças para extrair de seu sangue um produto químico que prolonga a vida.²² (MCINTIRE; ROOSE, 2020)

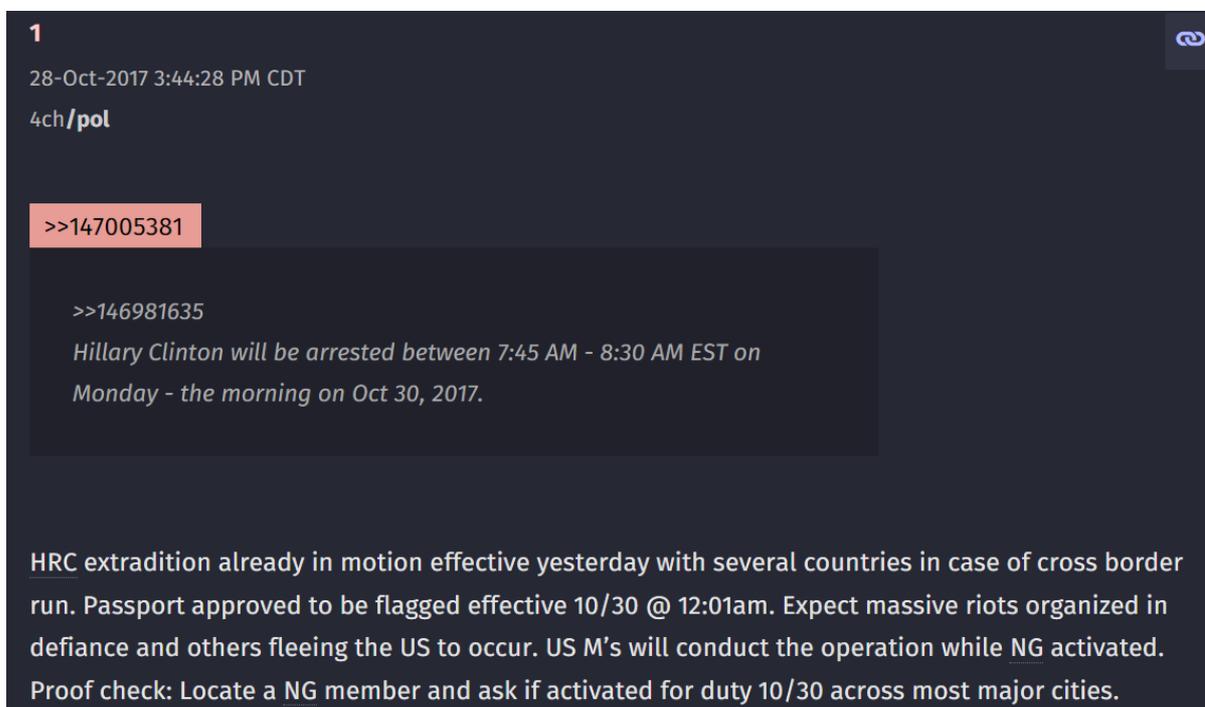
Essa teoria surgiu no fórum virtual e anônimo **4chan**, conhecido por ser “politicamente incorreto” e também por abrigar grupos da extrema-direita. Dando início às postagens em 28 de outubro de 2017, um usuário utilizando o nome de “Q” (por essa razão o nome “Q” anônimo, ou QAnon) publicou diversos textos sob o título “A calma antes da tempestade”; em posts subsequentes, estabeleceu sua lenda, segundo a qual alegava ser um membro infiltrado no governo dos Estados Unidos, fazendo parte de uma agência secreta e sendo referido apenas pela letra inicial “Q” devido ao seu nível de segurança. Com essa autorização, seria uma pessoa que sabia a verdade sobre uma luta secreta pelo poder, envolvendo o presidente Donald Trump, o

²¹ According to a new Yahoo News/YouGov poll, 44 percent of Republicans believe that Bill Gates is plotting to use a mass COVID-19 vaccination campaign as a pretext to implant microchips in billions of people and monitor their movements — a widely debunked conspiracy theory with no basis in fact.

²² And outside a Trump campaign rally in Florida, people in “Q” T-shirts stopped by a tent to hear outlandish tales of Democrats’ secretly torturing and killing children to extract a life-extending chemical from their blood.

“estado profundo”, Robert Mueller, os Clintons, anéis de pedofilia, entre outras questões. (WONG, 2018)

Figura 4 – Postagem de “Q” em 28 de outubro de 2017²³



Fonte: <https://qposts.online/> (Acesso em 28 nov. 2022)

As publicações do usuário “Q” seriam mensagens criptografadas que se iniciaram sob o nome de *Q Clearance Patriot*, identificando-se como um oficial de alto nível com acesso a informações ultrassecretas do círculo íntimo de Donald Trump. Mesmo depois de dois anos e mais de 3.500 posts, o usuário se mantém com a narrativa conspiratória. Assim, sustenta sua versão de que Trump foi recrutado pelos militares norte-americanos para concorrer à presidência dos Estados Unidos como uma forma de acabar com o esquema já global de pedofilia e que, além disso, a investigação de Robert Mueller acabaria com democratas proeminentes sendo presos na Baía de Guantánamo. Posteriormente, as publicações foram

²³ Em itálico: Hillary Clinton será presa entre 7:45 e 8:30 da manhã, horário da costa leste, na segunda-feira, manhã de 30 de outubro de 2017.

Abaixo: A extradição de HRC (Hillary Rodham Clinton) está em andamento efetivo desde ontem com diversos países participando em caso de uma fuga pelas fronteiras. Foi aprovado o passaporte ser marcado efetivamente dia 30/11 às 12:01 da manhã. Esperadas manifestações massivas organizadas para desafiar e outras fugas dos EUA por ocorrer. Os militares dos EUA vão conduzir a operação enquanto a Guarda Nacional é ativada. Prova de checagem: Localize um membro da Guarda Nacional e pergunte se será chamado para o dever dia 30/11 nas grandes cidades.

movidas para o **8chan**, até o site ser derrubado após o tiroteio em massa de El Paso, quando passou para o site **8kun**, do mesmo dono. (MCINTIRE; ROOSE, 2020)

O usuário declarou ter colocado as mãos em documentos relacionados, entre outras coisas, à luta pelo poder envolvendo Donald Trump, Robert Mueller, o chamado “estado profundo” e a rede de pedofilia que Hillary Clinton supostamente comandava. Acredita-se que o estado profundo seja uma rede secreta de pessoas poderosas e influentes (incluindo políticos, oficiais militares e outros que se infiltraram em entidades governamentais, agências de inteligência etc.), que supostamente controla políticas e governos em todo o mundo nos bastidores, enquanto os funcionários eleitos por processos democráticos são meros fantoches. Q afirma ser um combatente em uma guerra em andamento, participando ativamente da cruzada de Donald Trump contra o estado profundo.²⁴ (PAPASAVVA *et al.*, 2020, p. 2)

Essa pessoa, então, expôs que o escândalo *Pizzagate* foi real, além de alegar que celebridades, aristocratas, políticos e diversas pessoas em situação de poder estariam envolvidos em um imenso e satânico anel de pedofilia. Posteriormente, o usuário “Q” passou a alegar que o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, estaria trabalhando contra um grupo satanista e pedófilo estabelecido dentro do governo norte-americano. (PAPASAVVA *et al.*, 2020)

De acordo com a história publicada por “Q” ainda, Robert Mueller não estaria investigando Donald Trump quando este foi candidato na campanha de 2016 pelos possíveis laços com a Rússia e a interferência deste país nas eleições presidenciais americanas. Em vez disso, que seria apenas uma mentira, Mueller teria sido nomeado pelo próprio Trump para investigar a concorrente, Hillary Clinton, além do ex-presidente Barack Obama e outros membros do Partido Democrata, como o ex-presidente da campanha de Clinton, John Podesta. (CARTER, 2018)

Por que esses inimigos de Trump estariam sendo "investigados"? Existem inúmeras acusações flutuando ao redor do mundo QAnon. Alguns sugerem que Clinton e Obama estão em conluio com o presidente russo, Vladimir Putin.

Q continuou a lançar “migalhas” no 4chan e 8chan, dando origem a uma comunidade com o nome do apelido do usuário anônimo (anon), “QAnon”,

²⁴ The user declared to have got their hands on documents related to, among other things, the struggle over power involving Donald Trump, Robert Mueller, the so-called “deep state,” and the pedophile ring that Hillary Clinton supposedly ran. The deep state is believed to be a secret network of powerful and influential people (including politicians, military officials, and others that have infiltrated governmental entities, intelligence agencies, etc.), that allegedly controls policy and governments around the world behind the scenes, while officials elected via democratic processes are merely puppets. Q claims to be a combatant in an ongoing war, actively participating in Donald Trump’s crusade against the deep state.

dedicado a decodificar as mensagens enigmáticas de Q. Isso permite que eles descubram a verdade real sobre as más intenções do estado profundo, redes de pedofilia administradas por aristocratas e atualizações sobre a guerra que Donald Trump estava travando.²⁵ (PAPASAVVA *et al.*, 2020, p. 2)

De acordo com “Q”, existe uma seita satanista e pedófila que controla há décadas todas as esferas do Estado e da vida social nos Estados Unidos, composta por uma rede de bilionários, membros da mídia, de Hollywood e de agentes da inteligência governamental. Eles abusariam de crianças e também usariam os menores em rituais de imortalidade. Diante de tais problemas, Donald Trump teria resolvido combater a pedofilia e o satanismo, o real motivo pelo qual receberia tantas críticas pela imprensa e pela mídia, que só estariam tentando sabotá-lo. (GREG... 2020)

Ainda, o momento da “tempestade” estaria se aproximando, quando todos os pedófilos satanistas seriam enviados para a prisão. Esse é o momento mais esperado, quando a humanidade seria libertada pela “verdade”. Mas, para que esse dia possa chegar a acontecer, Donald Trump precisaria se manter presidente, o que acaba por tornar tal credo uma ferramenta eleitoral bastante poderosa, não apenas para Trump, como também para outros políticos oportunistas, visando à promoção pessoal. (GREG, 2020)

²⁵ Q has continued to drop “breadcrumbs” on 4chan and 8chan, giving birth to a community named after the anonymous (anon) user’s nickname, “QAnon,” devoted to decoding Q’s cryptic messages. This allows them to figure out the real truth about the evil intentions of the deep state, pedophile rings run by aristocrats, and updates on the war Donald Trump was waging.

ter contato com pelo menos alguma das notícias falsas criadas por “Q” e os seus seguidores, de não se ter ouvido falar de alguma forma, já que estão sempre presentes em campanhas e pronunciamentos com cartazes, além de passarem uma imagem positiva por se tratar de uma luta “nobre” contra pedófilos.

Vale destacar a identidade dessa pessoa, ou grupo de pessoas, por trás das postagens assinadas por “Q”, ainda é um mistério, mesmo depois de tantos anos. Porém, em 2022, o jornal *The New York Times* divulgou um artigo apontando que equipes de cientistas da computação haviam identificado dois possíveis autores por trás das publicações de “Q”, embora ambos neguem as acusações. (KIRKPATRICK, 2022)

As ideias disseminadas por “Q” não trazem em si quaisquer evidências concretas para as acusações, mas contam com diversas ramificações: colocam em dúvida a eficácia e a segurança das vacinas, o aquecimento global, os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos, a pandemia de Covid-19 e também o conflito racial. Dessa maneira, chega a defender que a pandemia do novo coronavírus é uma fraude, não passando de uma manobra do Estado profundo, controlado pela mídia, que inventa a doença como uma maneira de ocupar as pessoas e desviar a atenção enquanto o então presidente Donald Trump o combate. Note-se que foi com alegações assim que o alcance do QAnon cresceu consideravelmente durante a pandemia, inclusive na quantidade de postagens de seguidores no Brasil. (GREG... 2020)

Talvez seja muito fácil descartar QAnon como a manifestação mais louca de um louco tempo na história, quando as narrativas globais sobre a disseminação da democracia liberal estão se revertendo rapidamente, o nacionalismo autoritário está ressurgindo, e todas as normas políticas parecem negociáveis. Ao abraçar a mais sangrenta e absurda teoria com uma credulidade que é mais facilmente parodiada do que examinada, QAnon torna difícil para nós levá-los a sério.²⁶ (ZUCKERMAN; MCQUADE, 2019, p. 4)

O QAnon acaba por se tornar uma super teoria da conspiração; é a junção de diversas outras teorias menores. Os seguidores do usuário “Q” criam diversos materiais a serem espalhados, muitas vezes pela Internet, e conseguem viralizar os seus conteúdos. Atualmente, contam não apenas com um pequeno aglomerado, mas, pelo crescimento substancial na mídia popular, vêm alcançando meios de comunicação como Facebook, Reddit e Twitter, que têm se empenhado em banir grupos, pessoas e conversas que apoiem as ideias do QAnon, excluindo e

²⁶ It is perhaps too easy to dismiss QAnon as the craziest manifestation of a crazy time in history, when global narratives about the spread of liberal democracy are rapidly reversing, authoritarian nationalism is re-emerging, and every established political norm seems negotiable. By embracing the most bloody and absurd theories with a credulity that's more easily parodied than examined, QAnon makes it hard for us to take them seriously.

suspendendo contas, além de parar de recomendar perfis e páginas de conteúdo favorável ao “Q”, política que também passou a ser adotada pelo YouTube. Além disso, há também os protestos presenciais que acontecem nos Estados Unidos. (PAPASAVVA *et al.*, 2020)

Todas essas ações fizeram com que, antes das eleições presidenciais norte-americanas de 2020, o Federal Bureau of Investigation (FBI) classificasse o movimento do QAnon e os seus seguidores como uma ameaça doméstica, e os seus apoiadores, como extremistas. Isso ficou ainda mais patente com o ataque ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021, um ato pró-Trump, que perdeu nas eleições, cujos manifestantes alegavam haverem sido enviados pelo “Q”. Como resultado desse ato, cinco pessoas vieram a óbito. (PAPASAVVA *et al.*, 2020)

Ainda sobre a invasão ao Capitólio, principal símbolo do poder político dos Estados Unidos, situado na capital Washington, ela ocorreu durante a sessão do Congresso que confirmaria a vitória de Joe Biden e, portanto, a derrota de Donald Trump nas eleições presidenciais de 2020, em 6 de janeiro de 2021. Nessa ocasião, centenas de pessoas, apoiadores do até então presidente, que não concordavam com os resultados, entraram no prédio utilizando-se da força e sob o argumento de fraude nas eleições, o que foi desmentido pelas autoridades. Nesse ataque, além de destruírem objetos de valor histórico, também ameaçaram de morte congressistas. Os membros do congresso e jornalistas tiveram que se retirar às pressas, só retomando a sessão no dia seguinte e confirmando a vitória de Biden. Vale destacar que os invasores estavam armados de barras de ferros e sprays químicos, com os quais atacaram policiais. Há testemunhas que afirmam que Trump teria instigado os seus apoiadores a atacar o Capitólio, ao que alguns deles defenderam que estavam apenas exercendo sua liberdade de expressão com o ato. Das cinco pessoas que vieram a falecer, dois eram manifestantes e três policiais, sendo que, nos meses seguintes, quatro agentes de segurança que participaram das ações se suicidaram, além de 140 policiais terem ficado feridos. Mais de 725 pessoas foram presas e indiciadas pela ação. (TORTELLA, 2022)

“A insurreição deixou profundas marcas na democracia americana até hoje, com mortes, prisões, um pedido de impeachment e uma investigação que ainda não terminou”. (TORTELLA, 2022) Nunca, na história norte-americana, houve uma tentativa de parar com a certificação dos votos de uma eleição. “Considerando que os Estados Unidos, junto à França e Reino Unido, são um grande *player* da democracia global, invadir um dos principais símbolos do poder político no país é um alerta para as democracias no mundo inteiro”. (TORTELLA, 2022)

Dentre os grupos que participaram do ataque, estão os de extrema-direita e ligados a teorias da conspiração, valendo citar os mais populares: Oath Keepers, Proud Boys e QAnon.

“Um dos invasores mais conhecidos, e que se tornou um ‘símbolo’ da insurreição, Jacob Chansley, o ‘Xamã QAnon’ foi condenado a 41 meses de detenção”. (TORTELLA, 2022) Chansley deixou um bilhete no palanque do Senado que dizia: “É apenas uma questão de tempo. Justiça está chegando!”. (TORTELLA, 2022) O teor do bilhete já deixa clara a presença da ideia do movimento QAnon e também da “tempestade” que se aproxima para trazer punição aos opositores do ex-presidente.

Ainda no meio da multidão que tomou o Capitólio, havia diversos outros ativistas proeminentes e seguidores de “Q” sendo vistos em ação, além de faixas do lado externo e interno do prédio em apoio ao movimento. (WENDLING, 2021)

Os seguidores de “Q” também estiveram envolvidos desde 2018 em uma série de eventos que culminaram em prisões e atos de violência, dentre os quais figuram vandalismo a igrejas, posto que a Igreja Católica supostamente estaria atuando de forma a contribuir com o tráfico de pessoas, além de praticarem sequestros de crianças, com o fundamento de que as estariam salvando de pedófilos, ou até mesmo ameaças a políticos. Outro ato que ficou conhecido foi a invasão à residência do Primeiro-Ministro canadense, Justin Trudeau, com ameaças de morte, e ter havido pelo menos um homicídio. A ideia é que haveria prisões em massa e que os membros do grupo seriam levados à justiça, posto que se Trump falhasse em acabar com os abusadores de crianças, seria necessário que os seguidores de “Q” dessem continuidade a essa luta em seu lugar, de forma mais agressiva. Note-se que o QAnon não foi responsável por levar nem um único abusador de crianças à julgamento, mas apenas serviu para incentivar pessoas a cometer crimes e a realizar atos violentos ou agressivos que pudessem colocar crianças em risco. (BECKETT, 2020)

Entre alguns episódios que envolveram seguidores de “Q”, estão: Matthew Wright (30 anos), de Nevada, em junho de 2018, armado com um rifle tipo AR-15, parou em uma ponte e exigiu da polícia acesso a um relatório sobre a investigação do governo acerca de Hillary Clinton. Depois de preso, Wright fez referências a *slogans* do QAnon. Michael Lewis Arthur Meyer (39 anos), no Arizona, foi preso em julho de 2018 por ocupar uma fábrica de cimento, sob a alegação de que o lugar abrigava um centro de tráfico e exploração sexual infantil, tudo isso com base nas teorias de “Q”. Timothy Larson (41 anos), no Arizona, foi acusado de usar um pé de cabra para destruir o altar de uma igreja católica, alegando participação em tráfico infantil. As redes sociais dele eram cheias de postagens com referências ao QAnon. No Colorado, Cynthia Abcug (50 anos) tentou sequestrar um dos filhos do qual havia perdido a guarda, alegando que estava sob a custódia de satanistas pedófilos. Anthony Comello (25 anos), em Nova York, declarou que haveria assassinado Francesco Cali, chefe da máfia, por fazer

parte do Estado profundo. O advogado de Comello alegou que seu cliente era mais do que um simples apoiador do QAnon, chegando a ser obcecado. (MCINTIRE; ROOSE, 2020)

Como pode ser observado, as pessoas que acreditam nas teorias disseminadas pelo QAnon estão dispostas a fazer qualquer coisa, inclusive matar, apenas porque acreditam cegamente naquilo que o usuário anônimo fala. Tudo, então, torna-se uma possível ameaça, todas as outras pessoas estão erradas, sendo enganadas pela grande mídia e pelos detentores do poder, incapazes de despertar para a verdade que está diante dos seus próprios olhos, cabendo, assim, aos “escolhidos” pegar em armas e tomar as providências para “salvar o mundo”, nem que seja pelo caminho da violência.

QAnon, tal qual todas as outras teorias da conspiração que conseguiram algum sucesso, replica a si própria de forma cíclica: qualquer objeção ou prova em contrário daquilo que alega pode ser facilmente convertido em uma espécie de suporte ao próprio pleito, utilizado como fundamento de que a informação verdadeira está sendo mantida em segredo para evitar o pânico da população ou qualquer outra desculpa em sentido semelhante. (ZUCKERMAN; MCQUADE, 2019)

Já sobre a reação do ex-presidente Donald Trump aos seguidores do QAnon, não se esperava ter sido diferente:

A infiltração da teoria da conspiração dos pântanos da febre digital para a vida *offline* é um dos desenvolvimentos mais perturbadores da era Trump, na qual o presidente utilizou implacavelmente conspirações infundadas para remodelar as narrativas políticas ao seu gosto. Ao promover ideias marginais sobre esquemas de estado profundo, Trump às vezes elevou e incentivou os seguidores do QAnon – recirculando suas postagens no Twitter, posando com um para uma fotografia no Salão Oval, convidando alguns para uma “cúpula de mídia social” na Casa Branca. Recentemente, durante uma farra de um dia no Twitter, Trump retweetou mais de 20 postagens de contas que difundiam material QAnon.²⁷ (MCINTIRE; ROOSE, 2020)

Tal postura demonstra que o ex-presidente exibia apoio ao grupo, ainda que não fosse um endosso direto às ações e crenças dos seguidores do QAnon, mas também nunca desencorajou de maneira expressa. Essa atuação funciona de forma a corroborar as convicções, ratificando como verdadeiras, uma vez que não são negadas ou sequer ignoradas.

²⁷ The seepage of conspiracy theorizing from the digital fever swamps into life offline is one of the more unsettling developments of the Trump era, in which the president has relentlessly pushed groundless conspiracies to reshape political narratives to his liking. In promoting fringe ideas about deep state schemes, Mr. Trump has at times elevated and encouraged QAnon followers — recirculating their posts on Twitter, posing with one for a photograph in the Oval Office, inviting some to a White House “social media summit.” Recently, during a daylong Twitter binge, Mr. Trump retweeted more than 20 posts from accounts that had trafficked in QAnon material.

Há também aqueles que são adeptos da teoria QAnon dentro da política real dos Estados Unidos, sendo apoiadores explícitos ou apenas membros do Partido Republicado que já declararam algum nível de suporte. Vale a pena ser citada a congressista da Geórgia Marjorie Taylor Greene, que fez uma declaração segundo a qual o QAnon seria uma oportunidade única para acabar com a seita global de adoradores de Satanás. Esse episódio chegou até a atrair um tweet positivo do ex-presidente Donald Trump. Além dela, também Michael T. Flynn, o primeiro conselheiro de segurança nacional do ex-presidente, postou um vídeo no Twitter com convidados recitando o juramento norte-americano e entoando a frase “onde vai um, vamos todos”, conhecido lema dos seguidores do QAnon. (ROSENBERG; STEINHAUER, 2020)

Esse dito se tornou bastante comum de ser encontrado em comícios do ex-presidente Donald Trump e tem por original em inglês “*where we go one, we go all*” ou, resumidamente, WWG1WGA. O slogan serve para sumarizar a essência da teoria, colocando os seguidores de “Q” para se unirem de forma obediente, em especial sem questionar, pois todos estão comprometidos uns com os outros. Outros lemas são “nada pode impedir o que está por vir” e também “confie no plano”, pois apenas aqueles que confiaram no plano serão recompensados quando a esperada “tempestade” chegar. No entanto, merece destaque que ninguém explica exatamente qual seria o plano, dizendo apenas que é necessário confiar nele. Essa ideia de que existe um planejamento secreto e que deve apenas ser seguido sem questionamentos ajuda a manter o grupo como um tipo de culto fundamentalista. (GREG... 2020)

QAnon pode ser rotulado como uma teoria da meta-conspiração, que aborda várias pessoas e eventos através de uma infinidade de diferentes teorias da conspiração que Q começa e espalha para seus seguidores. Considerando essa metateoria, alguns compararam os apoiadores de Trump e QAnon a membros do culto, pois parecem seguir cegamente teorias e líderes que não são legítimos, ou descartam fatos e evidências como desinformação de um inimigo.²⁸ (SCHABES, 2020, p. 58)

Há no âmago da teoria uma narrativa mestre, com explicações para eventos que, de outra forma, seriam perturbadores e confusos, o que garante aos seguidores a falsa ideia de que apenas eles compreendem a verdade e os demais não. Isso dá a essas pessoas a impressão de controle sobre o incontrolável, além de assegurá-los de que Donald Trump e sua equipe têm

²⁸ QAnon [...] can be labeled a meta-conspiracy theory, which addresses various people and events through a multitude of different conspiracy theories that Q begins and spreads to their followers. Considering this meta-theory, some have compared Trump supporters and QAnon supporters to cult members, as they seem to blindly follow theories and leaders who are not legitimate, or dismiss facts and evidence as misinformation from an enemy.

razões para tomar as atitudes que tomam, o que inclui a decisão de partilhar seus “planos secretos” apenas em fóruns virtuais escusos. (ZUCKERMAN; MCQUADE, 2019)

Com relação à pandemia de Covid-19, “[...] os fãs do QAnon compartilharam teorias infundadas online ligando o bilionário liberal George Soros a problemas tecnológicos que atrapalharam os encontros políticos e distribuíram ‘tratamentos’ falsos e potencialmente perigosos para o vírus”.²⁹ (MCINTIRE; ROOSE, 2020) Isso levou apenas a mais descrédito no trabalho dos profissionais de saúde, dos cientistas e pesquisadores, nas vacinas e nos tratamentos para a doença.

Quando da derrota de Donald Trump, os seguidores de “Q” se viram divididos em suas reações, posto que foi de encontro às previsões do grupo, que esperava um segundo mandato para que, finalmente, os “inimigos” fossem punidos. Enquanto alguns ficaram desolados e em choque, outros insistiram na ideia de que o tal “plano”, no qual a teoria se baseia, não havia falhado, o que só serviu para dar origem a novas explicações conspiracionistas. (SARDARIZADEH; ROBINSON, 2021)

Já um exemplo mais recente do poder da informação divulgada por “Q” é a ocupação dos caminhoneiros em Ottawa, Canadá, em fevereiro de 2022, “[...] resultado de uma coordenação sem precedentes entre várias organizações e ativistas antivacinas e antigovernamentais, e foi aproveitado por grupos semelhantes em todo o mundo”, (LING, 2022) tudo feito recebendo o endosso do movimento QAnon, cuja logo encontra-se estampada em caminhões e postes com declarações de que o Covid-19 seria a maior fraude política da história, condenando as vacinas obrigatórias e os passaportes vacinais como ilegais sob as leis canadenses e outras normas internacionais. Isso apenas serve para demonstrar o poder e a influência da desinformação espalhada pelo grupo e como pode se tornar letal para a saúde pública.

Mas, o grande perigo nas ações de “Q” e de seus seguidores se esconde não em desacreditar todo o Partido Democrata, o que por si só já desestabiliza a democracia norte-americana, ou em alegar que boa parte de Hollywood está conspirando em torno de um esquema de pedofilia e tráfico humano. O que torna o QAnon diferente de tudo aquilo que já foi visto no ramo das notícias falsas é que, tradicionalmente, os governantes eram tidos como os vilões, e isso mudou. Donald Trump é uma espécie de messias, lutando sozinho contra todo um sistema corrupto e dependendo do apoio da população, tornando-se um salvador: é a história de que,

²⁹ QAnon fans shared groundless theories online linking the liberal billionaire George Soros to technological problems that hobbled the caucuses, and passed around bogus and potentially dangerous “treatments” for the virus.

como um homem muito rico, Trump sempre soube da existência do problema e que exatamente por essa razão teria decidido virar presidente, colocar-se na linha de frente e se expor para salvar o mundo dessa ameaça, pois a única forma de combatê-los seria tendo mais poder do que eles. Para isso também, o ex-presidente teria ficado amigo de alguns integrantes da tal seita, tudo com o objetivo de vigiá-los mais de perto, como o seu declarado amigo Jeffrey Epstein, que foi preso por suposto tráfico sexual de dezenas de menores. (GREG... 2020)

Em 2018, a revista *Time* declarou que “Q” é uma das 25 pessoas mais influentes na Internet, juntamente com figuras mais conhecidas como Donald Trump, Kanye West e Matthew Drudge. As pistas que o usuário planta em suas mensagens enigmáticas na Internet levaram a inúmeros vídeos, podcasts e conteúdos on-line e off-line para tentar interpretar. Em março de 2019, o livro *QAnon: an invitation to a great awakening* (QAnon: um convite para um grande despertar), escrito por seguidores e apoiadores, alcançou o segundo lugar na lista de livros mais vendidos da Amazon. (ZUCKERMAN; MCQUADE, 2019)

É por colocações assim que o QAnon é considerado tão perigoso, possivelmente a mais perigosa teoria da conspiração do século XXI. (WARZEL, 2020) “QAnon é [...] uma metanarrativa que une a política contemporânea e os velhos tropos racistas com séculos de história por trás deles”.³⁰ (ZUCKERMAN; MCQUADE, 2019, p. 5)

QAnon é possivelmente a primeira teoria da conspiração a compreender, abraçar e se utilizar da natureza participativa da Internet contemporânea, o que requer destaque, e certamente é um dos motivos para atrair tantos seguidores e se disseminar tão rapidamente. O usuário “Q” acaba sendo um contador de histórias que se tornou um mestre da narrativa virtual: falar para uma audiência que não apenas deseja ler, mas também quer participar. Essa participação se tornou, a cada dia mais, um fenômeno comum na mídia, pois não há mais a necessidade de um mediador para selecionar o conteúdo e amplificá-lo para as massas, pois os canais de informação já não são mais tão limitados. Em vez disso, tal modelo foi substituído por um em que a audiência se torna plenamente participante e essencial para circular a informação, e ela própria passa a ser a responsável por criar o conteúdo, adicionando informações ou contando novas histórias por ferramentas como Google ou redes sociais. (ZUCKERMAN; MCQUADE, 2019)

A desinformação, portanto, acaba se tornando o novo normal, cujo centro é que cada assertiva tem um ponto de vista próprio por detrás, servindo aos interesses de alguém específico

³⁰ QAnon is a big tent conspiracy theory, a metanarrative that knits together contemporary politics and hoary racist tropes with centuries of history behind them.

acima dos outros. Cada escolha da história que é transmitida ou ignorada não é em vão nem por acaso, e pode ser utilizada como uma arma. É por razões assim que Donald Trump reclama de que a mídia falhou ao transmitir o sucesso de seu governo e de que esta é seu mais potente antagonista, pois são realidades totalmente diferentes a defendida pelo ex-presidente e a defendida pelos meios de comunicação. (ZUCKERMAN; MCQUADE, 2019)

As crenças e os atos perpetrados pelo grupo são muitas vezes difusos, o que torna difícil compreender a sua abordagem ou sua forma de atuação; nem sempre é algo coeso e organizado, nem mesmo o discurso daqueles que fazem parte dos seus seguidores, o que acaba por complicar qualquer análise mais profunda da situação, cabendo apenas uma visão mais genérica de pontos que são um tanto unânimes dentro do grupo e do discurso do próprio “Q”.

Resta claro o quanto esse é um tema atual e relevante ao relacionar-se com a difusão rápida e perigosa de notícias falsas, um tópico recorrente nos estudos de Ciência da Informação.

O algoritmo das redes sociais e da Internet funciona de forma que quanto mais se consome um determinado assunto, seja por indignação ou por interesse, mais esse assunto vai aparecer para todos e, conseqüentemente, mais será difundido. Isso vai alimentando a máquina de uma forma cíclica. Mas, nem as grandes redes como o Facebook acabam se mostrando capazes de lidar com a explosão de desinformação em seus ambientes virtuais, mesmo que isso afete o resultado de eleições em democracias maduras. Vê-se, então, líderes populistas se utilizarem de teses simplistas e desinformações, sejam espontâneas ou manipuladas, e que vão destruindo e ameaçando processos democráticos. A dificuldade de lidar com isso em meio virtual é controlar aquilo que é publicado na rede, distinguir a liberdade de expressão do crime. (O QUE... 2021)

No entanto, o assunto nunca se mostrou tão importante quanto no presente momento histórico, em que pessoas estão se utilizando da desinformação para influenciar a tomada de posição na sociedade e na política. O indivíduo conhecido como QAnon merece especial destaque, pois as ações perpetradas por ele ou grupo de pessoas que ele representa vêm interferindo de maneira ativa na sociedade e na política estadunidense. Esse fato dá-se, em especial, pela forma como espalham as ideias levantadas como pseudodefesa de crianças contra a pedofilia, arguida pelo grupo como institucionalizada no país.

A introdução frequente de novos símbolos e pontos misteriosos da trama para dissecar e decifrar deu a QAnon a sensação de um grupo de estudo teológico, ou um jogo *online multiplayer* massivo. Em entrevistas, vários adeptos descreveram o QAnon como um “estilo de vida” ou uma “religião”, e disseram

que se tornou sua principal fonte de notícias e análises políticas.³¹ (MCINTIRE; ROOSE, 2020)

Dessa maneira, o presente trabalho busca estudar as mensagens disseminadas pelo usuário “Q”, além das consequências dos seus atos para as eleições presidenciais norte-americanas e a relação com o movimento *Save the Children* (Salvem as Crianças). No mais, o perigo à saúde pública se evidencia quando, durante a pandemia de Covid-19, os seguidores do QAnon, ao fundirem suas crenças com ideias antivacina e antimáscaras, mostravam o negacionismo para com a ciência, com a doença e as respectivas consequências, pois para eles tudo se trata de uma mentira da grande mídia para desestabilizar o governo.

Esse tema também serve como um alerta para a população de outros países que passam por problemas semelhantes com a propagação de notícias falsas; no caso do Brasil, observa-se cada vez mais as *fake news* circulando pelas redes sociais e em luta constante contra os meios de informação tradicionais e a palavra de especialistas reconhecidos como tal, o que evidencia a alienação da população.

Vale, então, destacar que, embora o QAnon seja uma teoria muito bem adaptada à cultura e ao imaginário norte-americano, não deixa de ser interessante para o Brasil a existência de certo alinhamento tanto nas táticas utilizadas pelos seguidores quanto na finalidade que se busca obter com elas, algo a ser utilizado por aqueles que estão no poder para nele se manterem. (GREG... 2020)

Não há pesquisas específicas que quantifiquem a presença do QAnon no Brasil, mas há relatos de que, em grupos virtuais bolsonaristas, já se adapta a teoria de “Q” à realidade brasileira, utilizando viés como o combate ao satanismo ou à pedofilia. Isso possibilita uma pseudoluta em favor de uma teoria conspiratória, servindo para a manipulação do discurso que ameaça à democracia. (O QUE... 2021)

Um exemplo nesse sentido é o fato de grupos evangélicos e olavistas ajudarem a espalhar *fake news* do presidente Jair Bolsonaro sobre esquerda política e pedofilia:

Bolsonaro aproveitou a apresentação de um Projeto de Lei que aumenta a pena para pedófilos para afirmar, sem provas, que “a esquerda busca meios de descriminalizar a pedofilia, transformando-a em uma mera doença ou opção sexual”. O presidente mentiu, como mostraram várias checagens, incluindo esta do UOL e do Projeto Comprova, mas conseguiu atizar ainda mais grupos religiosos radicais e discípulos do autodeclarado filósofo Olavo de Carvalho,

³¹ The frequent introduction of new symbols and arcane plot points to dissect and decipher has given QAnon the feel of a theological study group, or a massive multiplayer online game. In interviews, several adherents described QAnon as a “lifestyle” or a “religion,” and said it had become their primary source of political news and analysis.

que representam grande parte da sua base aliada. (RUDNITZKI; CORREIA, 2020)

Note-se que a teoria QAnon é um conjunto de crenças que livra não somente aquele que está no poder de críticas, pois suas ações se tornam justificadas, mas também os seus eleitores de fazerem uma autocrítica, pois o objetivo de libertar o mundo de pedófilos satanistas coloca todo o resto em perspectiva, segundo a qual os atos passam a ser justificados. Ao final, serve de desculpa para não necessitar reavaliar o próprio voto, pois não há qualquer possibilidade de existir uma escolha política errada quando se segue o lema “confie no plano”. (GREG... 2020)

Por fim, resta a pergunta:

Quem é Q? Q é um agente inteligente dissidente no círculo íntimo do presidente? Uma equipe de agentes? Ou talvez o próprio Presidente Trump? Ele (ou ela ou elu) é uma operação lucrativa montada por *trolls* oportunistas do 4chan? Uma brincadeira gigante que ficou fora de controle? Um *role play* na vida real, ou LARP, como alguns QAnons gostam de descrevê-la? O Q é um esforço de Psyops, projetado para manter o espírito dos apoiadores mais ardentes de Trump enquanto o presidente luta para drenar o pântano como prometeu que faria? Q é uma operação internacional de desinformação projetada para separar ainda mais a esquerda e a direita, assim como a Agência de Pesquisa da Internet procurou separar o Black Lives Matter ou a comunidade LGBTQ?³² (ZUCKERMAN; MCQUADE, 2019, p. 17-18)

A resposta, ainda que possa parecer o contrário, não é tão simples, mas pode-se dizer que “Q” é tudo isso, e ainda mais. Considere-se que “Q” é todas essas definições acima simplesmente pelo fato de que, em algum lugar, alguém acredita que ele seja uma dessas interpretações e trabalha para impor tal realidade às outras pessoas. (ZUCKERMAN; MCQUADE, 2019)

Logo, vê-se o potencial destrutivo que caracteriza a existência de “Q” e de toda a teoria QAnon, espalhando-se na seara política da economia mais poderosa do mundo, os Estados Unidos da América, defendendo um ex-presidente e ex-candidato à reeleição com base em notícias falsas. Isso reafirma a capacidade da disseminação da informação como um potencial Regime de Informação, e o pior, podendo fornecer elementos que fazem paralelo com a realidade brasileira.

³² Who is Q? Is Q a dissident intelligent agent in the President’s inner circle? A team of agents? Or perhaps President Trump himself? Is he (or she or they) a profitmaking operation put together by opportunistic 4Chan trolls? A giant prank that has grown wildly out of control? A real-life role play, or LARP, as some QAnons like to describe it? Is Q a Psyops effort, designed to keep up the spirit of Trump’s most ardent supporters as the President struggles to drain the swamp as he promised them he would do? Is Q an international disinformation operation designed to further pull apart the left and the right much as the Internet Research Agency sought to pull apart Black Lives Matter or the LGBTQ community?

You!

Why do they always send the poor?

Barbarisms by Barbaras with pointed heels
 Victorious victories kneel for brand new spanking deals
 Marching forward, hypocritic and hypnotic computers
 You depend on our protection, yet you feed us lies from the table cloth

Everybody's going to the party, have a real good time
 Dancing in the desert, blowing up the Sunshine

Kneeling roses disappearing into Moses' dry mouth
 Breaking into Fort Knox, stealing our intentions
 Hangars sitting dripped in oil, crying: Freedom
 Handed to obsolescence, still, you feed us lies from the table cloth

Blast off, it's party time
 And we don't live in a fascist nation
 Blast off, it's party time
 And where the f*ck are you?

Where the f*ck are you?
 Why don't presidents fight the war?
 Why do they always send the poor?

(System of a Down – B.Y.O.B.)

4 CONTEXTO METODOLÓGICO

O QAnon iniciou sua atividade como um movimento de cunho político e logo se estendeu para abranger os mais variados temas de interesse da sociedade estadunidense.

Dessa maneira, é necessário inicialmente fazer uma diferenciação entre duas formas pelas quais ele se apresenta: na primeira, ele aparece como o usuário “Q”, a pessoa — ou grupo de pessoas — que faz as postagens em nome de “Q” ou “Q+” na internet; trata-se do centro de toda a teoria QAnon, o ponto nevrálgico que sustenta o Regime de Informação por ele estabelecido (opta-se aqui por escrever como se esse usuário fosse uma única pessoa); na segunda forma, concebe-se que, ao se usar o termo “QAnon” não se está fazendo referência apenas à pessoa “Q”, mas sim a todo o grupo de seguidores, todo o Regime de Informação por ele estabelecido. Nesse segundo caso, engloba os banners e postagens com a frase “We are Q” (ou “Nós somos Q”), tão difundida dentro do movimento. Existe e é encorajado uma espécie de pertencimento ao grupo, no qual o trabalho conjunto, as palavras do usuário “Q” chamando todos a ajudar e participar, une-os sob o nome “QAnon” também.

Assim, deve-se ter em mente que há dois “QAnon”: o “QAnon Pessoa” e o “QAnon Grupo de Seguidores”. Os limites entre um e outro são tênues, tanto na prática, com a leitura das postagens originais de “Q”, quanto ao se observar os conteúdos escritos a respeito do movimento na mídia e também no âmbito acadêmico.

4.1 ENQUADRAMENTO: QANON COMO REGIME DE INFORMAÇÃO

Tendo isso sido estabelecido, a pesquisa em questão desenvolveu-se inicialmente apresentando conceitos de Regimes de Informação. Foi eleita para trabalhar a definição elaborada por Frohmann para os RI como referencial teórico, uma vez que parece adequada para o presente objeto de estudo, pois aborda os Regimes de Informação como sistemas, redes pelas quais a informação flui, partindo de autores específicos para os demais nós do grupo no qual se insere, utilizando-se de estruturas organizacionais com fins de atingir a esses usuários. (FROHMANN, 1995)

Outro ponto bastante emblemático e presente é a relação de poder citada pelo autor dentro das relações sociais mediadas pela informação, em que o domínio da informação é atingido e também mantido por grupos específicos, o que gera formas também específicas de dominação. Os Regimes de Informação são considerados como redes, com normas próprias de atuação, compostas por uma ampla gama de atores. Também há o uso da informação como

objeto para manobras de manutenção de poder pelos grupos dominantes, o que é apenas reiterado pelo uso constante dos RI.

Frohmann (1995) ainda pontua que os regimes atuam de maneira determinante nas relações sociais em que estão inseridos, exercendo, assim, seu poder de dentro para fora, por meio dessas mesmas intrincadas redes, atuando de maneira a pacificar conteúdos como forma de impor o seu poder. Deve-se considerar que os Regimes de Informação, construídos de forma a compartilhar dados entre pessoas, posto que se trata do trânsito da informação de um polo produtor para um polo consumidor.

Apresenta-se, assim, o Regime de Informação estabelecido pelo usuário “Q”, mais conhecido como QAnon. Note-se que esse usuário habita o centro da rede, da “teia” de conexões que liga os participantes do regime. Ele, então, produz um determinado conteúdo, uma postagem na internet, também conhecida como “migalhas” (*crumbs*, no original em inglês), a qual será analisada e debatida on-line para que os seguidores compreendam e determinem o significado. A partir daí, havendo um significado estabelecido pela maioria do grupo, todos devem acatar, internalizar e repetir, pois a fonte da informação foi “Q” e ele está sempre certo, ele “sabe” a verdade e busca o melhor para todos os estadunidenses.

Vê-se exatamente esse sistema de rede definido por Fromann pelo qual a informação flui de um autor específico com o objetivo de atingir os demais nós.

Outro ponto bastante emblemático e presente é a relação de poder citada pelo autor dentro das interações sociais mediadas pela informação, onde o domínio da informação é atingido e também mantido por grupos específicos. Como membro central desse regime, “Q” não deve ser questionado e qualquer um que o faça é considerado um impostor, desacreditado, que não está pronto para saber a verdade ou não está acordado o suficiente para enxergar as mentiras narradas pelo “sistema”. A informação passa a ser objeto de manobras para manutenção do poder por parte dos grupos dominantes.

Ainda em consonância com Frohmann (1995), o QAnon atua não apenas de maneira determinante, ditando aos membros do grupo como agir e no que acreditar, exercendo seu poder de dentro para fora por meio dessas mesmas intrincadas redes por eles criadas, mas também age de maneira a pacificar conteúdos como forma de impor o seu poder. Não se deve olvidar a aplicação da microfísica do poder dentro do regime estabelecido: as normas impostas deverão ser seguidas, a verdade não poderá ser questionada, todos que fazem parte daquele mesmo grupo social serão compelidos ou até forçados a seguir e a não duvidar do que lhes for dito.

Vale ainda destacar o que Braman (2004) desenvolve acerca dos Regimes de Informação. A autora cita os três aspectos do regime, quais sejam, governo, governança e

“governamentalidade”. Nesse sentido, “Q” e os seus seguidores possuem uma clara relação hierárquica e de comando dentro do regime, além da capacidade de conduzir dada ao próprio “Q”, a qual permite ditar as regras de conduta nessa relação. Por fim, o último aspecto se evidencia na aceitação das normas impostas pelo usuário “Q” para os seus seguidores, as verdades absolutas e inquestionáveis que tornam o seu poder viável.

Outro ponto citado por Braman (2004) e que vale a pena ser abordado é a função essencial do Regime de Informação como redutor de incertezas e pacificador de conteúdos. Uma vez que todos os seguidores de “Q” são compelidos a concordar sobre as matérias por ele abordadas, considerando-se que um dos principais atrativos da teoria QAnon é exatamente elucidar e expor a “verdade” oculta pelo governo, as pessoas atribuem veracidade às palavras de “Q”, até mesmo encontrando meios de corroborar com o que ele está postando, as chamadas “provas”. Assim, não há dúvidas dentro do grupo, e se alguém duvida, é porque não está suficientemente consciente da verdade e precisa estudar mais a teoria QAnon. Está nítido aí o poder de convencimento dos Regimes Informacionais, uma vez que agem em muitos momentos com a finalidade de persuadir aqueles que fazem parte do grupo social no qual estão inseridos, de modo a unificar o pensamento sobre um determinado assunto.

Partindo para Unger e Freire (2006), vê-se presente no QAnon a composição física dos Regimes de Informação, quais sejam: estoques de informação (todo sistema informacional por ele e seus seguidores desenvolvido); diretrizes políticas que contornam e direcionam os conteúdos informacionais abrigados nos sistemas de informação (a forma de compreender, interpretar, incorporar à vida toda informação que circula dentro desse meio, além das técnicas para a disseminação); seres humanos e suas necessidades informacionais (aqueles que buscam conhecer a “verdade”); ambiente cultural-sócio-econômico-político em que se encerram (no caso, o contexto estadunidense); acesso à informação (sem a qual nada disso seria possível); meios físicos que permitem o ir e vir da informação (os fóruns virtuais nos quais acontece essa troca de informações).

Isa Freire também destaca que essa soma de atores e suas ações, bem como os dispositivos informacionais a serem utilizados, fazem parte da capacidade da disseminação da informação dentro de um Regime de Informação. Nesse sentido, convém lembrar do imenso alcance das publicações perpetradas pelo QAnon, o que destaca essa alta capacidade de disseminação das informações por ele veiculadas dentro de seu regime específico. Ainda nesse ensejo, é válido destacar, nas palavras da própria professora Freire, que as “teorias” difundidas pelo usuário “Q” seriam exatamente esses dispositivos informacionais do Regime de

Informação por ele estabelecido em seu grupo, que pode ser entendido como uma forma de vida social.

Sob essas perspectivas, o QAnon não pode deixar de ser visto como um Regime de Informação que atua principalmente em meio virtual, preenchendo todos os requisitos para tanto, com as características teóricas para ser enquadrado como tal, tanto quanto aos conceitos trazidos pelos acadêmicos, quanto à prática e ao discurso entre seus seguidores. Isso apenas ressalta a importância da aplicação da teoria acerca dos RI, sempre aproximando do caso concreto para uma melhor compreensão e estudo do fenômeno, de como se manifesta e age no meio real e entre os atores.

O usuário “Q” moldou ao redor de si um Regime de Informação, estabelecendo um sistema próprio sob o nome de QAnon, e isso é necessário ser levado em conta em estudos futuros sobre essa entidade, visto as implicações dessa afirmação, conforme já citadas nos capítulos anteriores. Esse regime é responsável pela manutenção de seu poder e influência, além de ser parte essencial para que continue a disseminar informações, muitas vezes sem qualquer embasamento factual.

4.2 O MÉTODO

Dar prosseguimento à explanação deste estudo implicou observar os procedimentos metodológicos adequados aos objetivos eleitos para dar cumprimento a eles.

Assim, para o desenvolvimento deste trabalho, quanto aos seus objetivos, definiu-se como tipo de pesquisa a exploratório-descritiva. Segundo Gil (2002, p. 41), a pesquisa exploratória tem “[...] como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Ou seja, busca-se, numa primeira aproximação, conhecer os fatos não tão abordados, novos princípios para as atuais teorias a respeito do tema, por se tratar de um assunto ainda pouco explorado, em especial quanto ao QAnon.

Do ponto de vista descritivo, Gil (2002, p. 42) defende que tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Para alcançar-se o intento final, é necessário perpassar por ambos os procedimentos, podendo ser adotados em conjunto ao se desenvolver um trabalho que vá tanto proporcionar essa maior familiaridade com um tema inovador, no caso

a disseminação de notícias falsas pelo QAnon, quanto o estabelecimento de relações entre as variáveis que compõem o objetivo geral, além da descrição do fenômeno.

Quanto ao procedimento, trata-se de uma pesquisa documental, que inclui um estudo de caso. Marconi e Lakatos (2003, p.174) definem que “[...] a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”.

É necessário destacar o conceito de documento, que pode ser compreendido como tudo aquilo que armazena informação, ou seja, extrapola a dimensão do suporte, seja ele qual for, e passa o foco para a informação nele contida, independentemente do formato. (TANUS; RENAULT; ARAÚJO, 2012)

Esse procedimento aplica-se a este estudo, visto que pelo menos uma das fontes da pesquisa é a própria circulação dos textos de “Q” na Internet, isto é, os originais (fonte primária) que não receberam qualquer tratamento analítico prévio, retirados dos fóruns em que foram veiculados, ou quando não foi esta uma opção, de sites dos seguidores de “Q” que compilam os materiais publicados pela conta do usuário anônimo. Assim, as postagens do QAnon na Internet como se apresentam qualificam-se para serem classificadas como documentos e receberem esse tratamento da pesquisa documental, posto que armazenam informações.

Quanto ao estudo de caso, como definido por Yin (2015), caracteriza-se por investigar um fenômeno contemporâneo em seu contexto no mundo real, com as variáveis de interesse para triangulação dos dados do projeto. Dessa forma, visou-se abordar o objeto, o QAnon, descrevendo sua trajetória e ações, que, mesmo tendo ocorrido em ambiente virtual, correspondem a um comportamento que influenciou e teve consequências nas vidas de milhares de pessoas, parte ou não do movimento.

Yin (2015) também observa que, para ser configurado um estudo de caso, devem ser obedecidos três requisitos: primeiro, estabelecimento da questão de partida e da forma como é elaborada, do que está procurando saber e do interrogativo escolhido; segundo, determinação de se o pesquisador tem controle sobre os eventos comportamentais reais a serem estudados; terceiro, seleção de um evento contemporâneo. Seguindo essa linha, a questão de partida escolhida busca compreender uma maneira, respondendo a um “como”, o que se enquadra para o autor como um dos interrogativos para o estudo de caso. Além disso, não há qualquer controle sobre os fatos estudados, que devem ser contemporâneos e ainda estarem acontecendo, embora um limite temporal tenha sido traçado para efeito de análise de dados. Assim, nesta pesquisa, todos os requisitos para se tratar de um estudo de caso foram preenchidos e as condições abordadas por Yin foram atendidas.

Quanto à natureza dos dados, trata-se de uma pesquisa qualitativa por focar na compreensão do fenômeno, com ênfase no aspecto subjetivo, como meio de compreender e interpretar as experiências. De acordo com Flick (2009), os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem em: escolha adequada de métodos e teorias convenientes; reconhecimento e análise de diferentes perspectivas; reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção do conhecimento; variedade de abordagens e métodos. Essa ideia relaciona-se com o presente projeto, uma vez que o foco é abordar ações humanas e a maneira como essas ações produzem consequências.

Na parte estatística da pesquisa, buscou-se coletar as publicações do usuário “Q”, definindo uma amostra para, em seguida, categorizar tematicamente os conteúdos das postagens, com o objetivo de, a partir de tais dados, chegar aos conteúdos mais amplamente difundidos pelo QAnon e, por final, às consequências de tais desinformações sobre a sociedade.

Trata-se de uma avaliação de incidência de variáveis qualitativas, posto que não são capazes de assumir valores, ou seja, que podem ser organizadas em diferentes grupos, distinguindo-se por meio de características não numéricas. Numa pesquisa qualitativa, entende-se que se trata de variáveis nominais, sem poder ser estabelecida uma ordem entre os seus valores, organizadas pela ocorrência.

As técnicas e os instrumentos utilizados foram: análise de conteúdo e a observação não participante. A primeira, por se tratar de investigação documental, é utilizada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. É definida por Bardin ([2006], p. 38) “[...] como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Logo, a análise de conteúdo foi utilizada ao se estudar os textos das mensagens publicadas pelo usuário “Q” e organizá-las de maneira temática em grupos (categorias), além de também ser usada no tratamento de todas as informações obtidas nos fóruns virtuais e sites dos apoiadores do QAnon.

Já a observação não participante se deu por ser um estudo de caso, utilizando-se os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, presenciando o fato, fazendo anotações, mas não participando dele. Isso ocorreu principalmente no acompanhamento de fóruns, sites e jornais, observando-se a maneira como os seguidores de “Q” e o próprio usuário anônimo se comportam, como se comunicam, como transmitem as informações e também como reagem.

Quanto ao universo e ao local a ser estudado, foi escolhido para a pesquisa o ciberespaço, pois é o ambiente no qual se dá a atuação do QAnon e também onde mais

interagem os seguidores do usuário anônimo. Dessa maneira, acaba sendo o espaço ideal para ser avaliado o comportamento dessas pessoas, dentro das suas próprias zonas de conforto.

A pesquisa desenvolveu-se inicialmente reunindo as teorias para se chegar ao conceito de Regimes de Informação. Em seguida, tais critérios foram ordenados, e com base nas inferências construídas ao longo deste trabalho, a rede de informações construída pelo QAnon pôde ser enquadrada e justificada como um RI. Uma vez compreendido como “Q” trabalha e porque constitui um Regime de Informação, procedeu-se para a forma como ele utiliza tal rede para disseminar a desinformação e as consequências informacionais que isso traz para a sociedade.

4.3 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Visitou-se a *deep web* para observação e coleta de dados a respeito dos materiais publicados e divulgados pelo próprio QAnon, bem como os seguidores mais próximos da teoria por ele difundida. Para esse procedimento, utilizou-se um navegador específico chamado Tor, capaz de acessar as camadas mais profundas da Internet que os navegadores comuns não conseguem ler. Também foi necessário criar uma máquina virtual dentro do computador original, utilizada para mascarar os dados e proporcionar mais segurança contra invasão de pessoas mal-intencionadas e contra vírus. Usando o DuckDuckGo, um buscador da *deep web*, foi encontrado o fórum **4chan** e o fórum **8kun**, locais onde está concentrada a maior parte das postagens de “Q” e onde se dão as principais interações dos seus seguidores. Nesses espaços, foram obtidas as publicações originais do próprio QAnon, que foram complementadas com outros sites específicos dos seguidores da teoria, que também compilam informações a respeito dos escritos do usuário anônimo.

Necessário antes compreender o que é a *deep web* e o motivo pelo qual não é possível fornecer quaisquer *links* de acesso:

Se concebermos a Web como um oceano de dados, a maioria de nós está interagindo com a Surface Web ondulada, transparente e facilmente navegável [...]. A Surface Web é a parte da Web que foi rastreada e indexada (e, portanto, pesquisável) por mecanismos de pesquisa padrão, como Google ou Bing, por meio de um navegador da Web comum. Na escuridão abaixo, abaixo da termoclina eletrônica, estão as profundezas abissais da Deep Web (também conhecida como Web Invisível ou Web Oculta) – a parte da Web que não foi rastreada e indexada e, portanto, está além do sonar alcance dos motores de busca padrão. É tecnicamente impossível estimar com precisão o tamanho da Deep Web. No entanto, é revelador que o Google – atualmente o maior mecanismo de busca – indexou apenas 4-16 por cento da Surface Web. A

Deep Web é aproximadamente 400-500 vezes mais massiva que a Surface Web (consulte brightplanet.com). Estima-se que os dados armazenados apenas nos 60 maiores sites da Deep Web sejam 40 vezes maiores que o tamanho de toda a Surface Web (consulte thehiddenwiki.net).³³ (SUI; CAVERLEE; RUDESILL, 2015, p. 6)

De posse desses dados, passou-se à elaboração da parte estatística da pesquisa, que consistiu em selecionar uma amostra das publicações de “Q” de um total de 4.966, do período de 28 de outubro de 2017, correspondente à primeira de todas, até 27 de novembro de 2022, a última do ano de 2022.

Optou-se por utilizar uma margem de erro de 3%, para mais ou para menos, resultando em 908 unidades amostrais aleatórias, o equivalente a 18,28% da população total. Assim, a fórmula utilizada para calcular o tamanho mínimo da amostra compreendeu os procedimentos abaixo para um nível de significância de 95%. (OLIVEIRA; GRÁCIO, 2005; BARBETTA, 2001)

Iniciou-se realizando um cálculo a fim de identificar o tamanho da amostra (n), mesmo sem conhecer o tamanho da população (N). Esse procedimento é dado pela fórmula (1):

$$n_0 = \frac{1}{E_0^2} \quad (1)$$

Segundo a qual:

n_0 = primeira aproximação para o tamanho da amostra;

E_0 = erro amostral tolerável.

Como já é conhecido o tamanho da população ($N = 4.966$), o cálculo da fórmula anterior pode ser corrigido pela fórmula (2):

$$n = \frac{N \cdot n_0}{N + n_0} \quad (2)$$

³³ If we conceive of the Web as a data ocean, most of us are interacting with the wavy, transparent, easily navigable Surface Web (see Figure 1). The Surface Web is the portion of the Web that has been crawled and indexed (and thus searchable) by standard search engines such as Google or Bing via a regular web browser. In the darkness below, beneath the electronic thermocline, are the abyssal depths of the Deep Web (also referred to as the Invisible Web or Hidden Web) – the portion of the web that has not been crawled and indexed, and thus is beyond the sonar reach of standard search engines. It is technically impossible to estimate accurately the size of the Deep Web. However, it is telling that Google – currently the largest search engine – has only indexed 4-16 percent of the Surface Web. The Deep Web is approximately 400-500 times more massive than the Surface Web (See brightplanet.com). It is estimated that the data stored on just the 60 largest Deep Web sites alone are 40 times larger than the size of the entire Surface Web (See thehiddenwiki.net).

Segundo a qual:

N = tamanho da população;

n = tamanho da amostra;

n_0 = primeira aproximação para o tamanho da amostra.

Acompanhando os procedimentos de Oliveira e Grácio, (2005) e Barbetta (2001), a fim de calcular o tamanho mínimo de uma amostra do tipo aleatória simples, tem-se:

(a) para um erro tolerável de 3% ($E_0 = 0,03$) e aplicando a fórmula (1):

$$n_0 = \frac{1}{(0,03)^2} = 1.111$$

(b) em seguida foi realizada a correção pela fórmula (2), ou seja, a correção em função do tamanho da população (N):

$$n = \frac{4966 \cdot 1,111}{4966 + 1,111} = 908$$

Desse modo chega-se ao tamanho da amostra, nesse caso, 908 unidades amostrais, o equivalente 18,28% de N .

O uso da fórmula para levantar o tamanho da amostra, nesse caso aleatória simples, foi empregado a fim de ter um referencial para seleção das unidades de análise que iriam compor a amostra. (OLIVEIRA; GRÁCIO, 2005; BARBETTA, 2001) Embora o percentual de 18,28%, que resultou em 908 unidades amostrais, tenha ficado abaixo de 50%, esse valor responde ao proposto no objetivo de pesquisa, haja vista tratar-se de um quantitativo plausível para se trabalhar no tempo disposto para uma única pessoa avaliar todas as amostras, além de estar de acordo com a obra publicada para a área de Ciência da Informação.

Em seguida, utilizando-se a plataforma de sorteios on-line (<https://sorteador.com.br/>), foram inseridos os dados: sortear 908 números entre 1 e 4.966, e mostrar os resultados em ordem crescente. O *link* para o resultado do sorteio é: https://resulta.do/1OpxSHfNTMIh_, efetuado dia 9 de janeiro de 2023, às 13:14h.

Note-se que cada uma das postagens do usuário “Q” tem um número de acordo com a ordem em que foi publicada. Os números podem ser conferidos nos sites dos seguidores do QAnon (<https://qalerts.app/> e <https://qposts.online/>).

Assim, foram sorteados números e por meio deles foram recuperadas as respectivas postagens efetuadas pelo usuário anônimo, as quais foram organizadas em categorias temáticas referentes aos assuntos abordados, inclusive com uma categoria para as que pareciam tão aleatórias (julgadas como codificadas pelos seguidores de “Q”) que não se encaixavam em nenhum assunto aparente. Uma vez organizadas em grupos temáticos, foi possível elaborar uma tabela de classificação para se inferir, delimitar e especificar as consequências informacionais para a sociedade.

Não foi escolhida uma seleção amostral por tempo, pois o usuário “Q” passa por vezes longos períodos sem se manifestar. Por exemplo, a última postagem havia sido dia 8 de dezembro de 2020, passando mais de um ano desaparecido, até se manifestar mais uma vez em 24 de junho de 2022. Suas aparições estão fortemente ligadas a fatos da política e da sociedade norte-americana, por exemplo, no dia 24 de junho de 2022: o possível motivo que o fez surgir mais uma vez foi a anulação pela Suprema Corte dos Estados Unidos do litígio conhecido pelo nome das partes Roe contra Wade, revogando o direito ao aborto antes concedido em todo país. (ROE... 2022) Dessa maneira, fazendo um sorteio aleatório entre todas as postagens já escritas pelo usuário anônimo, foi possível abranger uma gama muito maior de fatos políticos e sociais.

Assim, para a elaboração da tabela a ser trabalhada na análise de dados, foi escolhido apenas o critério da temática contida no texto das postagens do usuário anônimo “Q”, estando ela organizada em quatro colunas, quais sejam: (1) numeração da postagem dentro do espaço amostral, (2) numeração da postagem no universo total de postagens ou o número do sorteio, (3) conteúdo da postagem, (4) enquadramento temático de tal conteúdo. Esta última coluna não tem qualquer limite para categorização, foram atribuídos termos de acordo com o que pode ser compreendido do texto original. Não foi observada necessidade de outras colunas, visto que o foco aqui abordado é exatamente a temática para se inferir a respeito das consequências desse Regime de Informação.

O critério de classificação temática envolveu as seguintes perguntas: “Qual o tema principal?”, “Ele pode ser compreendido sem grandes dúvidas?”, “Ele foi escrito para ser compreendido?” e “Ficou suficientemente claro?”.

Muitas postagens contêm mais de um tema, ao que precisou se eleger qual seria o intuito do autor ao escrever o texto, em especial em um contexto no qual quase todas as publicações são de cunho político, nem que esteja em segundo plano. Outra questão é que algumas postagens parecem claras, mas não são, pois o tema não consegue ser identificado de imediato ou gera dúvida em sua compreensão.

Um ponto necessário de ser abordado é que muitas publicações oferecem imagens ou gráficos, ao que foi necessário descrevê-los para uma melhor compreensão do leitor, sem que houvesse a necessidade de recorrer aos sites originários.

Logo, as principais limitações na elaboração dessa tabela estão relacionadas ao fato de haver sido estruturada por um ser humano ao longo do período de um mês, o que pode gerar diferença na forma de compreensão dos conteúdos, tanto de uma pessoa para outra como ao longo do tempo, além da impossibilidade de recuperar e analisar todo conteúdo derivado, produzido pelos seguidores e debatedores do QAnon, visto que muitas vezes nem eles mesmos chegam a um consenso do que o usuário “Q” está falando.

Outro ponto a ser destacado é o tamanho da tabela em seu resultado. Possuindo quase 150 páginas com a devida formatação, optou-se por não a trazer apenso nesta pesquisa. Em vez disso, preferiu-se disponibilizá-la virtualmente no seguinte *link* <https://d3dd3f.github.io/Mestrado-QAnon/>, podendo ser mais bem visualizada, manuseada e consultada em formato digital, sem perder as devidas propriedades.

Dentre as dificuldades encontradas para a elaboração desta pesquisa estão dois pontos que merecem destaque. O primeiro foi a pandemia Covid-19, que se instalou mundialmente em 2020, tornando impossível o acesso às bibliotecas físicas e também o encontro presencial com orientadores e colegas de grupos de pesquisa durante dois anos, o que forçou a utilizar o lado criativo e inventivo para a resolução de tais entraves. O segundo ponto foi acessar a *deep web*, a camada mais profunda da Internet e inacessível pelos meios tradicionais. Uma vez que os grupos de seguidores do QAnon e o próprio usuário anônimo se manifestam de maneira mais profusa na *deep*, fez-se necessária a ajuda de um profissional da área de Tecnologia da Informação para, além de proteger a máquina que acessaria os fóruns e sites de possíveis invasores e vírus, também ensinar os caminhos para fazê-lo de maneira segura, sem ser detectado.

O desenvolvimento dessa investigação, em todas suas etapas e considerando as demandas dos seus diferentes momentos, assegurou o cumprimento dos objetivos tal como se delineou preliminarmente, quais sejam: o **objetivo geral**, caracterizar o QAnon como um Regime de Informação que dissemina desinformações com consequências informacionais para a sociedade; e os **objetivos específicos**, descrever a trajetória e as ações do QAnon, apresentar o QAnon como Regime de Informação e caracterizar os seguidores de “Q” como parte do RI. Esses objetivos responderam à **questão de partida**: “De que forma o QAnon se estabeleceu como um Regime de Informação para disseminar desinformações?” Ela foi concebida a partir

da identificação do seguinte problema de pesquisa: os usuários consomem e disseminam desinformações do QAnon pelo ciberespaço.

Kill for gain or shoot to maim
 But we don't need a reason
 The Golden Goose is on the loose
 And never out of season
 Blackened pride still burns inside
 This shell of bloody treason
 Here's my gun for a barrel of fun
 For the love of living death

The killer's breed or the Demon's seed
 The glamour, the fortune, the pain
 Go to war again, blood is freedom's stain
 Don't you pray for my soul anymore

2 minutes to midnight
 The hands that threaten doom
 2 minutes to midnight
 To kill the unborn in the womb

The blind men shout let the creatures out
 We'll show the unbelievers
 The Napalm screams of human flames
 Of a prime time Belsen feast, yeah!
 As the reasons for the carnage cut their meat
 And lick the gravy
 We oil the jaws of the war machine
 And feed it with our babies

The body bags and little rags of children
 Torn in two
 And the jellied brains of those who remain
 To put the finger right on you
 As the madmen play on words and make us all
 Dance to their song
 To the tune of starving millions
 To make a better kind of gun

(Iron Maiden – 2 minutes to midnight)

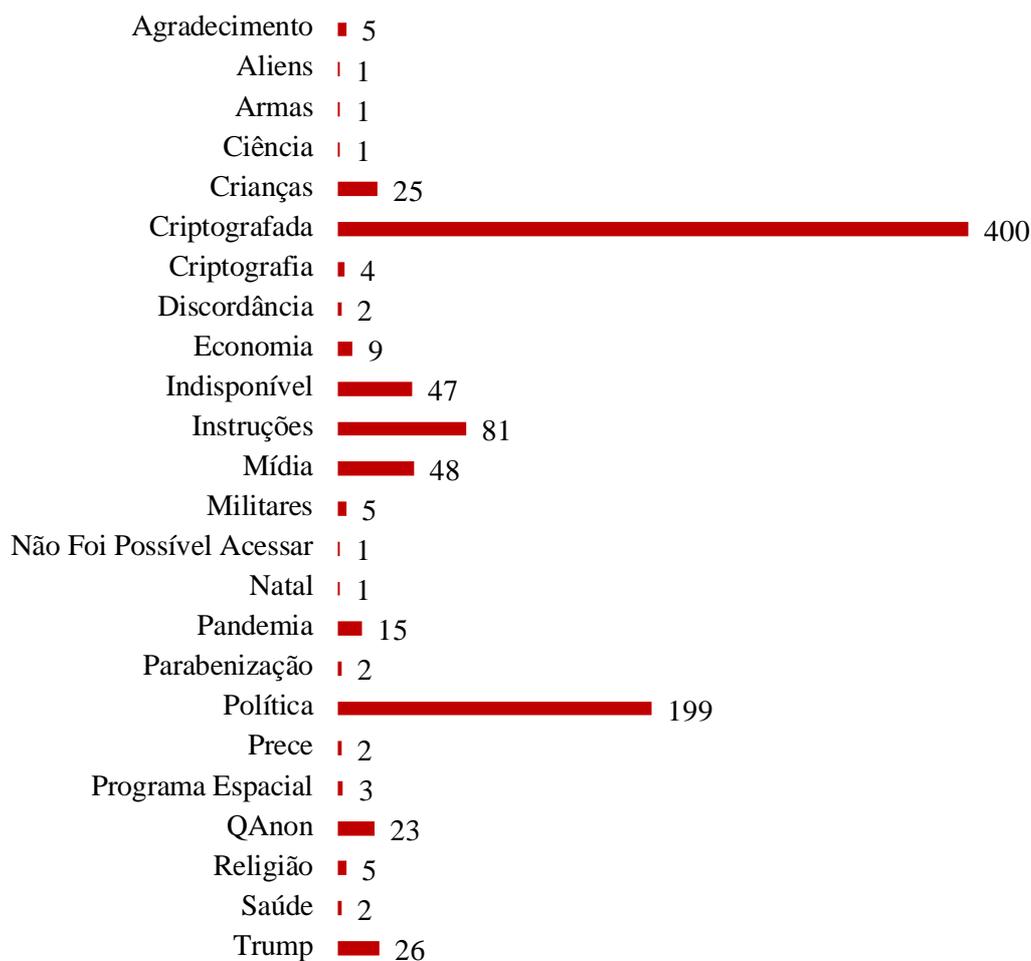
5 ANÁLISE DE DADOS

O indivíduo identificado como “Q” escreveu ao longo de cinco anos mais de 4 mil mensagens, as quais tiveram o seu significado avaliado para fins do presente estudo.

5.1 AS POSTAGENS DO QANON

Partindo para a análise dos conteúdos divulgados pelo QAnon, trata-se da frequência, dentro da amostra selecionada (908 postagens), de vezes que cada tema foi central nas postagens. O seguinte gráfico foi produzido para melhor visualização³⁴:

Figura 6 – Caracterização de conteúdos produzidos e disseminados pelo QAnon (2017-2022)



Fonte: Dados da pesquisa

³⁴ Optou-se por deixar os conteúdos em ordem alfabética para rápida localização do leitor.

De imediato, o primeiro ponto a se destacar é a predominância de mensagens de conteúdo criptografado ou impossível de se definir com exatidão o assunto (44,1%). De igual forma, em segundo lugar, ficou o tema política (21,9%). Ambos os resultados já eram esperados devido à reputação do QAnon.

Os procedimentos para compreensão e análise da tabela disponível on-line são: clicando no ícone superior direito de “Tabela”, é encaminhado para a página cuja imagem se encontra a seguir. Pode-se então optar por exibir todos os resultados ou filtrar pela temática, agrupando e já fornecendo a informação da quantidade de postagens de cada tema. Na primeira coluna, estão os números totais da amostra de 1 a 908, ao passo que na segunda coluna constam os números sorteados de 1 a 4.966. A terceira coluna apresenta o conteúdo da postagem e a última a temática nela identificada.

Figura 7 – Representação da tabela de conteúdos produzidos e disseminados pelo QAnon (2017-2022)

Número	Sorteio	Postagem	Temática
1	2	Mockingbird HRC detained, not arrested (yet). Where is Huma? Follow Huma. This has nothing to do w/ Russia (yet). Why does Potus surround himself w/ generals? What is military intelligence? Why go around the 3 letter agencies? What Supreme Court case allows for the use of MI v Congressional assembled and approved agencies? Who has ultimate authority over our branches of military wo approval conditions unless 90+ in wartime conditions? What is the military code? Where is AW being held? Why? POTUS will not go on tv to address nation. POTUS must isolate himself to prevent negative optics. POTUS knew removing criminal rogue elements as a first step was essential to free and pass legislation. Who has access to everything classified? Do you believe HRC, Soros, Obama etc have more power than Trump? Fantasy. Whoever controls the office of the Presidency controls this great land. They never believed for a moment they (Democrats and Republicans) would lose control. This is not a R v D battle. Why did Soros donate all his money recently? Why would he place all his funds in a RC? Mockingbird 10.30.17 God bless fellow Patriots.	Política

Fonte: Dados da pesquisa

Faz-se necessário também elucidar o que está presente em cada uma das categorias para que não haja dúvidas na interpretação³⁵:

“Agradecimentos” (0,6%), “Q” agradece aos seus seguidores e outras pessoas por suas ações ou suporte. Pode-se observar na postagem 2.480: “(imagem de bandeira dos EUA) With

³⁵ Optou-se por copiar as mensagens em seus textos originais no idioma inglês, visto que as mais sutis traduções podem provocar mudança na interpretação, já tão discutida entre os seguidores do QAnon. No mais, qualquer “erro” de digitação deve levantar o questionamento se foi proposital ou não.

Respect, Honor, and Gratitude. Your sacrifice(s) will never be forgotten. Thank you and God Bless, Veterans! Q”.

“Aliens” (0,1%), é composta de uma única alegação de que humanos não estão sozinhos no universo. Presente na postagem 2.222: uma pessoa pergunta “Q Are we alone ? Roswell ?”, ao que ele responde “>>3093831 No. Highest classification. Consider the vastness of space. Q”.

“Armas” (0,1%), “Q” declara que armas são seguras na postagem 919: “Guns are safe. Stop falling for FAKE NEWS. Q”.

“Ciência” (0,1%), responde à dúvida de um seguidor e afirma que a Terra não é plana na postagem 2.622: primeiro Q escreve uma outra postagem “>>4281121 Assumption correct. 10k YE. 2019 1 + 2 should be closely evaluated. Help will be provided. Senate to investigate 2019. Q”, ao que um dos seguidores faz uma pergunta, “>>4281410 Just to shut the Flat Earthers up Q, Is the Earth flat?”, e então ele responde, “>>4281479 No. Q”.

“Crianças” (2,8%), um tema também recorrente, aborda um vasto leque de tópicos que vão desde abuso infantil, tráfico de pessoas, Jeffrey Epstein, com participação de políticos Democratas e famosos, até a Fundação de Hillary Clinton. Um dos exemplos é a postagem 1.861: “(imagem de postagens de Rainn Wilson sobre ferir crianças) https://www.reddit.com/r/greatawakening/comments/96tlyp/unbelievable_i_was_reading_a_tweet_from_jordan/ Normal? <https://twitter.com/NBCNews/status/1028408743309008899> The More You Know... Q”, ao que o próprio responde, “(imagem ligando Jeffery Epstein, pedofilia, os Clintons e artistas) >>147 Normal? Q”.

“Criptografada” (44,1%) é a categoria que reúne toda postagem cuja mensagem não pudesse ser claramente detectada ou deixasse dúvidas, fosse por estar efetivamente criptografada, fosse por ter sido escrita de maneira enigmática que desse abertura para mais de uma interpretação. A postagem 123 exemplifica: “Nothing is random. Everything has meaning. +++ Q.”

“Criptografia” (0,4%) aborda técnicas de criptografia em mensagens, bem como trocas e supressões de letras. Um exemplo é a postagem 1.141: “(imagem de postagem de Donald Trump com erro ortográfico) Coincidence? Has the error been corrected? Why not? Q”, ao que ele mesmo responde, “>>1015000 Misspellings matter. Q”.

“Discordância” (0,2%), “Q” responde a outras pessoas discordando delas. Um curto exemplo é a postagem 1.119: um seguidor escreve “(imagem de Osama Bin Laden com pessoas não identificadas) Thoughts...? God bless.”, ao que ele responde, “>>978366 Fake. Q”.

“Economia” (1%) trata de questões econômicas, tais como controle econômico, domínio de bancos, mercado de ações, George Soros e grupo Rothschild. A exemplo, a postagem 1.824: “(imagem comparando o PIB de diversos países com o dos EUA) Ask yourself, if the U.S. GDP is greater than the total of all others combined (G7), which allows us to negotiate from a position of strength, why would previous President's 'knowingly' [unequally] distribute America's wealth away by making unbalanced trade deals? Why was America's wealth being distributed WW? Why was the American taxpayer essentially subsidizing the rest of the world? The AMERICAN TAXPAYER has no equal anywhere in the world. ACCESS to the AMERICAN CONSUMER (U.S. Market) is ESSENTIAL for every major country in the world. AMERICA WAS SYSTEMATICALLY BEING WEAKENED. OUR MILITARY WAS SYSTEMATICALLY BEING WEAKENED. AMERICA IS BACK TO LEADING. AMERICA FIRST. THIS IS WHAT HAPPENS WHEN POTUS HAS NO STRINGS ATTACHED. Q”.

“Indisponível” (5,2%) não se trata do conteúdo propriamente dito e sua temática, mas sim de não ser possível avaliar devido a *links* indisponíveis que comprometeram o significado das postagens. Por exemplo, a postagem 3.076: “https://twitter.com/filthy_liberals/status/1106369915265658880 Q”. Optou-se por fazer constar no gráfico e na tabela uma vez que o usuário “Q” faz divulgação de *links*, ao que não poderiam ser ignorados.

“Instruções” (8,9%), “Q” escreve diretamente para os seguidores, são respostas, instruções propriamente ditas, orientações, comentários, explicações. Um exemplo é a postagem 3.683: ele primeiro escreve “<https://time.com/5748850/uk-election-result-2019/> National pride. Independence. We, the People. Welcome to the Party. WWG1WGA!!! Q”, ao que é respondido por um seguidor, “>>7515215 God Bless you POTUS and Q! You saved our nation and our children's future.” E então, ele escreve mais uma vez, “>>7515309 We are all equal in this fight. No one person is above another. "Put on the full armor of God, so that you can take your stand against the devil's schemes." God bless you. United We Stand. Q”.

“Mídia” (5,3%) ataca todo tipo de mídia, seja a mídia de massa, redes sociais ou sites, acusa de notícias falsas, descredibiliza, fala de liberdade de expressão e censura. A postagem 4.278 exemplifica o assunto perpassando a política: “<https://www.bostonherald.com/2020/05/17/disinformation-from-schiff-media-damaged-america/> Corporate media control [source]: Bill Clinton_ 1996 Telecommunications Act [2016 campaign [+CF] contributions [HRC] by media] Control of information. Control of narrative. Control of people. Q”.

“Militares” (0,6%) aborda ameaças militares, mísseis, e também as forças armadas estadunidenses. A postagem 38 é um exemplo significativo: “Four carriers & escorts in the pacific? Why is that relevant? To prevent other state actors from attempting to harm us during this transition? Russia / China? Or conversely all for NK? Or all three. Think logically about the timing of everything happening. Note increased military movement. Note NG deployments starting tomorrow. Note false flags. Follow Huma. Prepare messages of reassurance based on what was dropped here to spread on different platforms. The calm before the storm.”

“Não foi possível acessar” (0,1%), situação em que o *link* compartilhado não foi possível de ser acessado, o que não se trata de uma avaliação temática, porém faz-se constar por ter sido sorteado dentro da amostra. Aconteceu em um único caso, a postagem 403: “<https://8ch.net/pol/res/11034208.html#11068701> Q”.

“Natal” (0,1%), deseja feliz natal, na postagem 457: um seguidor escreve para ele “Merry Christmas Q!”, ao que ele responde, “>>172726 MERRY CHRISTMAS! Celebrate this SPECIAL day in a BIG way. God bless you all. Q”.

“Pandemia” (1,7%) contempla a pandemia de Covid-19, quase sempre desacreditando os males da doença, também aborda o que chama de notícias falsas, medos e histeria. Essa ligação fica bastante explícita na postagem 3.913, relacionando o tema também à política: “<https://twitter.com/chrisbergPOVNOW/status/1247680994821509121> What is the primary benefit to keep public in mass-hysteria re: COVID-19? Think voting. Are you awake yet? Q”.

“Parabenização” (0,2%), parabeniza os seguidores por suas postagens. Um exemplo está na postagem 766: um seguidor faz a postagem “(imagens sobre SecureDrop, pistas e migalhas de Q)”, ao que aparentemente ele responde, “I posted this a week ago and it never made traction. See Apache circled”, e “Q”, por sua vez, escreve para ele “>>382122 Great work, Anon. Q”.

“Política” (21,9%), em sua maioria, questiona membros do partido Democrata e outros políticos e funcionários públicos ligados a eles, além de abordar política externa e eleições estadunidenses. Um dos diversos exemplos é a postagem 1.317: “(imagem da mensagem 609) Re_read drops. Today: JK & Iran Important - context for future news. Why is Hussein/JK traveling WW and meeting w/ foreign heads of state (some enemies of the U.S.)? HRC/BC flying under the radar - same/unreported - why? (2) former presidents/sec of states (out of power/authority) racing around the world pre/post POTUS - why? UNPRECEDENTED? The World is Connected. The World is Watching. Q.”

“Prece” (0,2%), realiza preces, como na postagem 490: “God FOREVER bless our brave men & women who would give their life to defend this GREAT country. God bless each and every Patriot in the world. Let FREEDOM RING. Q”.

“Programa espacial” (0,3%) contempla o programa espacial estadunidense e a SpaceX. Um exemplo é a postagem 209: “Why did BO scuttle the shuttle program? What is SpaceX? Expand your thinking. Q”.

“QAnon” (2,5%) discorre sobre si próprio, como os outros o enxergam, como a mídia o retrata, abrange "provas" de que fala a verdade, o serviço prestado de trazer essa verdade para o público. Pode ser exemplificado com a postagem 1.528: “(imagem de muro pichado com #QAnon) Barcelona. The World is watching. Truth. Light. Q”.

“Religião” (0,6%) aborda diversas religiões, tais quais: catolicismo, judaísmo, satanismo, islamismo e maçonaria, todas de uma forma pejorativa. A postagem 1.002 aborda bem essa questão: um seguidor compartilhou “(imagem com os dizeres ‘se satanistas tomassem o Vaticano, você notaria?’)”, ao que ele respondeu, “>>885429 Symbolism will be their downfall. MONEY. POWER. INFLUENCE. The BITE that has no CURE - NSA. Q”.

“Saúde” (0,2%) questiona os órgãos de saúde dos Estados Unidos e remédios para gripe. Pode ser observado na postagem 734: “Apparently the release the cure memes are working... it was announced on Midwest radio, a miracle one day cure for the flu will be released by the cd. In 2018. I’m looking. For sauce on it now”, um seguidor escreveu, ao que outro ou talvez ele respondeu com “>>342714 sauce [https:// www.wsj.com/articles/experimental-drug-promises-to-kill-the-flu-virus-in-a-day-1518264004](https://www.wsj.com/articles/experimental-drug-promises-to-kill-the-flu-virus-in-a-day-1518264004)”, e “Q” fez o seguinte comentário, “>>342747 What a coincidence. This board has more power & influence than anyone comprehends. Q.”

“Trump” (2,9%), diretamente envolve o ex-presidente estadunidense Donald Trump, bem como sua possível relação com o QAnon, e o enxerga como uma espécie de salvador. O principal exemplo é um vídeo que ele posta de maneira recorrente e que aparece na postagem 837: “<https://www.youtube.com/watch?v=G2qIXXafxCQ> Listen carefully. TRUST. WE are FIGHTING for YOU. GOD BLESS YOU ALL. Q”.

5.2 INFERÊNCIAS E RESULTADOS

Após a observação das postagens do usuário “Q” em cotejo com o referencial teórico a respeito de Regimes de Informação e desinformação, chegou-se às seguintes considerações.

O QAnon utiliza sua rede de seguidores para disseminar informações falsas da seguinte maneira: o usuário anônimo “Q” escreve uma determinada informação em um fórum da *deep web* (atualmente o **8kun**); imediatamente essa postagem começa a ter respostas, réplicas e passa a ser difundida em outros meios, como o Twitter ou os sites criados pelos seguidores para funcionar como espécie de catálogo virtual. Os seguidores debatem as mensagens,

fundamentam, encontram explicações, ligam com outros tópicos, trazem as chamadas “evidências” que dão o sustentáculo de toda a teoria para outras pessoas, e os mesmos conteúdos que são aparentemente fora de contexto passam a ser usados como armas contra um inimigo oculto do Estado estadunidense.

Tal comportamento exemplifica um Regime de Informação, tendo uma pessoa ao centro (“Q”) que publica as suas ideias virtualmente, e então as espalha para os seguidores, que vão replicando e proporcionando um alcance cada vez maior, sem questionar o conteúdo, apenas aceitando devido à confiança na “fonte”, ou seja, nas palavras do próprio “Q” como um membro infiltrado no governo.

QAnon modelou para si um Regime de Informação virtual que funciona plenamente, uma rede de influências que se estende em diversos níveis da sociedade estadunidense, da população comum até membros do Congresso. É para essas pessoas que ele escreve, são elas que ele coordena, detendo o poder de fazer acreditar no que ele quiser ou sentir vontade no dia, determinando qual será a “caça às bruxas” daquela vez, dependendo do que estiver em voga na mídia.

Muito poder para uma única pessoa que se mantém anônima, um dos maiores influenciadores digitais do mundo contemporâneo.

Logicamente, esse comportamento produz consequências informacionais e, por conseguinte, para a sociedade como um todo, em seus aspectos políticos, sanitários, científicos e econômicos.

A primeira consequência imediata é a propagação de notícias falsas ou sem nenhum fundamento científico ou passível de prova. Isso fica bastante claro na categoria “QAnon” da tabela presente no *link*. Por vezes, uma simples foto se torna uma confirmação, ou uma coincidência de horários de postagens sucessivas. Isso deveria ser uma evidência? Certamente que não.

Um exemplo é a postagem 1.408, que conta com fotos de caixas em um aeroporto, creditadas sem qualquer prova como cheias de telefones a serem entregues para membros do “culto” do qual fazem parte os políticos Democratas. Embora não haja evidências contundentes, as pessoas acreditam, pois partiu de “Q”, ou creem que apenas as fotos das caixas já é uma prova em si. Isso é perigoso, pois leva pessoas a crerem em coisas sem comprovação.

As notícias falsas não apresentam qualquer benefício social, pelo contrário, são um retrocesso e um exemplo do mau uso da tecnologia quando se trata de difusão e manipulação de dados.

Certamente, a teoria da conspiração pode ir longe em suas criações e disseminação de inverdades. As consequências sociais beiram o caos, pois não existe outra forma de sumarizar o que acontece quando informações falsas são espalhadas e creditadas como verdadeiras.

Com diz o meme “Achei que em 2020 teríamos carros voadores, e não que explicar que a Terra não é plana”, as notícias falsas têm dominado os meios de comunicação. São como gasolina para uma situação em que muitas informações são produzidas ao mesmo tempo e as pessoas não dispõem de competências, tempo, disposição, ou interesse para procurar saber o que é verdade ou não.

Como pode ser visto nas categorias Saúde, Economia, Pandemia e Política principalmente, “Q” é um verdadeiro contador de histórias, desenvolvedor da sua “verdade”, e espalha a sua teoria conspiratória de um Estado aparelhado por um culto de satanistas abusadores de crianças. Não se pode olvidar inclusive da participação do movimento QAnon na invasão do Capitólio, motivado pela falsa crença de fraude nas eleições presidenciais estadunidenses.

Esta é talvez a mais profunda consequência informacional e social da atuação do QAnon como Regime de Informação: a capacidade de influenciar pessoas a fazerem exatamente o que ele quer, sem questionar, tornando-se uma autoridade acima de qualquer bom senso.

I'm waking up to ash and dust
I wipe my brow and I sweat my rust
I'm breathing in the chemicals

I'm breaking in, shaping up
Then checking out on the prison bus
This is it, the apocalypse, ooh

I'm waking up
I feel it in my bones
Enough to make my system blow
Welcome to the new age, to the new age

I'm radioactive, radioactive

I raise my flag and dye my clothes
It's a revolution, I suppose
We're painted red to fit right in, ooh

All systems go
The Sun hasn't died
Deep in my bones
Straight from inside

(Imagine Dragons – Radioactive)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Disseminação da informação, desinformação e *fake news* fazem parte do cotidiano do século XXI, cabendo dispor de competências para ser capaz de discernir aquilo que é verdadeiro do que é falso.

O presente estudo trata dos Regimes de Informação em sua organização, operacionalização e também formas de uso por aqueles que os compõem, o que resulta no assunto em questão: um RI utilizado para disseminar informações falsas, com consequências graves para a sociedade. É o caso do usuário anônimo “Q”. Como explanou este estudo, o QAnon modelou um Regime de Informação ao seu redor, conformando-o para abrigar uma espécie de séquito religioso, cego em um dogmatismo que não o questiona e apenas propaga as mensagens segundo suas convicções ou conveniências, sejam elas verdade ou não, provoquem danos ou não.

Os temas por ele abordados estão organizados de maneira temática e daí inferiram-se as consequências, ou ainda, os pontos nevrálgicos que o usuário “Q” buscou atingir, pelo seu objetivo de estender seu entendimento e suas palavras a quem ele busca manipular e corromper, mostrando-se sempre presente, mas jamais se revelando. Ao final deste estudo, coincidentemente, o usuário “Q” desapareceu, não se manifestando desde final de 2022, o que levanta questionamentos, tais como “Qual foi o seu real objetivo?”, “Ele estava ciente de que suas palavras eram informações falsas?”, “Tudo não passou de uma grande brincadeira ou um experimento social?”, dentre outros. Há que se abordar a hipótese de que ele desistiu de continuar, depois que tantas pessoas o enfrentaram com os resultados das últimas eleições presidenciais estadunidenses.

No entanto, ele pode retornar em 2023/2024, visto que Donald Trump já anunciou a pretensão de concorrer mais uma vez à presidência dos Estados Unidos em 2024, no entanto é cedo para afirmar algo antes que o Partido Republicano escolha seu candidato oficial para as eleições. Não seria inédito “Q” reaparecer quando a direita mais se beneficia de suas histórias.

Em momentos assim, o mundo prende a respiração, não se sabe mais em quem confiar, não se sabe mais o que pode ser considerado verdade e o que é mentira nos meios de comunicação de massa e também nos meios independentes. A grande mídia ainda deve ser acompanhada, não deixando de lado as informações transmitidas por meios alternativos e pelo jornalismo investigativo, mas observando as fontes citadas. Em tempos de *deep fake*, adulteração de imagens e criação de sites réplica para passar confiabilidade, toda cautela com

as fontes de informação é necessária, além da averiguação, pois não se pode olvidar o potencial destrutivo das informações falsas.

Este deverá ser o papel da Academia: atuar como uma fonte de informação imparcial ao transmitir informações, sanando as necessidades de conhecimento quando outros meios estão falhando em atender à população, não se deixando contaminar por mentiras, ideologias ou interesses externos.

Assim, o presente trabalho se propôs a apresentar uma abordagem diferenciada do QAnon e do fenômeno da desinformação, com foco em ambientes virtuais e nos Regimes de Informação. Foi necessário, além de levantar a literatura pertinente, trazer dados quantitativos dos conteúdos das postagens do usuário “Q” e, dessa forma, aprofundar os estudos acerca das crenças dos seguidores dessa teoria.

Isso ficou presente no cumprimento dos objetivos estabelecidos para esta pesquisa, cujo objetivo geral consiste em: caracterizar o QAnon como RI que dissemina desinformações com consequências informacionais para a sociedade, o qual foi cumprido ao se desenvolver os objetivos específicos escolhidos para essa finalidade, quais sejam: primeiro, descrever a trajetória e as ações do QAnon; depois, apresentar o QAnon como Regime de Informação; e, por fim, caracterizar os seguidores de “Q” como parte do regime.

Tais objetivos foram atingidos ao abordar inicialmente o conceito de RI, o enquadramento do QAnon pelas características adquiridas e expressas pelo movimento, seu funcionamento e histórico de atuação. Assim, foi passível de ser observado como o RI do qual faz parte não só o próprio usuário “Q” — que atua no centro da rede — como também seus seguidores, parte fundamental do funcionamento desse sistema de disseminação de informações. Dessa maneira, o objetivo geral pôde ser atendido por meio do levantamento dos conteúdos propagados dentro desse RI, inferindo-se as consequências dele resultantes.

As contribuições deste trabalho referem-se não somente ao seu papel de participar do debate sobre a desinformação e as *fake news* de forma geral, como uma necessidade contemporânea, mas também ao fato de o QAnon ser um tema ainda pouco trabalhado sob uma perspectiva da Ciência da Informação, em especial no tocante à disseminação dos conteúdos feitos pelo usuário “Q”. Ele abrange, nesse ponto, a organização temática das postagens, com uma análise amostral relevante, baixo índice de erros e dados estatísticos, bem como o enquadramento do grupo como um Regime de Informação, conforme já elucidado. São todas novas formas de se enxergar e conceber problemas antigos que estão se espalhando cada vez mais dentro da internet, em ambientes virtuais que se sustentam no anonimato e na suposta ausência de lei dentro da rede, o que atinge grupos de pessoas sugestionáveis.

Consequentemente, destaca-se a importância do tema no alerta à população brasileira, que tem se mostrado cada vez mais receptiva às *fake news*, alienada pelas redes sociais e em luta constante contra os meios de informação tradicionais, o jornalismo investigativo e a palavra de entidades especializadas. Assim, pesquisas deste tipo se tornam necessárias para levantar questionamentos, compreender e também conscientizar a respeito não só da situação em foco, mas sobre o que pode ser feito para minimizá-la e resolvê-la, servindo também de base para outras pesquisas.

Quanto às limitações enfrentadas neste estudo, vale destacar o aspecto subjetivo ao catalogar as postagens. Além disso, também os entraves de ordem acadêmica decorrentes da pandemia de Covid-19 e o complicado acesso à *deep web*.

Por fim, uma frase que foi considerada motora para a produção desta pesquisa acadêmica foi "*we're all living in Amerika*", escrita por alemães da antiga Alemanha Oriental, questionando o poder dos Estados Unidos em obrigar os outros países a “dançar conforme sua música”. Nesse sentido, todas as pessoas do planeta, não importa de qual país sejam, qual idioma falem, qual religião sigam, estão vivendo à sombra desse poder e da cultura estadunidense. Essas mesmas pessoas estão consumindo os seus produtos, comprando e até mesmo almejando o *American way of life*, tão vendido pelo mercado cinematográfico. Por consequência, acabam replicando, direta ou indiretamente, e absorvendo a influência provocada pelo *soft power* dos Estados Unidos. O fenômeno é, portanto, mais do que uma onda, é uma avalanche que se estende desde o pós-guerra e a qual não se detém facilmente, mas que se pode controlar por meio do conhecimento, em especial quando se trata de aspectos destrutivos que estão sendo importados, como a violência, o culto às armas, o “complexo de Deus” — isto é, de superioridade, infalibilidade e perfeição — e as teorias da conspiração. O QAnon representa muito bem tudo isso ao defender cega e absolutamente Donald Trump, baseando-se em notícias falsas e infundadas, espalhando teias de Regimes de Informação que cruzam fronteiras geográficas e disseminam desinformações.

Para encerrar, fica a mensagem de que toda informação deve ser questionada, toda fonte deve ser conferida e apenas se uma quantidade relativamente alta de fontes que gozem de credibilidade puderem ratificar uma informação, esta poderá então ser tratada como verdadeira. Não é acreditando em milagres, em “delatores do governo” que se escondem no anonimato e usam fotos sem qualquer contexto, que essa crise de confiabilidade poderá ser resolvida.

As instituições precisam ser cobradas para que sejam feitas melhorias em seus sistemas de conferência de fatos, para que notícias falsas não sejam transmitidas, o que só pode ser feito com o apoio da população e das ferramentas do Estado, como atos legislativos que versem sobre

fake news e regulamentação, tal qual está ocorrendo agora no Brasil no âmbito do Governo Federal.

Não há soluções simples, mas um trabalho lento e persistente que, com muito cuidado, capacitação e educação, poderá garantir um futuro em que informações inverídicas e sem qualquer base de veracidade sejam eliminadas, esquecidas e, principalmente, não sejam mais disseminadas entre a população.

REFERÊNCIAS

- ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, American Economic Association, v. 31, n. 2, p. 211-236, May 1 2017. <http://dx.doi.org/10.1257/jep.31.2.211>. Disponível em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- AKERS, J.; BANSAL, G.; CADAMURO, G.; CHEN, C.; CHEN, Q.; LIN, L.; MULCAIRE, P.; NANDAKUMAR, R.; ROCKETT, M.; SIMKO, L.; TOMAN, J.; WU, T.; ZENG, E.; ZORN, B.; ROESNER, F. Technology-Enabled Disinformation: Summary, Lessons, and Recommendations. **arXiv.org**, v. 1, 2019. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1812.09383>. Acesso em: 04 abr. 2022.
- ARAÚJO, R. F. Atores e ações de informação em redes sociais na internet: pensando os regimes de informação em ambientes digitais. **DataGramZero**, v. 15, n. 3, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/8239>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. Florianópolis: Editora UFSC, 2001.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, [2006].
- BARRETO, A. de A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/5Q85NCzRFvJ8BLjJd54jLMv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 abr. 2022.
- BECKETT, L. QAnon: a timeline of violence linked to the conspiracy theory. **The Guardian**, London, 16 out. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2020/oct/15/qanon-violence-crimes-timeline>. Acesso em: 01 fev. 2022.
- BEZERRA, A. C. Contribuição da teoria crítica aos estudos sobre regime de informação e competência crítica em informação. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103164>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- BEZERRA, A. C. Da teoria matemática para uma proposta de teoria crítica da informação: a integração dos conceitos de regime de informação e competência crítica em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 182-201, jul. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-4026>.
- BEZERRA, A. C. Vigilância e cultura algorítmica no novo regime global de mediação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.L.], v. 22, n. 4, p. 68-81, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2936>.
- BEZERRA, A. C.; CAPURRO, R.; SCHNEIDER, M. Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital. **Liinc em Revista**, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4073/3393>. Acesso em: 05 abr. 2022.

BEZERRA, E. P.; SILVA, Z. C. G. da; GUIMARÃES, Í. J. B.; SOUZA, E. D. de. Regime de informação: abordagens conceituais e aplicações práticas. **Em Questão**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 60, 11 ago. 2016. Faculdade de Biblioteconomia Comunicação. <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245222.60-86>.

BOBBIO, N. **Estado, governo, sociedade**: para uma teoria geral da política. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/bobbio-n-estado-governo-sociedade-para-uma-teoria-geral-da-polc3adtica.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2021.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAGA, G. M. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/612/614>. Acesso em: 03 abr. 2022.

BRAMAN, S. The Emergent Global Information Policy Regime. **The Emergent Global Information Policy Regime**, [S.L.], p. 12-38, 2004. Palgrave Macmillan UK. http://dx.doi.org/10.1057/9780230377684_2.

BRAMAN, S. The geopolitical vs. the network political: Internet designers and governance. **International Journal of Media & Cultural Politics**, v. 9, n. 3, p. 277-296, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/263611201_The_geopolitical_vs_the_network_political_Internet_designers_and_governance. Acesso em: 15 ago. 2021.

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., Marília-SP. **Anais...** São Paulo: ANCIB, 2018. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1219. Acesso em: 05 jun. 2021.

CAMPOS, E. M. Desinformación en la Sociedad de la Información y el Conocimiento. *In*: CAMPOS, E. M. (Cord.). **La posverdad y las noticias falsas: el uso ético de la información**. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2018, p. 81-109. Disponível em: https://ru.iibi.unam.mx/jspui/bitstream/IIBI_UNAM/L151/2/posverdad_noticias_falsas_s.pdf. Acesso em: 06 abr. 2022.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, abr. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-99362007000100012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2022.

CARTER, B. What is QAnon? The conspiracy theory tiptoeing into Trump world. **Npr**. [S.L.], ago. 2020. Disponível em: <https://www.npr.org/2018/08/02/634749387/what-is-qanon-the-conspiracy-theory-tiptoeing-into-trump-world>. Acesso em: 04 out. 2020.

CARVALHO, P. R.; SOUSA, P. C. C.; SCHNEIDER, M. A. F. Desinformação na pandemia: similitudes informacionais entre Estados Unidos e Brasil. **Em Questão**, v. 27, n. 3, p. 15-41, 2021. doi: 10.19132/1808-5245273. Acesso em: 06 abr. 2022.

CASTELLS, M. Prólogo: a rede e o ser. *In*: CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer e Klauss Brandini Gerhardt. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 39-66.

CASTELLS, M. A revolução da Tecnologia da Informação. *In*: CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer e Klauss Brandini Gerhardt. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 67-113.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, nov. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/885>. Acesso em: 05 abr. 2022.

FALLIS, D. A conceptual analysis of disinformation. *In*: iCONFERENCE, 2009. **Proceedings...**, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2142/15205>. Acesso em: 10 abr. 2022.

FERREIRA, J. R. S.; LIMA, P. R. S.; SOUZA, E. D. Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da covid-19. **Em Questão**, v. 27, n. online, n. 1, p. 30-53, 2021. DOI: 10.19132/1808-5245271.30-53. Acesso em: 15 mar. 2022.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Portugal: Edições 70, 2013.

FROHMANN, B. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. ANNUAL CONFERENCE: CANADIAN ASSOCIATION FORMINFORMATION, 23., 1995. **Anais...** Edmonton, Alberta: CAIS/ACSI, 1995. Disponível em: https://www.academia.edu/14044809/Taking_information_policy_beyond_information_science_applying_the_actor_network_theory. Acesso em: 28 jul. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n.1, p. 27-40, 2002. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/975/1013>. Acesso em 31 jul. 2021.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Política e gestão da informação: novos rumos. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 28, n. 2, 1999. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/839>. Acesso em: 1 ago. 2021.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Reflexões sobre a genealogia dos regimes de informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 29, n. 1, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/111782>. Acesso em: 01 ago. 2021.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], v. 22, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/14376>. Acesso em: 15 ago. 2021.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; CHICANEL, M. As mudanças de regimes de informação e as variações tecnológicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008.

GREG News. **Q-Anon**. Rio de Janeiro: HBO, 2020. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zVhn9WT-Xqg>. Acesso em: 05 out. 2021.

KIRKPATRICK, D. Who is behind QAnon? Linguistic detectives find fingerprints. **The New York Times**, Nova York. 19 fev. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/02/19/technology/qanon-messages-authors.html>. Acesso em: 26 abr. 2023.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996. Disponível em: <https://bibliotextos.files.wordpress.com/2012/07/a-cic3aancia-da-informac3a7c3a3o-le-coadic.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2022.

LEITE, L. R. T.; MATOS, J. C. M. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. 00, p. 2334-2349, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/918>. Acesso em: 02 mar. 2022.

LING, J. 5G and QAnon: how conspiracy theorists steered Canada's anti-vaccine trucker protest. **The Guardian**, London, 08 fev. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/feb/08/canada-ottawa-trucker-protest-extremist-qanon-neo-nazi>. Acesso em: 08 fev. 2022.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MCINTIRE, M.; ROOSE, K. What happens when QAnon seeps from the web to the offline world. **The New York Times**, Nova York. 09 fev. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/02/09/us/politics/qanon-trump-conspiracy-theory.html>. Acesso em: 05 maio 2021.

MELLO, M. R. G.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. Desinformação, verdade e pós-verdade: reflexões epistemológicas e contribuições de piaget. **Logeion: filosofia da informação**, v. 7, p. 108-127, 2021. DOI: 10.21728/logcion.2021v7n2.p108-127 Acesso em: 05 abr. 2022.

MERCEDES NETO; GOMES, T. de O.; PORTO, F. R.; RAFAEL, R. de M. R.; FONSECA, M. H. S.; NASCIMENTO, J. Fake news no cenário da pandemia de Covid-19. **Cogitare Enfermagem**, v. 25, 22 abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/72627>. Acesso em: 03 abr. 2022.

MONTEIRO, S. D. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramZero**, v. 8, n. 3, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6089>. Acesso em: 1 ago. 2021.

MORETZSOHN, S. D. “Uma legião de imbecis”: hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária | “A legion of imbeciles”: hyperinformation, alienation, and the fetishism of libertarian technology. **Liinc em Revista**, Brasília, DF, v. 13, n. 2, 2017. DOI: 10.18617/liinc.v13i2.4088. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4088>. Acesso em: 14 mar. 2022. Acesso em: 08 out. 2020.

NEMER, D. Democracia digital. In: **Registros de Informação** Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0iyc8savXpo>. Acesso em: 29 jan. 2022.

O QUE é a teoria conspiratória QAnon que está migrando para o Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2021. Son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pmoAgijj2_w. Acesso em: 05 fev. 2022.

OLIVEIRA, E. F. T.; GRÁCIO, M. C. C. Análise a respeito do tamanho de amostras aleatórias simples: uma aplicação na área de ciência da informação. **DataGramaZero**, v. 6, n. 3, jun. 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6591>. Acesso em: 13 jul. 2023.

PAPASAVVA, A.; BLACKBURN, J.; STRINGHINI, G.; ZANNETTOU, S.; CRISTOFARO, E. de. "Is it a Qoincidence?": a first step towards understanding and characterizing the qanon movement on voat.co. **Arxivlabs**, [S.l.], p. 1-13, set. 2020. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/2009.04885.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2022.

PROJETO COMPROVA. Disponível em: <https://projetocomprova.com.br/>. Acesso em: 06 mar. 2022.

RASH, W. Georgetown University discusses the great deplatforming: removing Trump from social media. **Forbes**, Jersey. 31 jan. 2021. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/waynerash/2021/01/31/georgetown-university-discusses-the-great-deplatforming-removing-trump-from-social-media/?sh=27d070835926>. Acesso em: 05 mar. 2022.

RIPOLL, L. Por um advocacy contra a desinformação: entendendo a disseminação das fake news e reconfigurando o papel do profissional da informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., Vitória. São Paulo. FEBAB, 2019. **Anais...** Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/3346>. Acesso em: 03 abr. 2022.

ROE x Wade: o que muda com decisão da Suprema Corte dos EUA sobre aborto? **BBC News Brasil**, São Paulo. 24 jun. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61929519>. Acesso em: 20 out. 2022.

ROMANO, A. New Yahoo News/YouGov poll shows coronavirus conspiracy theories spreading on the right may hamper vaccine efforts. **Yahoo News**. [S.l.]. 22 maio 2020. Disponível em: https://news.yahoo.com/new-yahoo-news-you-gov-poll-shows-coronavirus-conspiracy-theories-spreading-on-the-right-may-hamper-vaccine-efforts-152843610.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly9jYW5hbHRIY2guY29tLmJyLw&guce_referrer_sig=AQAAACrQJwaqPGZjdpNnSEdVnjK-kl4j0pNpUq166nwjo44FndaHTZ8PgpnopW3e7kO0beVHaJN_iQ-D29_I-dgQNea9N-

M2xv13KGQT-zE-
7uwRGr_OqoXz0MTMElrBJgAznZXrACCTyKooYbvFMP_xVkX5KksgG68LhR4KJ3oobm
d5. Acesso em: 02 fev. 2022.

ROSENBERG, M.; STEINHAUER, J. The QAnon candidates are here. Trump has paved their way: The conspiracy theorists accuse Democrats and even fellow Republicans of being beholden to a cabal of bureaucrats, pedophiles and Satanists. President Trump has cheered them on. **The New York Times**. New York, 14 jul. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/07/14/us/politics/qanon-politicians-candidates.html>. Acesso em: 05 maio 2021.

RUDNITZKI, E.; CORREIA, M. Grupos evangélicos e olavistas ajudaram a espalhar fake news de Bolsonaro sobre esquerda e pedofilia: Notícia falsa é antiga mas foi impulsionada por site gospel em maio e voltou a circular entre grupos religiosos e discípulos de Olavo de Carvalho em julho. **Agência Pública**. São Paulo, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/07/grupos-evangelicos-e-olavistas-ajudaram-a-espalhar-fake-news-de-bolsonaro-sobre-esquerda-e-pedofilia/>. Acesso em: 05 maio 2021.

SANTOS, A.; NERIS, N.; ORTELLADO, P.; HORNHARDT, R. Fake news e eleições [debate]. *In*: SEMINÁRIO FESPSP, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mHrf38X30b8>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SANTOS, G. F. Social media, disinformation, and regulation of the electoral process: a study based on 2018 brazilian election experience. **Revista de Investigações Constitucionais**, Universidade Federal do Paraná, v. 7, n. 2, p. 429, 31 out. 2020.. <http://dx.doi.org/10.5380/rinc.v7i2.71057>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rinc/a/smjsTVv5BVxHr5Dy74xN9pR/?lang=en>. Acesso em: 4 mar. 2022.

SANTOS-D´AMORIM, K.; MIRANDA, M. K. F. O. Informação incorreta, desinformação e má informação: esclarecendo definições e exemplos em tempos de desinfodemia. **Encontros Bibli Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 26, p. 1-23, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/157189>. Acesso em: 19 abr. 2022.

SARDARIZADEH, S.; ROBINSON, O. QAnon: por que os seguidores da teoria conspiratória racharam com a saída de Trump do poder. **BBC News Brasil**, São Paulo, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55764003?fbclid=IwAR12LqQSC5zYwJIIQaByXOyI9plw51k7-eiGiLbNK1atw4Eghe1VNTqF3FY>. Acesso em: 05 fev. 2021.

SCHABES, E. **Birtherism, Benghazi and QAnon**: birtherism, benghazi and qanon: why conspiracy theories pose a threat to american democracy. 2020. 83 f. Tese (Doutorado) - Depauw University, Greencastle, 2020. Disponível em: <https://scholarship.depauw.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1158&context=studentresearch>. Acesso em: 05 out. 2020.

SHAO, C.; CIAMPAGLIA, G. L.; VAROL, O.; FLAMMINI, A.; MENCZER, F. The spread of misinformation by social bots. **arXiv**, p.1-16, 2017. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/1707.07592v3.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

SUI, D.; CAVERLEE, J.; RUDESILL, D. The Deep Web and the Darknet: a look inside the internet's massive black box. *The Deep Web And The Darknet: A look inside the internet's massive black box*, Washington, ago. 2015. Disponível em:

<https://www.wilsoncenter.org/publication/the-deep-web-and-the-darknet>. Acesso em: 10 jul. 2023.

TANUS, G. F. de S.C; RENAULT, L. V.; ARAÚJO, C. A. Á. O conceito de documento na Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 158-174, jul. 2012. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/220>. Acesso em: 20 out. 2022.

TORTELLA, T. Invasão do Capitólio completa um ano: relembre o ataque à democracia dos EUA. **CNN Brasil**. São Paulo, 6 jan. 2022. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/invasao-ao-capitolio-completa-um-ano-relembre-o-ataque-a-democracia-dos-eua/>. Acesso em: 05 fev. 2022.

UNGER, R. J. G.; FREIRE, I. M. F. A. Regimes de informação na sociedade da informação: uma contribuição para a gestão da informação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 87–114, 2008. DOI:

10.20396/rdbci.v5i2.2014. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2014>. Acesso em: 01 ago. 2021.

UNGER, R. J. G.; FREIRE, I. M. F. A. Sistemas de informação e linguagens documentárias no contexto dos regimes de informação: um exercício conceitual. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 4, n. 2, p. 102-115, 2006. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40089>. Acesso em: 01 ago. 2021.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acesso em: 03 abr. 2022.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Reflexão sobre a desordem da desinformação: formatos da informação incorreta, desinformação e má informação. *In*: IRETON, C.; POSETTI, J. (Orgs.). **Jornalismo, fake news & desinformação**: manual para educação e treinamento em jornalismo. [S. l.]: UNESCO, 2019. p. 46-58. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>. Acesso em: 6 mar. 2022.

WARZEL, C. Is QAnon the most dangerous conspiracy theory of the 21st century?: “It’s a collaborative fiction built on wild speculation that hardens into reality.” **The New York Times**. Nova York. 4 ago. 2020. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2020/08/04/opinion/qanon-conspiracy-theory-arg.html>. Acesso em: 05 maio 2021.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3952424/mod_resource/content/1/Max%20Weber%](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3952424/mod_resource/content/1/Max%20Weber%20)

20-%20Ensaio%20de%20Sociologia%20-%20Gerth%20%20Mills.pdf. Acesso em: 28 dez. 2021.

WENDLING, M. QAnon: o que é e de onde veio o grupo que participou da invasão ao congresso dos EUA. **BBC News Brasil**. São Paulo. 07 jan. 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55577322?at_custom3=BBC+Brasil&at_medium=custom7&at_campaign=64&at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_custom4=71890150-5760-11EB-ACF4-1FEA39982C1E&at_custom2=facebook_page&fbclid=IwAR12LqQSC5zYwJIIQaByXOyI9plw51k7-eiGiLbNK1atw4Eghe1VNtqF3FY. Acesso em: 05 fev. 2022.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 29, n. 2, 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/889>. Acesso em: 1 ago. 2021.

WONG, J. C. What is QAnon? Explaining the bizarre rightwing conspiracy theory. **The Guardian**. Reino Unido, 31 jul. 2018. p. 1-2. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2018/jul/30/qanon-4chan-rightwing-conspiracy-theory-explained-trump>. Acesso em: 02 out. 2020.

WORD OF THE YEAR 2016. Oxford Dictionaries. 2016. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em 04 abr. 2022.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZUCKERMAN, E.; MCQUADE, M. QAnon and the emergence of the unreal. **The Journal of Design and Science (JoDS)**, Massachusetts, n. 6, p. 1-18, 15 jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.21428/7808da6b.6b8a82b9>. Disponível em: <https://innovation.disi.unitn.it/ibict/2019/readings/mandatory/08%20Zuckerman%20%E2%80%94%20QAnon%20and%20the%20Unreal.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.